



MEG CABOT

A MEDIADORA

A hora mais sombria

quinta de sete
O Diário da Princesa



Série A Mediadora

Vol. 4 - A Hora Mais Sombria

Meg Cabot

Sob o pseudônimo de Jenny Carroll
Da autora da série O Diário da Princesa

Sinopse

Quem estará no quintal de Suzannah? No quarto livro da série 'A Mediadora', Suzannah recebe a visita de uma fantasma do século XIX, aparentemente enterrado no quintal de sua casa. A ser-do-além é (ou era) simplesmente a noiva de Jesse, fantasma pelo qual Suzannah é apaixonada.

A Hora Mais Sombria é o quarto volume da série *A Mediadora*, iniciada com *A terra das sombras*, *O arcano nove* e *Reunião*.

Capítulo 1

Verão. Estação de dias longos e lentos e noites curtas e quentes.

Lá no Brooklyn, onde passei meus primeiro quinze, os verões — quando não significavam colônia de férias — significavam ficar na entrada do prédio com minha melhor amiga, Gina, e os irmãos dela, esperando o caminhão de sorvete passar. Quando não estava quente demais, brincávamos de um jogo chamado Guerra, fazendo times com a garotada do bairro e atirando uns nos outros com armas imaginárias.

Quando ficamos mais velhas, claro, paramos de brincar de Guerra. Além disso, Gina e eu começamos a dispensar o sorvete.

Não que isso importasse. Nenhum dos caras da vizinhança, aqueles com quem costumávamos brincar, queria nada conosco. Bem, pelo menos comigo. Acho que não achariam ruim refazer a amizade com Gina, mas quando finalmente notaram como ela havia se transformado numa gata, Gina estava com a mira apontada para bem mais alto do que os caras do bairro.

Não sei o que esperava do meu décimo sexto verão, o primeiro desde que me mudei para a Califórnia para morar com mamãe e seu novo marido... e, ah, é, os filhos dele. Acho que imaginei os mesmos dias longos e lentos. Só que, na minha mente, seriam passados na praia, e não na portaria de um prédio.

Quanto àquelas noites curtas e quentes, bem, também tinha planos para elas. Só precisava de um namorado.

Mas, por acaso, nem a praia nem o namorado se materializaram, este último porque... sabe o cara de quem eu gostava? Bem, não estava nem um pouco interessado. Pelo menos era o que dava para ver. E a praia porque...

Bem, porque fui obrigada a pegar um emprego.

Isso mesmo: um emprego.

Fiquei horrorizada quando uma noite, durante o jantar, mais ou menos no início de maio, meu padrasto, Andy, perguntou se eu tinha me inscrito para algum trabalho de verão. Respondi tipo: “Que papo é esse?”.

Mas logo ficou claro que, como muitos outros sacrifícios que eu deveria fazer desde que mamãe conheceu Andy Ackerman — apresentador

de um popular programa de trabalhos manuais na TV a cabo, californiano nativo e pai de três filhos —, se apaixonou e se casou com ele, meu longo e preguiçoso verão na praia com os amigos não aconteceria.

No lar dos Ackerman, como logo ficou claro, você tinha duas alternativas sobre como passar as férias de verão: com um emprego ou aulas particulares. Só Mestre, meu meio-irmão mais novo — conhecido por todo mundo, menos por mim, como David —, estava livre das duas coisas, já que era novo demais para trabalhar e tirava notas tão boas que fora aceito numa colônia de férias de informática para o mês inteiro, onde presumivelmente estava aprendendo coisas que iriam torná-lo o próximo Bill Gates — só espero que sem o penteado ruim e os suéteres cafonas.

Meu meio-irmão do meio, Dunga (também conhecido como Brad), não teve tanta sorte. Dunga tinha conseguido levar bomba em inglês e espanhol — um feito espantoso, na minha opinião, já que o inglês era sua língua natal. Portanto, estava sendo forçado pelo pai a ter aulas particulares cinco dias por semana... quando não estava sendo usado como mão-de-obra escrava no projeto que Andy havia começado a fazer enquanto seu programa de TV estava parado durante o verão: detonar grande parte do deque dos fundos da casa e instalar uma minipiscina de água quente.

Dadas as alternativas — emprego ou escola no verão —, optei por procurar trabalho.

Consegui um emprego no mesmo lugar onde meu meio-irmão mais velho, Soneca, trabalha todo verão. Na verdade ele me recomendou algo que, na época, simultaneamente me tocou e me espantou. Só mais tarde descobri que ele havia recebido um pequeno bônus por cada pessoa que recomendou e foi contratada.

Tanto faz. O negocio é o seguinte: agora Soneca — Jake, como é conhecido pelos amigos e pelo restante da família — e eu somos orgulhos empregados do Pebble Beach Hotel and Golf Resort. Soneca como salva-vidas e eu como...

Bem, perdi meu verão para virar babá do hotel.

Certo. Agora pode parar de rir.

Até eu admito que não é o tipo de emprego que já pensei que serviria para mim, desde que não tenho muita paciência e certamente não gosto muito que cusparam no meu cabelo. Mas deixe-me dizer que pagam dez dólares por hora, e isso, não inclui as gorjetas.

E deixe-me dizer também: sabe as pessoas que ficam no Pebble Beach Hotel na Golf Resort? É, é o tipo de gente que costuma dar gorjetas. Generosamente.

Devo dizer que o dinheiro ajudou um bocado a curar meu orgulho ferido. Se tenho de passar o verão ralando feito uma idiota, ganhar cem pratas por dia — e freqüentemente mais — compensa bastante. Porque quando o verão terminar devo ter, sem questionamento, o guarda-roupa de outono mais incrível dentre todo mundo do segundo grau da Academia Católica Junipero Serra.

Então pense nisso, Kelly Prescott, enquanto passa seu verão estirada junto à piscina do seu pai. Já tenho quatro pares de sapatos Jimmy Choo, pagos com o meu dinheiro.

O que acha disso, srta. Cartão AmEx do Papai?

O único problema verdadeiro com meu emprego de verão — além de crianças choronas e dos pais igualmente chorões, mais cheios da grana, claro — é o fato de que devo estar aqui todo dia às oito da manhã.

Isso mesmo. Oito da matina. Nada de dormir até tarde para a velha Suze neste verão.

Devo dizer que acho isso meio excessivo. E acredite, reclamei. Mas a regência do Pebble Beach Hotel e Golf Resort se manteve teimosamente inabalável para não oferecer os serviços de babá antes das nove.

E é assim que toda manhã (não consigo dormir nem nos domingos, graças à insistência do meu padrasto de que todos devemos nos reunir à mesa para a elaborada mistura de café-da-manhã com almoço que ele prepara; o sujeito parece pensar que nós somos os Camden, os Walton ou sei lá o que) acordo antes das sete...

O que, como fiquei surpresa em descobrir, tem lá suas vantagens.

Ainda que eu não coloque na lista ver Dunga sem camisa, suando feito um porco e tomando suco de laranja direto na caixa.

Há um bocado de garotas que freqüentam minha escola que, eu sei, pagariam para ver Dunga — e Soneca também, por sinal — sem camisa, suado ou não. Kelly Prescott, por exemplo. E sua melhor amiga e ex-paixão de Dunga, Debbie Mancuso. Eu própria não entendo a atração, mas só posso supor que essas garotas não ficaram perto dos meus meios-irmãos depois de uma refeição em que os feijões tenham aparecido de algum modo no cardápio.

Mesmo assim, qualquer um que quisesse ver Dunga em sua imitação de modelo de calendário poderia fazer isso facilmente de graça, só passando por nossa casa em qualquer manhã de meio de semana. Porque é no nosso quintal dos fundos que Dunga tem estado, aproximadamente desde as seis da manhã até sair para a aula particular às dez, nu da cintura para cima e realizando um rigoroso trabalho manual sob os olhos de águia do pai.

Nesta manhã específica — a manhã em que eu o peguei, de novo, bebendo diretamente da caixa de suco, hábito do qual mamãe e eu temos tentado, com pouco sucesso, curar todo o clã Ackerman —, aparentemente Dunga estivera cavando, já que deixou uma trilha de lama sobre o que já fora um balcão imaculado (sei disso: ontem à noite foi minha vez de limpar).

— Ah — falei ao entrar na cozinha. — Que imagem mais linda!

Dunga baixou a caixa de suco de laranja e me olhou.

— Você não tem de estar em algum lugar? — perguntou ele enxugando a boca com as costas da mão.

— Claro. Mas esperava que, antes de sair, pudesse curtir um belo copo de suco reforçado com cálcio. Agora vejo que não será possível.

Dunga sacudiu a caixa.

— Ainda tem um pouco.

— Misturado com seu cuspe? — contive um tremor. — Acho que não.

Dunga abriu a boca para dizer alguma coisa — presumivelmente a sugestão de sempre, de que eu vá lambar um prego —, mas a voz do pai gritou de fora da porta de vidro que dá para o deque.

— Brad — gritou Andy. — Chega de descansar. Volte aqui e me ajude a baixar isto.

Dunga bateu com a caixa de suco no balcão. Mas antes que ele pudesse sair da cozinha eu o impedi com um educado:

— Com licença?

Como ele não usava camisa, pude ver os músculos no pescoço e nos ombros de Dunga se retesando enquanto eu falava.

— Certo — disse ele girando e voltando à caixa de suco. — Vou guardar. Minha nossa, você vive pegando no meu pé por causar dessas mer...

— Eu não me importo com isso — interrompi apontando para a caixa, se bem que ela devia estar deixando o balcão grudento. — Quero saber o que é aquilo.

Dunga olhou para onde eu tinha apontado. Piscou para o objeto oblongo incrustado de terra.

— Não sei — disse ele. — Achei enterrado no quintal enquanto estava arrancando uma das colunas.

Levantei com cuidado o que parecia ser uma caixa de metal, com cerca de 15 centímetros de comprimento e uns cinco de largura, muito enferrujada e coberta de lama. Mas havia alguns lugares onde a lama tinha saído, e dava para ver algumas palavras pintadas na caixa. As poucas que pude identificar eram aroma e qualidade garantida. Quando sacudi a caixa, ela fez barulho. Havia algo dentro.

— O que tem nela? — perguntei.

Dunga deu os ombros.

— Como é que eu vou saber? Está fechada pela ferrugem. Eu ia pegar...

Não descobri o que Dunga iria fazer com a caixa, já que nesse momento seu irmão mais velho, Soneca, entrou na cozinha, pegou a caixa de suco de laranja, abriu e engoliu o resto. Quando terminou, amassou a caixa, jogou no compactador de lixo depois, aparentemente notando minha expressão pasma, perguntou:

— O quê?

Não sei o que as garotas vêem neles. Sério. Parecem animais. Não daqueles fofinhos.

Enquanto isso, lá fora, Andy estava chamando Dunga de novo, com voz imperiosa.

Dunga murmurou baixinho algumas palavras extremamente pitorescas e depois gritou:

— Já estou indo. — E saiu irritado.

Já eram 7h45, por isso eu e Soneca tínhamos mesmo de “ligar os motores”, como ele dizia, para chegar a tempo ao hotel. Mas ainda que meu irmão mais velho tenha a tendência de passar pela vida como sonâmbulo, não há nada sonambulístico em seu modo de dirigir. Marquei o cartão de ponto cinco minutos antes da hora.

O Pebble Beach Hotel and Golf Resort se orgulha da eficiência. E de fato tudo funciona muito bem. Como babá contratada, é minha

responsabilidade, depois de marcar o ponto, perguntar quem são meus encarregados no dia. É então que descubro se estarei levando papinha de cenoura ou molho de hambúrguer do cabelo depois do trabalho. Em geral prefiro os hambúrgueres, mas há algo a ser dito sobre papinhas de cenoura: em geral as pessoas que comem isso não podem dar respostas mal-educadas à gente.

Mas quando ouvi com quem ia trabalhar naquele dia específico, fiquei desapontada, mesmo sendo um comedor de hambúrguer.

— Suzannah Simon — gritou Caitlin. — Você vai ficar com Jack Slater.

— Pelo amor de Deus — falei a Caitlin, que era minha supervisora. — Eu fiquei com o Jack Slater ontem. E anteontem.

Caitlin só tem dois anos a mais do que eu, mas me trata como se eu tivesse 12. De fato tenho certeza de que o único motivo pelo qual me tolera é o Soneca. É tão caída por ele quanto todas as outras garotas deste planeta... menos eu, claro.

— Os pais de Jack requisitaram você, Suze — informou Caitlin sem nem mesmo erguer o olhar da prancheta.

— Você não podia ter dito que eu já tinha sido escolhida?

Nesse ponto Caitlin levantou a cabeça e me espiou com os olhos frios, com lentes de contato azuis.

— Suze, eles gostam de você.

Mexi nas alças do maiô. Eu estava usando o maiô azul-marinho regulamentar, por baixo da camiseta regata azul-marinho regulamentar e do short cáqui. Com pregas, imagine só. Horrroso.

Eu falei do uniforme, não falei? Quero dizer, a parte em que tenho de usar uniforme no trabalho? Não brinca. Todo dia. Uniforme!

Se eu soubesse, não teria me candidatado ao emprego.

— É — respondi. — Sei que eles gostam de mim.

O sentimento não é recíproco. Não que eu não goste do Jack, se bem que ele é de longe o menininho mais chorão que já conheci. Puxa, dá para ver por quê — é só olhar os pais, dois médicos obcecados pela carreira, que acham que largar o filho com uma babá de hotel durante dias sem fim enquanto vão velejar e jogar golfe é um ótimo programa em família.

Na verdade é com o irmão mais velho de Jack que tenho problema. Bem, não necessariamente problema...

É mais tipo: evito passar por ele quando estou usando meu incrivelmente antichique short cáqui do uniforme do Pebble Beach Hotel and Golf Resort.

É. O preguiado.

Só que, claro, toda vez que topo com o cara, desde que chegou com a família ao hotel na semana passada, estou usando essa roupa estúpida.

Não que eu me importe particularmente com o que Paul Slater acha de mim. Quero dizer, meu coração (para inventar uma frase original) pertence a outro.

É uma pena que esse outro não demonstre qualquer sinal de querer. Meu coração, claro.

Mesmo assim, Paul — esse é o nome dele; o irmão mais velho de Jack, quero dizer: Paul Slater — é bem incrível. Quero dizer, não que não seja um gato. Ah, não, Paul é um gato e divertido. Toda vez que pego ou deixo Jack na suíte da família, e seu irmão, Paul, por acaso está, ele sempre diz alguma coisa irreverente sobre o hotel, sobre os pais ou sobre ele mesmo. Não uma coisa maldosa nem nada. Só divertida.

E acho que ele é inteligente, porque sempre que não está no campo de golfe com o pai ou jogando tênis com a mãe, está lendo na beira da piscina. E não um livro típico de piscina. Nada de Clancy, Crichton ou King. Ah, não. Estamos falando de coisas escritas por caras como Nietzsche ou Kierkegaard.

Sério. Quase faz a gente pensar que ele não é da Califórnia.

E claro que, por acaso, não é: os Slater são de Seattle.

Então veja só, não é só porque Jack Slater é o garoto mais chorão que já conheci: também há o fato de seu irmão gato me ver de novo usando um short que me faz parecer mais ou menos do tamanho do Canadá.

Mas Caitlin estava totalmente desinteressada por meus sentimentos.

— Suze — disse ela, olhando de novo para a prancheta. — Ninguém gosta do Jack. Mas o fato é que o Dr. e a Sra. Slater gostam de você. Por isso vai passar o dia com Jack. Capice?

Suspirei fundo, mas o que poderia fazer? Fora o meu orgulho, meu bronzeado era a única coisa que iria realmente sofrer por passar mais um dia com Jack. O garoto não gosta de nadar, de andar de bicicleta, patins, de

jogar frisbee nem nada que tenha a ver com o ar livre. Sua idéia de diversão é ficar dentro do quarto assistindo a desenho animado.

Não estou brincando. Sem qualquer dúvida ele é o moleque mais chato que já conheci. Acho difícil acreditar que ele e Paul venham do mesmo caldeirão de genes.

— Além disso — acrescentou Caitlin enquanto eu estava ali parada, fumegando —, hoje Jack faz oito anos.

Encaro-a.

— É aniversário dele? É o aniversário de Jack e os pais vão deixá-lo com uma babá o dia inteiro?

Caitlin me lançou um olhar severo.

— Os Slater disseram que vão voltar a tempo de levá-lo para jantar no Grill.

O Grill. Uau. O Grill é o restaurante mais chique do hotel, talvez de toda a península. A coisa mais barata que servem lá deve custar uns 15 dólares e é salada da casa. O Grill é o lugar menos divertido para levar um garoto que faz oito anos. Puxa, nem mesmo Jack, a criança mais chata do mundo, poderia se divertir ali.

Não entendo. Realmente. Puxa, o que há de errado com esse pessoal? E como, vendo-se o modo como tratam o filho mais novo, o outro conseguiu sair tão...

Bem, gato?

Pelo menos essa palavra que saltou na minha mente quando Paul abriu a porta da suíte da família em resposta à minha batida, depois ficou ali rindo para mim, com uma das mãos no bolso da calça creme, o outra segurando um livro de alguém chamado Martin Heidegger.

É, sabe qual o último livro que eu li? Deve ter sido O cãozinho Clifford. Isso mesmo. E, certo, eu estava lendo para uma criança de cinco anos, mas mesmo assim. Heidegger. Nossa!

— E aí? Quem ligou para o serviço de quarto e pediu a garota bonita? — perguntou Paul.

Bom, certo, essa não foi engraçada. Na verdade, pensando bem, foi meio assédio sexual. Mas o fato de o cara ter minha idade, mais de um metro e oitenta e pele bronzada, com cabelos castanhos encaracolados e olhos azuis como o oceano logo além do campo de golfe do Pebble Beach, fez a coisa não ser tão ruim.

Não tão ruim. O que é que eu estou falando?! O cara poderia me assediar sexualmente quando quisesse. Pelo menos alguém estava a fim.

Sorte minha ele não ser o cara que eu queria.

Não admiti isso em voz alta, claro. O que falei foi:

— Ha, ha. Estou aqui por causa do Jack.

Paul se encolheu.

— Ah — falou balançando a cabeça num desapontamento fingido —, o baixinho é que tem sorte.

Ele manteve a porta aberta para mim e eu entrei na sala chique da suíte. Jack estava onde costumava ficar, esparramado no chão diante da TV. Não notou minha presença, como era seu costume.

Sua mãe, por outro lado, me reconheceu:

— Ah, oi, Suzan. Rick, Paul e eu vamos ficar no campo de golfe a manhã inteira. Depois vamos almoçar no Grotto, e mais tarde temos compromisso com os personal trainers. Então, se você puder ficar até a hora de voltarmos, mais ou menos às sete, agradeceríamos. Certifique-se de que Jack tome banho antes de pôr a roupa para o jantar. Deixei um terno para ele. É o aniversário dele, você sabe. Bom, tchauzinho, vocês dois. Divirta-se Jack.

— Como é que ele não iria se divertir? — perguntou Paul, com um olhar significativo na minha direção.

E então os Slater saíram.

Jack ficou onde estava — diante da TV, sem falar comigo, nem mesmo olhando para mim. Como isso era comportamento típico, não me alarmei.

Atravessei a sala — passando por cima do Jack — e fui abrir a porta dupla que dava num terraço virado para o mar. Rick e Nancy Slater estavam pagando seiscentos dólares por noite pela vista, que era a baía de Monterey luzindo em turquesa sob o céu azul sem nuvens. Da suíte dava para ver a fatia amarela de praia sobre a qual, se não fosse meu padrasto bem-intencionado mas equivocados, eu estaria curtinho meu verão.

Não é justo. Não mesmo.

— Certo garotão — falei depois de captar a vista por um ou dois minutos e ouvir o pulsar calmante das ondas. — Vá colocar um calção de banho. Vamos para a piscina. O dia está lindo demais para ficar aqui dentro.

Como sempre, foi como se eu tivesse beliscado Jack, em vez de sugerir um dia divertido na piscina.

— Mas por quê? — gemeu ele. — Você sabe que eu não sei nadar.

— Exatamente por isso. Você está fazendo oito anos. Um garoto de oito anos que não sabe nadar não passa de um otário. Você não quer ser um otário, não é?

Jack opinou que preferia ser um otário a sair da suíte, fato que eu conhecia muito bem.

— Jack — falei caindo numa poltrona perto dele. — Qual é o seu problema?

Em vez de responder, Jack rolou de barriga para baixo e fez uma careta para o tapete. Mas eu não ia deixá-lo em paz. Sabia do que estava falando, o negócio de ser otário. Ser diferente no sistema educacional público — ou mesmo particular — dos Estados Unidos não é legal. Não podia imaginar como Paul tinha deixado isso acontecer — seu irmãozinho virar um chorãozinho em quem a gente quase tinha vontade de dar um tapa. Mas sabia muito bem que Rick e Nancy não faziam nada para consertar isso. Estava por minha conta salvar Jack Slater de virar o saco de pancadas de sua escola.

Não pergunte por que eu me importava. Talvez porque, de um modo estranho, Jack me lembrasse o pequeno Mestre, meu meio-irmão mais novo, o que está na colônia de férias de informática. Apesar de ser um careta no sentido mais puro da palavra, Mestre é uma das minhas pessoas prediletas. Até mesmo tenho me esforçado para chamá-lo pelo nome, David... pelo menos na frente dele.

Mas Mestre é — praticamente — capaz de se virar com seu comportamento bizarro porque tem memória fotográfica e capacidade computacional de processar informações. Jack, pelo que dava para ver, não possuía essas habilidades. De fato sentia que ele era meio burrinho. De modo que não tinha desculpa para as excentricidades.

— Qual é? — perguntei. — Você não quer aprender a nadar nem jogar frisbee, como uma pessoa normal?

— Você não entende — respondeu Jack para o tapete, de modo pouco claro. — Eu não sou normal. Sou... diferente dos outros.

— Claro que é — falei revirando os olhos. — Todos nós somos especiais e únicos, como flocos de neve. Mas há o diferente e há o esquisito. E você, Jack, vai ficar esquisito, se não tomar cuidado.

— Eu... eu já sou esquisito.

Mas o garoto não quis ser mais específico, e não posso dizer que pressionei muito, tentando descobrir o que ele queria dizer. Não que tenha imaginado que ele gostasse de afogar gatinhos nas horas livres, ou algo assim. Só achei que queria dizer esquisito no sentido geral. Bom, de vez em quando todo mundo se sentia esquisito. Talvez Jack se sentisse esquisito com um pouco de freqüência, mas afinal, tendo Rick e Nancy como pais, quem não se sentiria? Provavelmente viviam lhe perguntando por que não podia ser mais parecido com o irmão mais velho, Paul. Isso bastaria para deixar qualquer criança meio insegura. Quero dizer, qual é! Heidegger? Nas férias de verão?

Sou muito mais O cãozinho Clifford.

Falei a Jack que tanta preocupação iria deixá-lo velho antes da hora. Depois ordenei que fosse vestir o calção de banho.

Ele foi, mas não exatamente com pressa, e quando finalmente saímos e estávamos na caminho de tijolos para a piscina, já eram dez horas. O sol batia forte, mas o calor ainda não estava desconfortável. Na verdade quase nunca faz um calor desconfortável em Carmel, mesmo no meio de julho. Lá no Brooklyn a gente praticamente não pode sair de casa em julho, de tão abafado. Mas em Carmel quase não há umidade, e sempre sopra uma brisa fresca do Pacífico.

Tempo perfeito para namorar. Se por acaso eu tivesse. Quero dizer, um namorado. O que, claro, não tenho. E provavelmente nunca terei — pelo menos o que eu quero — se as coisas continuarem como estão.

De qualquer modo, Jack e eu íamos pelo caminho de tijolos para a piscina quando um dos jardineiros saiu de trás de um enorme arbusto de forsítia e me cumprimentou com a cabeça.

Isso não seria estranho — na verdade fiquei amiga de todo o pessoal do paisagismo, graças aos muitos frisbees que perdi enquanto brincava com as crianças sob meus cuidados —, a não ser pelo fato de que esse jardineiro em particular, Jorge, que deveria se aposentar no fim do verão, em vez disso sofreu um ataque cardíaco alguns dias antes e, bem...

Morreu.

No entanto, ali estava o Jorge, com seu macacão bege, segurando uma tesoura de poda e balançando a cabeça para mim, como tinha feito na última vez em que o vi, neste mesmo caminho, há alguns dias.

Eu não estava muito preocupada com a reação de Jack diante de um defunto que aparecesse e balançasse a cabeça para a gente, já que, na maior parte das vezes, sou a única pessoa que conheço que pode ver. Quero dizer, os mortos. Por isso estava totalmente despreparada para o que aconteceu em seguida...

Jack soltou a mão da minha e, com um grito estrangulado, correu para a piscina.

Isso era estranho. Mas, afinal de contas, Jack era estranho. Revirei os olhos para Jorge e corri atrás do garoto, já que, afinal de contas, estou sendo paga para cuidar dos vivos. Todo o negócio de ajudar os mortos tem de ficar em segundo plano enquanto estou no Pebble Beach Hotel and Golf Resort. Os fantasmas simplesmente precisam esperar. Quero dizer, não é como se eles estivessem me pagando. Ha! Bem que eu queria.

Encontrei Jack encolhido numa espreguiçadeira, soluçando em sua toalha. Felizmente ainda era bastante cedo e não havia muita gente na piscina. Caso contrário talvez eu tivesse de dar alguma explicação.

Mas a única outra pessoa ali era Soneca, lá no alto em sua cadeira de salva-vidas. E pelo modo como Soneca apoiava a bochecha na mão, ficou bem claro que seus olhos, por trás das lentes do Ray-Ban, estavam fechados.

— Jack — falei, sentando-me na espreguiçadeira ao lado. — Jack, qual é o problema?

— Eu... eu já disse — soluçou Jack em sua toalha branca e fofa. — Suze... eu não sou como as outras pessoas. Sou como você disse. Sou... esquisito.

Eu não sabia do que ele estava falando. Presumi que só estávamos continuando a conversa do quarto.

— Jack. Você não é mais esquisito do que qualquer pessoa.

— Não — soluçou ele. — Eu sou. Você não entende? — Então ele ergueu a cabeça, me olhou direto nos olhos e sibilou. — Suze, você não sabe por que não gosto de sair?

Balancei a cabeça. Não tinha sacado. Mesmo então, eu não tinha sacado.

— Porque quando saio — sussurrou Jack —, eu vejo gente morta.

Capítulo 2

Juro que foi isso que ele disse.

Igualzinho ao garoto daquele filme, com as mesmas lágrimas nos olhos, o mesmo medo na voz.

E eu tive mais ou menos a mesma reação de quando vi o filme. Falei por dentro: Panaca chorão.

Mas por fora só disse:

— E daí?

Não queria parecer insensível. Só fiquei surpresa demais. Quero dizer, em todos os meus 16 anos só conheci mais uma pessoa com a mesma capacidade que tenho — a capacidade de ver e falar com os mortos —, e essa pessoa é um padre de sessenta e tanto anos que por acaso é o diretor da escola que frequento atualmente. Sem dúvida nunca esperei encontrar um colega mediador no Pebble Beach Hotel and Golf Resort.

Mas mesmo assim Jack se ofendeu com o meu “E daí?”.

— E daí? — Jack se empertigou. Era um garotinho magricelo, com o peito fundo e cabelos castanhos encaracolados, como os do irmão. Só que Jack não tinha a forma lindamente musculosa do irmão, por isso o cabelo encaracolado, que parecia sublime em Paul, dava a Jack a aparência infeliz de um cotonete ambulante.

Não sei. Talvez por isso Rick e Nancy não quisessem andar por aí com ele. A aparência de Jack é meio estranha, e parece que ele tem conversas frequentes com os mortos. Deus sabe que isso nunca fez de mim a miss popularidade.

Quero dizer, o negócio de falar com os mortos. Não tenho aparência estranha. Na verdade, quando não estou com o short do uniforme, os peões de obra costumam me elogiar pela aparência.

— Você não ouviu o que eu disse? — Jack estava deprimido, dava para ver. Eu era provavelmente a primeira pessoa com quem ele falava sobre seu problema especial e que não parecia nem um pouco impressionada.

Coitadinho. Ele não fazia idéia de com quem estava lidando.

— Eu vejo gente morta — disse ele esfregando os olhos com os punhos. — Eles aparecem e começam a falar comigo. E estão mortos.

Inclinei-me para frente, pousando os cotovelos nos joelhos.

— Jack.

— Você não acredita. — Seu queixo começou a tremer. — Ninguém acredita. Mas é verdade!

Jack enterrou o rosto de novo na toalha. Olhei na direção de Soneca. Ainda não havia sinal de que ele tivesse achando estranho o comportamento de Jack. O garoto murmurava sobre todas as pessoas que não acreditavam nele no decorrer dos anos, uma lista que parecia incluir não apenas os pais, mas todo um bando de especialistas médicos aos quais Rick e Nancy o tinham arrastado. Esperando curar o filho mais novo daquela ilusão: de que podia falar com os mortos.

Coitadinho. Não tinha percebido, como eu percebi muito cedo, que o que ele e eu podemos fazer... bem, que a gente não deve falar nisso.

Suspirei. Verdade, aparentemente seria demais pedir que eu tivesse um verão normal. Quero dizer, um verão sem nenhum incidente paranormal.

Mas afinal de contas nunca tive um assim na vida. Por que o décimo sexto seria diferente?

Pus a mão num dos ombros magros e trêmulos de Jack.

— Jack. Você viu aquele jardineiro agora mesmo, não foi? O que estava com a tesoura de poda?

— Você... você também viu?

— Vi. Era o Jorge. Ele trabalhava aqui. Morreu há alguns dias, de ataque cardíaco.

— Mas como você... — Jack balançou a cabeça para trás e para frente, devagar. — Quero dizer, ele... ele é um fantasma.

— Bem, é. Provavelmente precisa que a gente faça alguma coisa por ele. Bateu as botas meio de repente, e pode haver coisas, você sabe, que deixou inacabadas. Veio falar conosco porque precisa de ajuda.

— É... — Jack me encarou. — É por isso que eles me procuram? Porque querem ajuda?

— Bem, é. O que mais iriam querer?

— Não sei. — O lábio inferior de Jack começou a tremer de novo. — Para me matar.

Não pude deixar de sorrir um pouquinho.

— Não, Jack. Não é por isso que os fantasmas procuram você. — Pelo menos não por enquanto. O garoto era novo demais para ter feito o

tipo de inimigos homicidas que eu tinha. — Eles o procuram porque você é um mediador, como eu.

Lágrimas tremeram nas pontas dos grandes cílios de Jack, enquanto ele me olhava.

— Um... o quê?

“Ah, pelo amor de Deus”, pensei. “Por que eu?” Quero dizer, verdade. Como se minha vida já não fosse complicada demais. Agora tenho de bancar Obi Wan Kenobi para o garoto ser um Anakin Skywalker? Não é nem um pouco justo. Quando é que eu vou ter a chance de fazer coisas que as adolescentes normais gostam de fazer, tipo ir a festas, ficar na praia e... bem...

O que mais?

Ah, sim, namorar. Namorar com o garoto de quem eu gosto seria legal.

Mas eu namoro? Ah, não. O que eu tenho, em vez disso?

Fantasmas. Principalmente fantasmas procurando ajuda para limpar a sujeira que fizeram quando estavam vivos, mas algumas vezes fantasmas cuja única diversão é fazer sujeiras ainda maiores com a vida das pessoas que deixaram para trás. E isso freqüentemente inclui a minha.

E pergunto: será que tenho um cartaz na testa dizendo: serviço de arrumadeira? Por que sou eu que tenho de limpar a sujeira dos outros?

Porque tive o azar de nascer mediadora.

Devo dizer que me acho mais adequada para o serviço do que o coitado do Jack. Puxa, eu vi meu primeiro fantasma quando tinha dois anos e posso garantir que a reação inicial não foi medo. Não que, com dois anos, eu pudesse ajudar a pobre alma sofredora que me procurou. Mas também não gritei nem saí correndo aterrorizada.

Só mais tarde, quando meu pai — que faleceu quando eu tinha seis anos — voltou e explicou, comecei a entender completamente o que eu era, e por que podia ver os mortos, mas os outros — como minha mãe, por exemplo — não podiam.

Mas uma coisa eu soube desde muito cedo: dizer a alguém que podia ver gente que eles não podiam? É, não é uma idéia fantástica. Pelo menos se eu não quisesse ir para o nono andar de Bellevue, que é onde eles enfiam todos os pirados de Nova York.

Só que Jack parece não ter tido o mesmo sentimento instintivo de autopreservação com o qual eu aparentemente nasci. Abria o bico sobre o

negócio de fantasma para qualquer um que quisesse ouvir, com o resultado inevitável de que os coitados dos pais não queriam ter nada a ver com ele. Aposto que as crianças da idade dele, deduzindo que ele mentia para atrair a atenção, achavam a mesma coisa. De certa forma, o próprio garotinho havia provocado todos os seus sofrimentos atuais.

Por outro lado, se você me perguntar, quem quer que esteja lá em cima entregando crachás de mediador precisa se esforçar mais para garantir que quem receba o emprego esteja mentalmente à altura do desafio. Eu reclamo um bocado porque isso provocou uma câibra significativa na minha vida social, mas não tem nada nesse negócio de mediador que eu não me sinta perfeitamente capaz de fazer...

Bem, a não ser uma coisa.

Mas venho me esforçando um bocado para não pensar nisso.

Ou melhor, nele.

— Um mediador — expliquei a Jack — é alguém que ajuda as pessoas que morreram a ir em frente, para a próxima vida.

Ou para onde quer que as pessoas tenham de ir quando chutam o balde. Mas eu não queria entrar numa discussão metafísica com esse garoto. Quero dizer, afinal de contas, ele tem só oito anos.

— Quer dizer que eu devo ajudá-los a ir para o céu?

— Bem, é, acho que sim.

Se houver um céu.

— Mas... — Jack balançou a cabeça. — Eu não sei nada sobre o céu.

— Não precisa saber. — Tentei pensar num modo de explicar, depois decidi que mostrar era melhor do que dizer. Pelo menos é isso que o Sr. Walden, que foi meu professor de inglês e história da civilização no ano passado, sempre dizia.

— Olha — falei pegando Jack pela mão. — Venha. Fique observando, para ver como a coisa funciona.

Mas Jack pisou no freio imediatamente.

— Não — ofegou ele, com os olhos azuis, tão parecidos com o do irmão, loucos de medo. — Não, não quero.

Puxei-o de pé. Ei, eu nunca disse que fui feita para esse serviço de babá, lembra?

— Venha — falei de novo. — Jorge não vai machucar você. Ele é legal. Vamos ver o que ele quer.

Praticamente precisei carregá-lo, mas finalmente consegui levar Jack ao lugar onde tínhamos visto Jorge. Um instante depois o jardineiro — ou devo dizer, seu espírito — reapareceu, e depois de muitos cumprimentos de cabeça e sorrisos educados, partimos para os negócios. Foi meio difícil, considerando que o inglês de Jorge era tão bom quanto meu espanhol — ou seja, nem um pouco bom —, mas no fim pude deduzir o que impedia Jorge de ir desta vida para a próxima, qualquer que ela seja: sua irmã tinha se apropriado de um rosário deixado pela mãe dele para a primeira neta, filha de Jorge.

— Então — expliquei a Jack, enquanto o guiava ao saguão do hotel —, o que temos de fazer é conseguir que a irmã de Jorge devolva o rosário a Teresa, a filha dele. Senão o Jorge vai ficar por aí enchendo nosso saco. Ah, e ele não conseguirá encontrar o descanso eterno. Sacou?

Jack ficou quieto. Só foi andando atrás de mim, atordoado. Tinha permanecido num silêncio de morte durante minha conversa com Jorge, e agora parecia que alguém o havia acertado duzentas vezes um bastão na cabeça.

— Venha cá. — Guiei Jack até uma elegante cabine telefônica de mogno, com porta de vidro deslizante. Depois de nós dois nos enfiarmos dentro, fechei a porta, peguei o telefone e pus uma moeda de 25 centavos na fenda. — Olhe e aprenda, gafanhoto.

O que se seguiu foi um exemplo bastante típico do que faço quase diariamente. Liguei para informações, consegui o telefone da figura culpada e liguei para ela. Quando a mulher atendeu e eu me certifiquei de que ela falava inglês o bastante para me entender, informei os fatos sem qualquer enfeite. Quando a gente está lidando com os mortos, não há necessidade de nenhum tipo de exagero. O fato de alguém que morreu ter contatado você, com detalhes que apenas o falecido saberia, geralmente basta. No fim da conversa, a obviamente abalada Marisol garantiu que o rosário seria entregue, naquele dia, nas mãos de Teresa.

Fim de conversa. Agradei à irmã de Jorge e desliguei.

— Agora — expliquei a Jack —, se Marisol não fizer isso, teremos notícias de Jorge outra vez, e teremos de partir para alguma coisa um pouquinho mais persuasiva do que um mero telefonema. Mas ela pareceu bem apavorada. É arrepiante quando um estranho liga para a pessoa e diz que falou com o irmão morto dela, dizendo que ele está furioso com ela. Aposto que a mulher vai fazer o que eu pedi.

Jack me encarou.

— É só isso? É só isso que ele queria que você fizesse? Pedir à irmã para devolver o colar?

— O rosário — corrigi. — E sim, era isso.

Não achei importante acrescentar que esse caso tinha sido particularmente simples. Em geral os problemas associados a pessoas que vêm do outro lado da sepultura são um pouco mais complicados e exigem muito mais do que um simples telefonema. De fato, freqüentemente acontecem brigas de socos. Eu havia me recuperado há pouco tempo de algumas costelas quebradas por um grupo de fantasmas que não tinham apreciado nem um pouco minhas tentativas de ajudá-los a ir para a outra vida, e na verdade acabaram me mandando para o hospital.

Mas Jack tinha muito tempo para aprender que nem todos os defuntos eram como Jorge. Além disso, era o aniversário dele. Eu não queria pirar o moleque de vez.

Em vez disso abri a porta da cabine telefônica de novo e falei:

— Vamos nadar.

Jack ficou tão pasmo com a coisa toda que nem protestou. Ainda tinha perguntas, claro... perguntas que respondi com o máximo de paciência e detalhes que pude. Entre uma resposta e outra, ensinei um pouco de nado livre.

E não quero contar vantagem nem nada, mas devo dizer que, graças às minhas instruções cuidadosas e minha influência calmante, no fim do dia Jack Slater estava agindo — e até nadando — como um garoto normal de oito anos.

Sem brincadeira. O pirralho tinha ficado completamente leve. Estava até rindo. Era como se, ao mostrar que ele não tinha o que temer dos fantasmas que o vinham incomodando durante toda a vida, eu tivesse retirado seu medo de... bem, de tudo. Não se passou muito tempo até ele estar correndo em volta da piscina, pulando e espirrando água e irritando as mulheres dos médicos que tentavam se bronzear nas espreguiçadeiras próximas. Como qualquer outro garoto de oito anos.

Até conversou com um grupo de outras crianças cuidadas por uma das outras babás. E quando uma das crianças jogou água na cara de Jack, em vez de irromper em prantos, como teria feito na véspera, ele jogou água na cara do garoto, fazendo Kim, minha colega babá, que estava na água ao meu lado, perguntar:

— Meu Deus, Suze, o que você fez com Jack Slater? Ele está agindo quase como se fosse... normal.

Tentei não deixar o orgulho aparecer.

— Ah, você sabe — falei dando os ombros. — Só o ensinei a nadar. Acho que isso lhe deu um pouco de confiança.

Kim ficou olhando quando Jack e outro garoto, só para serem irritantes, mergulharam espirrando água num grupo de meninas que gritaram e tentaram acertar os garotos com seus flutuadores de espuma.

— Bom — disse Kim. — Vou dizer uma coisa. Nem acredito que é o mesmo garoto.

Nem a família de Jack, pelo que ficou aparente. Eu estava ensinando-o a nadar de costas quando ouvi alguém dar um assobio, grave e longo, do outro lado da piscina. Jack e eu olhamos para cima e vimos Paul ali parado, todo tipo Pete Sampras, vestido de branco com uma raquete de tênis.

— Olha só isso — disse Paul, atarantado. — Meu irmão numa piscina. E curtindo, veja só. Será que o inferno se congelou, ou algo assim?

— Paul — gritou Jack. — Olha para mim! Olha para mim!

E em seguida Jack estava disparando pela água em direção ao irmão. Eu não chamaria o que o Jack estava fazendo exatamente de nado crawl, mas era uma imitação bastante passável, mesmo aos olhos de um irmão mais velho. E, mesmo não sendo bonito, não havia como negar que o garoto se mantinha à tona. Isso a gente precisava admitir.

E Paul admitiu. Agachou-se e, quando a cabeça de Jack apareceu logo abaixo dele, estendeu a mão e a empurrou para dentro d'água outra vez. Você sabe, brincando.

— Parabéns, campeão — disse Paul quando Jack voltou à superfície. — Nunca pensei que veria você sem medo de molhar a cara.

Sorrindo de orelha a orelha, Jack falou:

— Olha eu nadando de volta! — E começou a espadanar pela água até o outro lado da piscina. De novo não foi bonito, mas foi eficaz.

Mas em vez de olhar o irmão nadando, Paul se virou para mim, que estava de pé com a água azul na altura do peito.

— Certo, Annie Sullivan — disse ele. — O que você fez com Helen*?

[* Referência à peça O milagre de Anne Sullivan, muito popular nos EUA. (N. do T.)].

Dei de ombros. Jack não havia mencionado os sentimentos do irmão com relação ao negócio de “eu vejo gente morta”, por isso eu não sabia se Paul tinha conhecimentos da capacidade de Jack ou se, como os pais, achava que tudo estava na cabeça do garoto. Um dos pontos que eu havia enfatizado para Jack era que quanto menos pessoas — particularmente adultas — soubessem, melhor. Tinha esquecido de perguntar se Paul sabia.

Ou, mais importante, se acreditava.

— Só o ensinei a nadar — falei, tirando parte do cabelo molhado de cima do rosto.

Não vou mentir nem nada dizendo que fiquei sem graça com um gato como Paul me vendo de maiô. Fico muito melhor no maiô azul-marinho que o hotel nos obriga a usar do que naquele short medonho.

Além disso meu rímel é totalmente à prova d’água. Puxa, não sou idiota.

— Há seis anos meus pais vêm tentando fazer esse garoto nadar — disse Paul. — E você consegue num dia só?

Sorri para ele.

— Sou extremamente persuasiva.

É, certo, eu estava paquerando. Pode me processar. Uma garota precisa de alguma diversão.

— Você é simplesmente milagrosa. Venha jantar conosco esta noite.

De repente eu não sentia mais vontade de paquerar.

— Ah, não, obrigada.

— Venha — insistiu ele.

Devo dizer que ele parecia excepcionalmente bem com camisa e short brancos. Destacavam o bronzeado da pele, assim como o sol do fim de tarde destacava alguns fios de ouro nos cachos castanho-escuros.

E não era só o bronzeado que Paul tinha e o outro gato da minha vida não tinha: por acaso Paul também tinha o coração batendo.

— Por que não? — Paul estava ajoelhado perto da piscina, com o antebraço moreno pousado num joelho igualmente moreno. — Meus pais

vão adorar. E está claro que meu irmão não consegue viver sem você. E vamos ao Grill. Você não pode recusar um convite para o Grill.

— Desculpe. Realmente não posso aceitar. É a política do hotel. Os funcionários não devem se misturar com os hóspedes.

— Quem disse alguma coisa sobre se misturar? Estou falando de comer. De dar uma festa de aniversário ao garoto.

— Não posso mesmo — falei, dando-lhe meu melhor sorriso. — Tenho de ir. Desculpe.

E nadei até onde Jack estava lutando para subir numa pilha de flutuadores que tinha recolhido, e fingi estar ocupada demais ajudando-o para ouvir Paul me chamar.

Olha, sei o que você está pensando. Está pensando que eu recusei porque a coisa seria muito tipo Dirty Dancing, certo? Namoro de verão no hotel, só que com os papéis invertidos: você sabe, a pobre garota trabalhadora e o rico filho de médico, ninguém encosta Baby no canto, blá, blá, blá. Esse tipo de coisa.

Mas não é. Não é mesmo. Para começar, eu nem sou tecnicamente pobre. Quero dizer, estou ganhando dez pratas por hora aqui, além das gorjetas. E mamãe é âncora de TV, e meu padrasto tem seu próprio programa.

Tudo bem, claro, é só um noticiário local, e o programa de Andy é na TV a cabo, mas qual é! A gente tem uma casa nas colinas de Carmel.

E tudo bem, claro, a casa é um hotel de 150 anos reformado. Mas cada um de nós tem seu próprio quarto, e há três carros estacionados na porta, e todos com os quatro pneus no lugar. Não somos exatamente candidatos ao bolsa-família.

E também não é a outra coisa que mencionei, sobre haver uma política contra os funcionários se misturando com os hóspedes. Essa política não existe.

Como Kim se sentiu obrigada a me dizer alguns minutos depois.

— Qual é a sua, Simon? O cara está a fim, e você deu uma de pelotão de fuzilamento com ele. Nunca vi alguém levar um fora tão depressa.

Ocupei-me tentando pegar uma formiga que estava se afogando na superfície da água.

— É que eu estou... bem... ocupada esta noite.

— Nem vem com essa, Suze. — Ainda que eu não conhecesse Kim antes de começarmos a trabalhar juntas (ela estuda na Carmel Valley High, a escola pública que mamãe está convencida de que é cheia de viciados em drogas e membros de gangues), nós ficamos bem próximas, devido à insatisfação mútua por sermos obrigadas a acordar tão cedo para o trabalho. — Você não vai fazer nada esta noite. Então por que o tiroteio?

Finalmente capturei a formiga. Mantendo-a na mão em concha, fui para a beira da piscina.

— Não sei — disse enquanto ia. — Ele parece maneiro e coisa e tal. O negócio... — sacudi a mão do lado de fora da piscina, libertando a formiga — é que eu gosto de outro.

Kim levantou as sobrancelhas. Uma delas tinha um piercing de ouro. Caitlin a obriga a tirar antes do trabalho.

— Diga — ordenou Kim.

Olhei involuntariamente para Soneca, cochilando em sua cadeira de salva-vidas. Kim soltou um gritinho.

— Aaargh! Ele? Mas ele é seu...

Revirei os olhos.

— Não, não é ele. Meu Deus. Só que... olha, eu gosto de outro, certo? Mas é tipo... segredo.

Kim respirou fundo.

— Uuu! Esse é o melhor tipo. Ele estuda na Academia? — Quando balancei a cabeça ela tentou: — Então na escola Robert Louis Stevenson?

De novo balancei a cabeça.

Kim franziu o nariz.

— Ele não estuda na CVHS, não é?

Suspirei.

— Ele não está no segundo grau, certo, Kim? Eu preferiria...

— Ah, meu Deus. Um cara de faculdade? Sua doida. Mamãe me mataria se soubesse que eu saio com um cara de faculdade...

— Ele também não está na faculdade, certo? — Dava para sentir as bochechas esquentando. — Olha, o negócio é complicado. E não quero falar nisso.

Kim estava pasma.

— Bem, tudo bem. Meu Deus. Desculpe.

Mas ela não podia deixar o assunto de lado.

— Ele é mais velho certo? — perguntou menos de um minuto depois. — Tipo bem velho? Tudo bem, você sabe. Eu já saí com um cara mais velho, tipo quando tinha uns 14 anos. Ele tinha 18. Minha mãe não sabe. Por isso posso entender completamente.

— De algum modo, realmente não acho que você possa.

Ela franziu o nariz de novo.

— Meu Deus. Quantos anos ele tem?

Pensei em contar. Pensei em dizer: Ah, não sei. Mais ou menos um século e meio.

Mas não contei. Em vez disso falei ao Jack que estava na hora de ir para dentro, tomar um banho antes do jantar.

— Meu Deus — ouvi Kim dizendo enquanto eu saí. — Tão velho assim, é?

É. Infelizmente. Tão velho assim.

Capítulo 3

Nem sei realmente como isso aconteceu. Eu estava sendo bem cuidadosa, sabe? Quero dizer, cuidadosa para não me apaixonar por Jesse.

E vinha fazendo um trabalho muito bom. Puxa, eu estava saindo, conhecendo gente nova e fazendo coisas novas, como ensina a revista Cosmo. Certamente não estava sentada num canto pensando nele nem nada.

E, é claro, a maioria dos caras que eu conheci desde que me mudei para a Califórnia acabou sendo perseguida por assassinos psicopatas ou sendo eles mesmos assassinos psicopatas. Mas essa não é de fato uma desculpa muito boa para me apaixonar por um fantasma. Não mesmo.

Mas foi o que aconteceu.

E também posso dizer o momento exato em que soube que tudo aconteceu. Quero dizer, minha batalha para não me apaixonar por ele. Foi enquanto eu estava no hospital, me recuperando daquela surra braba que mencionei antes — a que recebi por cortesia de quatro alunos da RLS que tinham sido assassinados uma semana antes da escola fechar para o verão.

De qualquer modo, Jesse apareceu no meu quarto de hospital (Por que não? Ele é um fantasma. Pode se materializar onde quiser.) para desejar melhoras, tudo muito sincero e coisa e tal, e enquanto estava ali, por acaso, num determinado ponto, ele tocou meu rosto com a mão.

Foi só isso. Só tocou meu rosto, que, acredito, era a única parte minha que não estava preta e azul na ocasião.

Grande coisa, certo? Então ele tocou meu rosto. Isso não é motivo para desmaiar.

Mas desmaiei.

Ah, não literalmente. Não foi como se alguém precisasse balançar sais aromáticos embaixo do meu nariz nem nada, pelo amor de Deus. Mas depois disso já era. Me acabei. Fiquei caidinha.

Tenho orgulho de dizer que fiz um bom trabalho em esconder isso. Tenho certeza de que ele não faz idéia. Ainda o trato como se ele fosse... bem, uma formiga que tivesse caído na minha piscina. Você sabe, irritante, mas que não vale a pena matar.

E não contei a ninguém. Como é que posso? Ninguém — a não ser o padre Dominic, da Academia, e meu irmão mais novo, Mestre — sequer tem idéia de que Jesse existe. Quero dizer, qual é! O fantasma de um cara que morreu há 150 anos mora no meu quarto? Se eu contasse a alguém, iriam me levar para o hospício mais depressa do que você consegue dizer Ecos do além.

Mas a coisa existe. Só que não contei a ninguém não significa que não exista, o tempo todo, espreitando na minha mente, como uma daquelas músicas sertanejas que você não consegue tirar do pensamento.

E preciso dizer, isso faz com que a idéia de sair com outros caras pareça... bem, uma enorme perda de tempo.

Por isso não pulei de felicidade diante da chance de sair com Paul Slater (se bem que, se você me perguntar, jantar com ele e o irmãozinho não qualifica exatamente como sair). Em vez disso fui para casa e jantei com meus pais e irmãos. Bem, pelo menos meio-irmãos.

O jantar na residência Ackerman sempre foi um negócio importante... até que Andy começou a trabalhar na instalação da minipiscina de água quente. Desde então ele afrouxou consideravelmente no departamento culinário, vou lhe contar. E como minha mãe não é exatamente o que se pode chamar de cozinheira, ultimamente temos jantado um bocado de comida para viagem. Achei que tínhamos chegado ao fundo do poço na véspera, quando pedimos pizza do Península, o lugar onde Soneca trabalha à noite fazendo entregas.

Mas não sabia como a coisa poderia ficar ruim até que entrei naquela noite e vi um balde vermelho e branco pousado no meio da mesa.

— Nem comece — disse minha mãe quando me notou.

Só balancei a cabeça.

— Acho que, se a gente tirar a pele, frango frito não é tão ruim.

— Me dá — interveio Dunga, jogando purê de batata meio coagulado em seu prato. — Eu como sua pele.

Mal pude controlar o reflexo de vômito depois dessa oferta, mas consegui, e estava lendo a literatura nutricional que veio com nossa refeição — “O Coronel jamais se esqueceu dos aromas deliciosos que costumavam sair da cozinha de sua mãe na fazenda, quando era garoto” — quando me lembrei da lata cujo conteúdo também tinha sido anunciado como tendo um aroma delicioso.

— Ei. O que havia na lata que vocês acharam? — perguntei. Dunga fez uma careta.

— Nada. Um punhado de cartas velhas.

Andy olhou triste para o filho. A verdade é que acho que até meu padrasto começou a perceber o que eu sei desde que o conheci: que seu filho do meio é de uma estupidez cavalara.

— Não é apenas um punhado de cartas, Brad — disse Andy. — Elas são bem antigas, datadas mais ou menos da época em que esta casa foi construída, 1850. Estão em péssimas condições, se despedaçando. Pensei em levá-las à sociedade histórica. Talvez eles queiram, apesar do estado. Ou... — Andy olhou para mim — pensei que o padre Dominic poderia se interessar. Você sabe como ele é fanático por história.

O padre Dominic é fanático por história, certo, mas só porque, como eu, sendo mediador ele tem a tendência a encontrar pessoas que viveram acontecimentos históricos como Álamo e a expedição Lewis e Clark. Sabe, pessoas que levam a expressão “estive lá, fiz coisas” a um nível totalmente novo.

— Vou ligar para ele — falei, enquanto deixava um pedaço de frango cair por acidente no colo, onde foi instantaneamente sugado pelo enorme cão dos Ackerman, Max, que mantém posição atenta ao meu lado durante todas as refeições.

Só quando Dunga riu eu percebi que tinha dito a coisa errada. Jamais tendo sido uma adolescente normal, algumas vezes acho difícil imitar uma. E adolescentes normais, pelo que eu sei, nunca ligam regularmente para o diretor da escola.

Dei um olhar furioso para Dunga, do outro lado da mesa.

— Eu ia ligar para ele de qualquer modo — falei. — Para descobrir o que devo fazer com o dinheiro que sobrou do passeio da nossa turma ao Six Flags.

— Vou aceitar isso — brincou Soneca. Por que será que minha mãe teve de casar com alguém de uma família de comediantes?

— Posse ver? — perguntei, ignorando meus dois meios-irmãos.

— Ver o quê, querida? — perguntou Andy.

Por um momento esqueci do que estávamos falando. Querida? Andy me chamou de querida. O que está acontecendo aqui? Será que estávamos — estremeço ao pensar — criando laços? Com licença, eu já

tenho um pai, mesmo que esteja morto. Ele ainda me visita com frequência demais.

— Acho que ela quis dizer as cartas — disse minha mãe, aparentemente nem notando como seu marido tinha acabado de me chamar.

— Ah, claro — respondeu Andy. — Estão no nosso quarto.

“Nosso quarto” é o quarto onde minha mãe e Andy dormem. Tento nunca entrar lá, porque, bem, francamente, a coisa toda me causa repulsa. Claro, acho bom que minha mãe esteja finalmente feliz, depois de 10 anos chorando a morte do meu pai. Mas será que isso significa que eu queira vê-la na cama com o novo marido, assistindo *The West Wing*? Não, obrigada.

Mesmo assim, depois do jantar me esforcei e entrei lá. Mamãe estava diante da penteadeira, tirando a maquiagem. Ela precisa dormir bem cedo, para estar a postos no noticiário da manhã.

— Ah, oi, meu doce — disse mamãe de um jeito atordoado, tipo “estou ocupada”. — Acho que elas estão ali.

Olhei para onde ela apontou, em cima da penteadeira de Andy, e vi, junto com outras coisas de homem, como dinheiro trocado, fósforos e recibos, a caixa de metal encontrada por Dunga.

De qualquer modo, Andy tinha tentado limpar a caixa e fez um bom trabalho. Quase dava para ler tudo que havia escrito nela.

O que era meio infeliz, porque o que estava escrito era muito politicamente incorreto. Experimente os novos charutos Peles-vermelhas!, insistia o texto. Havia até mesmo a imagem de um nativo orgulhoso segurando um punhado de charutos onde deveriam estar seu arco e as flechas. O aroma delicioso vai tentar até mesmo o fumante mais exigente. Como acontece com todos os nossos produtos, a qualidade é garantida.

Era isso. Nenhum alerta do Ministério da Saúde falando que o fumo mata. Nada sobre a perda de peso dos fetos. Mesmo assim era estranho como os anúncios antes da existência da TV — antes mesmo do rádio — eram basicamente a mesma coisa de hoje. Só que, você sabe, agora sabemos que dar o nome de uma raça de pessoas a um produto provavelmente iria ofendê-las.

Abri a caixa e vi as cartas. Andy estava certo sobre o mau estado. Tão amarelas que mal dava para separar as folhas sem que os pedaços se

partissem. Dava para ver que tinham sido amarradas com uma fita de seda que podia ter sido de outra cor, mas agora era de um marrom feio.

Havia um maço de cartas, talvez cinco ou seis. Não posso dizer o que pensei que veria, quando peguei a primeira. Mas acho que parte de mim sabia o tempo todo o que iria encontrar.

Mesmo assim, enquanto desdobrava cuidadosamente a primeira e lia as palavras Caro Hector, ainda me sentia como se alguém tivesse vindo por trás e me chutado.

Precisei me sentar. Afundei numa das poltronas que mamãe e Andy deixam diante da lareira do quarto, os olhos ainda grudados à página amarelada.

Jesse. Aquelas cartas eram para Jesse.

— Suze? — Mamãe me olhou com curiosidade. Estava passando creme no rosto. — Você está bem?

— Ótima — falei numa voz estrangulada. — Será que eu posso... será que posso sentar aqui e ler as cartas um minuto?

Mamãe começou a passar creme nas mãos.

— Claro. Tem certeza de que está bem? Parece meio... pálida.

— Estou ótima — menti. — Ótima.

Caro Hector — dizia a primeira carta. A letra era linda — cheia de volutas e antiga, o tipo de letra que a irmã Ernestine, da escola, usava. Dava para ler com bastante facilidade, apesar de a carta ser datada de 8 de maio de 1850.

1850! O ano em que nossa casa foi construída, o primeiro ano em que funcionou como pensão para viajantes na área da península de Monterey. O ano — eu sabia porque Mestre e eu pesquisamos — em que Jesse, ou Hector (que é o nome de verdade dele; dá para imaginar? Quero dizer, Hector), desapareceu misteriosamente.

Ainda que por acaso eu saiba que não houve nada de misterioso nisso. Ele foi assassinado nesta casa... de fato, no meu quarto no segundo andar. Motivo pelo qual, no século e meio que se passou, ele ficou aqui, esperando...

Esperando o quê?

Esperando você, disse uma pequena voz na minha cabeça. Uma mediadora, para achar estas cartas e vingar a morte dele, para que ele possa ir aonde quer que deva ir em seguida.

A idéia me aterrorizou. Verdade. Fez minhas mãos suarem, mesmo estando frio no quarto de mamãe e Andy, com o ar-condicionado no máximo. Minha nuca começou a ficar arrepiada e áspera.

Obriguei-me a olhar de novo para a carta. Se Jesse tinha de ir em frente, bem, eu simplesmente iria ajudá-lo. Esse é o meu serviço, afinal de contas.

Só que não conseguia deixar de pensar no padre Dom, um colega mediador. Há alguns meses ele havia admitido que um dia teve o infortúnio de se apaixonar por um fantasma, quando tinha minha idade. As coisas não deram certo — como é que poderiam? — e ele virou padre.

Sacou? Padre. Tá legal? Para ver como a coisa foi ruim. Para ver o tamanho da perda a superar. Ele virou padre.

Francamente, não me imagino virando freira. Para começar, nem sou católica. E depois, não fico muito bem com o cabelo puxado para trás. Verdade. Por isso sempre evitei rabo-de-cavalo e faixas de cabelo.

Pára com isso, falei comigo mesma. Pára com isso começa a ler.

Li.

A carta era de alguém chamada Maria. Não sei muito sobre a vida de Jesse antes de morrer — o sujeito não adora exatamente discutir o assunto —, mas sei que Maria de Silva era o nome da garota com quem Jesse ia se casar quando desapareceu. Prima dele. Eu tinha visto o retrato dela num livro. Era uma tremenda gata, você sabe, para uma garota de saia-balão que viveu antes da cirurgia plástica ser inventada. Ou o rímel à prova d'água.

E, pelo texto, dava para ver que ela também sabia. Quero dizer, que era uma gata. A carta falava das festas que havia freqüentado, e quem disse o quê sobre seu novo toucado. Seu toucado, imagina só. Juro por Deus, era como ler uma carta de Kelly Prescott, só que tinha um monte de acolás e homessas, e não mencionava Ricky Martin. Além disso, havia um monte de coisas escritas com erros. Maria podia ser um pitéu, mas ficou bem claro, depois de ler suas cartas, que não havia tirado notas muito boas em gramática no velho educandário.

O que me espantou, enquanto lia, foi que a garota que escreveu aquelas cartas não parecia a mesma que, eu tinha bastante certeza, havia ordenado a morte do noivo. Porque por acaso eu tinha ficado sabendo que Maria não queria se casar com Jesse. O pai dela tinha arrumado o casamento. Maria pretendia se casar com outro, um cara chamado Diego,

traficante de escravos. Um charme de pessoa. De fato eu suspeitava de que Diego tinha matado Jesse.

Não, claro, que Jesse mencionasse alguma coisa sobre isso — ou, por sinal, que mencionasse qualquer coisa sobre seu passado. Ele mantém, e sempre manteve, a boca totalmente fechada sobre o assunto de sua morte. O que acho que posso entender: ser assassinado deve ser meio traumatizante.

Mas devo dizer que é meio difícil entender por que ele ainda está aqui depois de tanto tempo se não quer colaborar com a conversa. Tive de descobrir tudo isso num livro sobre a história do condado de Salinas, que Mestre descobriu na biblioteca local.

Por isso acho que se pode dizer que li as cartas de Maria com certo sentimento de premonição. Quero dizer, eu estava praticamente convencida de que descobriria nelas alguma prova de que Jesse tinha sido assassinado... e quem tinha feito isso.

Mas a última carta era tão superficial quanto as outras quatro. Não havia nada, absolutamente nada indicando qualquer ato ruim da parte de Maria... a não ser, talvez, uma total incapacidade de escrever certo a palavra compromisso. E, verdade, que tipo de crime é esse?

Dobrei as cartas cuidadosamente outra vez e as enfiei de novo na lata, percebendo que minha nuca, além das mãos, não estavam mais suando. Será que me sentia aliviada por não haver nada incriminador ali, nada que ajudasse a resolver o mistério de Jesse?

Acho que sim. É egoísmo da minha parte, sei, mas é a verdade. Só sei agora o que Maria de Silva tinha usado numa festa na casa do embaixador espanhol. Grande coisa. Por que alguém guardaria cartas tão inócuas assim numa lata de charutos e as enterraria? Não fazia sentido.

— Interessantes, não são? — perguntou mamãe quando me levantei.

Pulei quase um quilômetro. Tinha esquecido que ela estava ali. Agora estava na cama, lendo um livro sobre como administrar o tempo de modo mais eficiente.

— É — falei, guardando as cartas de novo na penteadeira de Andy.
— Realmente interessantes. Fico felicíssima em saber o que o filho do embaixador disse ao ver Maria de Silva em seu novo vestido de baile, de gaze.

Mamãe me olhou com curiosidade através dos óculos de leitura.

— Ah, ela mencionou o sobrenome em algum lugar? Porque Andy e eu estávamos imaginando qual seria. Não vimos. De Silva, foi o que você disse?

Pisquei.

— Ah. Não. Bem, ela não disse. Mas Mestre, e eu... quero dizer, David me contou sobre esta família, de Silva, que morou em Salinas mais ou menos nessa época, e eles tinham uma filha chamada Maria, e eu simplesmente... — Minha voz ficou no ar quando Andy entrava no quarto.

— Oi, Suze — disse ele, parecendo meio surpreso em me ver em seu quarto, já que eu nunca punha os pés lá dentro. — Viu as cartas? Bacanas, não?

Bacanas. Ah, meu Deus. Bacanas.

— É. Preciso ir. Boa noite.

Não consegui sair suficientemente rápido. Não sei como os filhos cujos pais se casam múltiplas vezes lidam com isso. Quero dizer, minha mãe só se casou de novo uma vez, e com um homem perfeitamente legal. Mas, mesmo assim, é esquisito demais.

Mas se eu tinha achado que poderia ir para o meu quarto e ficar sozinha e pensar nas coisas, errei. Jesse estava sentado no parapeito da janela.

Sentado ali, como sempre: totalmente gostoso, com a camisa aberta no colarinho e as calças pretas, de toureiro, que ele costuma usar — bem, não é que se possa trocar de roupa na outra vida —, com os cabelos curtos e escuros encaracolados na nuca e os olhos negros, líquidos e brilhantes por baixo das sobranceiras igualmente negras, uma das quais com uma cicatriz minúscula.

Uma cicatriz que, mais vezes do que gosto de admitir, eu sonhava em acompanhar com as pontas dos dedos.

Ele ergueu os olhos quando entrei — estava com Spike, meu gato, no colo — e disse:

— Este livro é muito difícil de entender. — Estava lendo um exemplar de *First Blood*, de David Morrell, no qual foi baseado o filme Rambo.

Pisquei tentando acordar do estupor atordoado em que a visão dele sempre me deixava por cerca de um minuto.

— Se Sylvester Stallone entendeu — falei —, achei que você entenderia.

Jesse ignorou isso. Falou:

— Marx previu que as contradições e as fraquezas dentro da estrutura capitalista provocariam crises econômicas cada vez mais sérias e o aprofundamento da pobreza da classe operária que acabaria se revoltando e tomaria o controle dos meios de produção... exatamente o que aconteceu no Vietnã. O que induziu o governo americano a achar que tinha o direito de se envolver na luta do povo daquele país em desenvolvimento em busca da solidariedade econômica?

Meus ombros se afrouxaram. Verdade, será demais pedir que eu possa voltar para casa depois de um longo dia de trabalho e relaxar? Ah, não. Tenho de chegar em casa e ler um punhado de cartas escritas ao amor de minha vida pela noiva dele que, se estou correta, mandou matá-lo há 150 anos.

Então, como se não fosse ruim o bastante, ele quer que eu explique a Guerra do Vietnã.

Realmente preciso começar a esconder os livros didáticos. O negócio é que ele os lê e consegue reter o que dizem, e depois aplica às outras coisas que encontra pela casa.

Não sei por que não pode simplesmente assistir à TV, como uma pessoa normal.

Fui até a cama e desmoronei, de cara. Devo mencionar que ainda estava usando o horrível short do hotel. Mas não consegui me obrigar a me importar com o que Jesse acharia do tamanho da minha bunda naquele momento específico.

Acho que a coisa deve ter ficado evidente. Quero dizer, não minha bunda, mas minha infelicidade geral com o modo como o verão estava passando.

— Você está bem? — perguntou Jesse.

— Estou — falei para os travesseiros.

Depois de um minuto Jesse insistiu:

— Bom, você não parece bem. Tem certeza de que não há nada errado?

“Sim, há algo errado”, quis gritar para ele. Acabo de passar vinte minutos lendo um punhado de cartas particulares de sua ex-noiva, e será que devo acrescentar que ela pareceu uma criatura fantasticamente chata? Como você pode ter sido estúpido a ponto de concordar em se casar com ela? Com ela e seu estúpido toucado.

Mas o negócio é que eu não queria que Jesse ficasse sabendo que eu tinha lido sua correspondência. Quero dizer, nós somos basicamente colegas de quarto e coisa e tal, e há certas coisas que não se faz. Por exemplo, Jesse sempre tem a delicadeza de não ficar por perto quando estou trocando de roupa, tomando banho e coisas do tipo. E eu tenho todo o cuidado de colocar a areia para Spike que, diferentemente de um gato normal, prefere a companhia dos fantasmas à humana. Só me tolera porque eu lhe dou comida.

Claro, no passado Jesse não teve escrúpulos em se materializar no banco de trás de carros em que por acaso eu estava namorando alguém.

Mas sei que Jesse nunca leria minha correspondência, coisa que tenho apenas em pequena quantidade, principalmente na forma de cartas de minha melhor amiga, Gina, lá do Brooklyn. E preciso admitir que me sinto culpada por ter lido a dele, mesmo que as cartas tenham mais de 150 anos e certamente não falem nada a meu respeito.

O que me surpreendeu foi que Jesse (que, afinal de contas, é um fantasma e pode ir a qualquer lugar sem ser visto — a não ser por mim e pelo padre Dom, claro, e agora, acho, por Jack) não soubesse das cartas. Verdade, ele parecia não fazer idéia de que elas tinham sido descobertas e que, há alguns instantes, eu estivera lá embaixo, lendo-as.

Mas, afinal de contas, *First Blood* é bem interessante. Acho.

Por isso, em vez de dizer o que estava realmente errado comigo — você sabe, qualquer coisa sobre o negócio de estou apaixonada por você, só que onde isso vai dar? Porque você nem está vivo e eu sou a única que pode vê-lo, e além disso está claro que você não sente a mesma coisa por mim. Sente? Bem, sente? —, eu simplesmente falei:

— Bom, eu conheci outro mediador hoje, e acho que isso me deixou meio estranha.

Jesse ficou muito interessado e disse que eu devia ligar para o padre Dom, dando a notícia. O que eu queria fazer, claro, era ligar para o padre Dom e contar sobre as cartas. Mas não podia fazer isso com Jesse no quarto, porque, claro, ele saberia que eu tinha xeretado suas coisas pessoais, o que, dado todo o seu sigilo sobre o modo como tinha morrido, duvidei de que ele apreciaria.

Por isso falei:

— Boa idéia. — E pequei o telefone e liguei para o padre D.

Só que o padre D. não atendeu. E sim uma mulher. A princípio pirei, achando que o padre Dominic estava ficando com alguém. Mas então me lembrei de que ele mora numa residência eclesiástica, com um bocado de outras pessoas. Por isso perguntei:

— O padre Dominic está? — esperando que fosse apenas uma noviça ou algo assim, e que ela iria chamá-lo sem fazer comentário.

Mas não era uma noviça. Era a irmã Ernestine, subdiretora da escola e que, claro, reconheceu minha voz.

— Suzannah Simon — disse ela. — Por que está ligando para a casa do padre Dominic a esta hora? Você sabe que horas são, mocinha? Quase dez!

— Eu sei. Só que...

— Além disso, o padre Dominic não está — continuou a ela. — Foi para um retiro.

— Retiro? — ecoei, visualizando o padre Dominic diante de uma fogueira de acampamento com um punhado de outros padres, cantando cantigas de escoteiro e possivelmente usando sandálias.

Então lembrei que o padre Dominic tinha dito que iria para um retiro com os diretores das escolas católicas. Até me deu o número de lá, para o caso de haver alguma emergência fantasmagórica e que eu precisasse fazer contato. Mas não achei que a descoberta de um novo mediador fosse emergência... ainda que, sem dúvida, o padre Dom acharia. Por isso apenas agradei à irmã Ernestine, pedi desculpas por tê-la incomodado e desliguei.

— O que é um retiro? — perguntou Jesse?

Então expliquei, mas o tempo todo estava ali sentada, pensando na vez em que ele tinha tocado em meu rosto no hospital e imaginando se teria sido apenas porque sentia pena de mim, se gostava mesmo de mim (mais do que como apenas uma amiga — sei que ele gosta de mim como amiga), ou sei lá o quê.

Porque o negócio é que, mesmo estando morto há 150 anos, Jesse é realmente um tremendo gato — muito mais até do que Paul Slater... ou talvez eu só pense isso porque estou apaixonada.

Mas tudo bem. Quero dizer, ele realmente parece saído direto de um anúncio. Tem até os dentes ótimos para um cara nascido antes de inventarem o flúor, muito brancos e fortes. Puxa, se houvesse algum carinho na Academia da Missão que se parecesse ao menos de longe com Jesse, ir à escola não seria a gigantesca perda de tempo que é.

Mas de que adianta? Quero dizer, ele ser tão bonito e coisa e tal? O cara é um fantasma. Sou a única que consegue vê-lo. Não posso apresentá-lo à minha mãe, nem levá-lo à festa de formatura, nem casar com ele, nem nada. Não temos futuro juntos.

Preciso me lembrar disso.

Mas algumas vezes é muito, muito difícil. Em especial quando ele está sentado ali na minha frente, rindo do que eu digo e fazendo carinho naquele gato estúpido e fedorento. Jesse foi a primeira pessoa que conheci quando me mudei para a Califórnia, e virou meu primeiro amigo de verdade aqui. Sempre esteve presente quando precisei, o que é mais do que posso dizer da maioria dos vivos que conheço. E se eu tivesse de escolher uma pessoa para levar para uma ilha deserta, nem iria pensar: claro que seria o Jesse.

Era nisso que estava pensando quando expliquei sobre os retiros. Era o que estava pensando quando passei a explicar o que sabia sobre a Guerra do Vietnã, e depois sobre a eventual queda do comunismo na ex-União Soviética. Era o que estava pensando quando escovei os dentes e me preparei para dormir. Era o que estava pensando quando disse boa noite a ele, me enfiei sob as cobertas e apaguei a luz. Era o que estava pensando quando o sono me dominou e abençoadamente embotou qualquer pensamento... ultimamente o tempo que passava dormindo era o único em que conseguia não pensar em Jesse.

Mas vou lhe contar: tudo voltou com força total quando, apenas algumas horas depois, acordei com um susto e encontrei uma mão apertando minha boca.

E, ah, sim, uma faca encostada na garganta.

Capítulo 4

Sendo mediadora, não é estranho acordar de um modo, vamos dizer, um pouco menos do que gentil.

Mas isso foi muito menos gentil do que o usual. Quero dizer, em geral, quando alguém quer ajuda, se esforça ao máximo para não antagonizar a gente... coisa que uma faca na garganta tende a fazer.

Mas assim que abri os olhos e vi quem era o indivíduo segurando a faca, percebi provavelmente que ela não queria minha ajuda. Não. Provavelmente queria me matar.

Não pergunte como eu soube. Sem dúvida eram os velhos instintos de mediadora funcionando.

Bem, e a faca era uma indicação bastante significativa.

— Escute, garota idiota — sibilou Maria de Silva. Maria de Silva Diego, devo dizer, já que na ocasião da morte ela estava casada com Felix Diego, o traficante de escravos. Sei disso tudo pelo livro que Mestre pegou na biblioteca, chamado Meu Monterey, uma história do condado de Salinas entre 1800 e 1850. Tinha também até um retrato de Maria.

Motivo pelo qual, por acaso, eu soube quem estava tentando me matar.

— Se você não fizer seu pai e seu irmão pararem de cavar aquele buraco — sibilou ela. Bem, padrasto e meio-irmão, eu quis corrigir, só que não pude por causa da mão na minha boca. — Vou fazer você lamentar ter nascido. Entendeu?

Uma fala bastante dura para uma garota de saia-balão. Porque era isso que ela era. Uma garota.

O que não era quando morreu. Quando morreu, por volta da virada do século — do século passado, não deste, claro — Maria de Silva Diego tinha uns setenta anos.

Mas o fantasma em cima de mim parecia ter minha idade. O cabelo era preto, sem qualquer sugestão de grisalho, com uns cachos bem chiques de cada lado do rosto. Parecia ter muita coisa no departamento de joalheria. Havia um rubi grande e gordo pendurado numa corrente de ouro em volta do pescoço longo e esguio — muito Titanic e coisa e tal —, e

tinha uns anéis da pesada nos dedos. Um deles estava contando minha gengiva.

Mas esse é o negócio dos fantasmas. O negócio que sempre mostram errado nos filmes. Quando você morre, o espírito não assume a forma de seu corpo na hora em que bateu as botas. Ninguém vê fantasmas andando por aí com as entranhas se derramando nem segurando a cabeça cortada, ou sei lá o que. Se fosse assim, Jack poderia ter razão em ser um moleque tão medroso.

Mas a coisa não acontece desse modo. Em vez disso, os fantasmas aparecem na forma de quando o corpo estava mais vital, mais vivo.

E acho que, para Maria de Silva, isso foi quando tinha uns 16 anos.

Ei, era legal ter opção, sabe? Jesse não teve permissão de viver o bastante para poder escolher. Graças a ela.

— Ah, não, de jeito nenhum — disse Maria, com a parte de trás dos anéis raspando meus dentes de um modo que eu teria mesmo como descrever como desagradável. — Nem pense nisso.

Não sei como ela soube, mas eu estivera pensando em dar uma joelhada em sua coluna vertebral. Mas a lâmina apertada contra minha jugular me dissuadiu rapidamente.

— Você vai fazer seu pai parar de cavar lá atrás, e vai destruir aquelas cartas, entendeu, garotinha? — sibilou Maria. — E não vai dizer uma palavra sobre elas, nem sobre mim, a Hector. Estou sendo clara?

O que eu poderia fazer? Ela estava com uma faca na minha garganta. E não havia nada em seus modos que lembrassem a Maria de Silva que havia escrito aquelas cartas idiotas. A garota não estava arengando sobre o novo toucado, se é que você sacou. Não tive qualquer dúvida de que ela não somente sabia usar a faca, mas que pretendia fazer isso, se fosse provocada.

Assenti para mostrar que, nas circunstâncias, estava perfeitamente disposta a seguir suas ordens.

— Bom — disse Maria de Silva. E então afastou os dedos da minha boca. Senti gosto de sangue.

Ela havia montado em cima de mim — o que explicou todas aquelas anáguas de renda na minha cara, coçando meu nariz — e agora me olhava, com feições bonitas retorcidas numa expressão de nojo.

— E disseram para eu ter cuidado — falou com um riso de desprezo. — Que você era cheia de truques. Mas não é, é? É apenas uma garota. Uma garotinha estúpida.

Em seguida inclinou a cabeça para trás e gargalhou.

E então sumiu. Assim.

Logo senti que podia me mexer outra vez, saí da cama e fui para o banheiro, onde acendi a luz e olhei meu reflexo no espelho em cima da pia.

Não. Não havia sido um pesadelo. Havia sangue entre meus dentes, onde o anel de Maria de Silva tinha cortado.

Lavei até que todo o sangue tivesse saído, depois apaguei a luz do banheiro e voltei para o quarto. Acho que estava meio atordoada. Não podia registrar direito o que havia acontecido. Maria de Silva. Maria de Silva, noiva de Jesse — acho que, nas circunstâncias, é seguro dizer ex-noiva —, tinha aparecido no meu quarto e me ameaçado. Eu. Euzinha, coitada.

Era muita coisa a processar, em especial considerando que eram... ah, não sei, quatro da madrugada?

E por acaso eu ainda recebia outro choque noturno. Nem bem saí do banheiro e notei que havia alguém encostado num dos suportes do dossel da minha cama.

Só que não era apenas alguém. Era Jesse. E, quando me viu, ele se empertigou.

— Você está bem? — perguntou preocupado. — Achei... Suzannah, havia alguém aqui, agora?

Ah, quer dizer, sua ex-namorada com uma faca?

Foi o que eu pensei. O que falei foi:

— Não.

Certo. Nem comece. O motivo para eu não contar não teve nada a ver com a ameaça de Maria.

Não, era a outra coisa que Maria tinha dito. Sobre falar com Andy para parar de cavar no quintal dos fundos. Porque isso só podia significar uma coisa: havia algo enterrado no quintal dos fundos e ela não queria que alguém descobrisse.

E eu tinha a sensação de que sabia o que era esse algo.

Também tinha a sensação de que o algo era o motivo para Jesse estar nas colinas de Carmel há tanto tempo.

Deveria ter contado tudo isso a ele, certo? Puxa, qual é: Jesse tinha o direito de saber. Era algo muito diretamente ligado a ele.

Mas também era algo que, eu tinha certeza, iria levá-lo embora para sempre.

É, sei: se eu realmente o amasse, estaria disposta a libertá-lo, como naquele poema que sempre imprimem em cartazes com gaivotas voando ao vento: Se você ama alguém, liberte-o. Se tiver de ser, ele voltará para você.

Deixe-me dizer uma coisa. Esse poema é idiota, certo? E não se aplica de jeito nenhum a esta situação. Porque assim que Jesse ficar livre, nunca mais voltar para mim. Porque não poderá. Porque vai estar no céu, em outra vida, ou sei lá onde.

E aí terei de virar de freira.

Meu Deus. Meu Deus, é tudo uma porcaria.

Arrastei-me de volta para a cama.

— Olha, Jesse — falei puxando as cobertas até o queixo. Estava de camiseta e short, mas, você sabe, sem sutiã nem nada. Não que ele pudesse perceber, estando no escuro e coisa e tal, mas nunca se sabe. — Estou mesmo cansada.

— Ah. Claro. Mas... tem certeza de que não havia ninguém aqui? Porque posso jurar...

Esperei que ele terminasse. Como é que a frase acabaria? Posso jurar que ouvi a voz melodiosa da mulher que amei? Posso jurar que senti o perfume dela — que, por sinal, era de flor de laranjeira?

Mas não falou essas coisas. Em vez disso, parecendo realmente confuso, disse:

— Desculpe.

E desapareceu, exatamente como a ex-namorada tinha feito. De fato é de pensar que eles poderiam ter se trombado, não é?, lá no plano espiritual, com todo esse negócio de se materializar e se desmaterializar.

Mas aparentemente não.

Não vou mentir e dizer que voltei a cair logo no sono. Não caí. Estava mesmo cansada, mas minha mente ficava repassando o que Maria tinha dito, repetidamente. Com quê, afinal, ela estava tão abalada e cheia de preocupação? Aquelas cartas não tinham absolutamente nada incriminador. Quero dizer, se foi verdade que ela mandou apagar Jesse para casar com o namorado Diego, em vez dele.

E, se aquelas cartas eram tão importantes, por que ela não as destruiu direito há tantos anos? Por que foram enterradas no quintal dos fundos numa lata de charutos?

Mas não era isso que estava realmente me incomodando. O que realmente me incomodava era que ela queria que eu fizesse Andy parar de cavar. Porque isso só podia significar uma coisa.

Havia algo ainda mais incriminador ali.

Tipo um corpo.

E eu nem queria pensar no corpo de quem seria.

E quando acordei de novo, algumas horas mais tarde, depois de finalmente conseguir cochilar, ainda não queria pensar nisso.

Mas uma coisa eu sabia: não ia pedir para Andy parar de cavar (como se ele ao menos fosse ouvir, caso eu pedisse), nem ia destruir aquelas cartas. Nem pirando.

Na verdade tomei posse delas, só para garantir, dizendo a Andy que ia entregar pessoalmente à sociedade histórica. Deduzi que ficariam em segurança lá, para o caso de a velha Maria Diego aprontar alguma coisa. Andy ficou surpreso, mas não o bastante para me perguntar casualmente qual era a minha. Estava ocupado demais gritando com Dunga por ter cavado no lugar errado.

Quando cheguei ao Pebble Beach Hotel and Golf Resort naquela manhã, fui recebida por Caitlin com um tom acusador:

— Bem, não sei o que você fez com Jack Slater, mas a família dele pediu que tomasse conta do garoto pelo resto da estada... até o domingo.

Não fiquei surpresa. Nem me importei particularmente. O fator Paul era perturbador, claro, mas agora que eu conhecia o motivo para o comportamento estranho de Jack, passei a gostar genuinamente do moleque.

E, como ficou claro no momento em que pus os pés na suíte da família, ele estava louco por mim. Nada de ficar deitado no chão diante da TV. Jack estava de calção de banho e pronto para sair.

— Pode me ensinar nado borboleta hoje, Suze? — perguntou ele.
— Sempre quis nadar borboleta.

— Suzan — disse a mãe dele num aparte sussurado, logo antes de sair correndo para seu compromisso (Paul e o pai não estavam por perto, para meu alívio, porque tinham de jogar golfe às sete horas). — Mal posso agradecer o que você fez pelo Jack. Não sei o que você falou ontem, mas é

que como se ele fosse outra criança. Nunca o vi tão feliz. Sabe, ele realmente é uma pessoa notavelmente sensível. E tem uma imaginação! Sempre acha que está vendo... bem, gente morta. Ele falou disso com você?

Respondi casualmente que sim.

— Bem, nós ficamos quase loucos. Devemos ter consultado uns trinta médicos diferentes, e nenhum, nenhum, conseguiu fazer contato com ele. Então você aparece e... — Nancy Slater olhou para mim com os olhos azuis cuidadosamente maquiados. — Bem, não sei como poderíamos agradecer, Suzan.

“Poderia começar me chamando pelo nome certo”, pensei. Mas na verdade não me importava. Só disse:

— Sem problema, Sra. Slater — em seguida fui pegar Jack e o levei para a piscina.

Jack era um garoto diferente. Não havia como negar. Até Soneca, acordado do cochilo semipermanente pelo espadamar feliz do meu pupilo, perguntou se ele era o mesmo garoto que tinha visto comigo na manhã anterior, e, quando eu disse que sim, chegou a parecer incrédulo por um ou dois segundos antes de voltar a dormir. As coisas que já haviam apavorado Jack — basicamente, tudo — não pareciam mais incomodá-lo nem um pouco.

E assim, quando, depois de hambúrgueres na lanchonete da piscina, sugeri que pegássemos o ônibus do hotel e fôssemos à cidade, ele nem protestou. Até comentou que o plano “parecia divertido”.

Divertido. Vindo de Jack. Verdade, talvez a mediação não seja meu verdadeiro dom. Talvez eu devesse ser professora, psicóloga infantil, ou algo do tipo. Sério.

Mas Jack não ficou particularmente empolgado quando, assim que chegamos à cidade, fomos ao prédio onde fica a Sociedade Histórica de Carmel. Ele queria ir à praia, mas quando falei que era para ajudar a um fantasma e que iríamos à praia depois, ele aceitou bem.

Na verdade não sou do tipo de garota que frequenta a sociedade histórica, mas até tenho de admitir que era maneiro olhar para todas aquelas fotos antigas nas paredes, fotos de Carmel e do condado de Salina há cem anos, antes que os supermercados e shoppings fossem inaugurados, quando tudo eram campos pintalgados de ciprestes, como naquele livro que fizeram a gente ler na oitava série, O pônei vermelho. Havia umas

coisas bem legais — na verdade não muito da época de Jesse, mas muita coisa posterior, tipo depois da Guerra Civil. Jack e eu estávamos admirando algo chamado visor estereoscópico, que era o que as pessoas usavam para se divertir antes de existir o cinema, quando um careca mal-arrumado saiu de sua sala e nos olhou através de óculos com lentes grossas como fundos de garrafa de Coca, e disse:

— Sim, vocês queriam falar algo?

Respondi que queríamos ver alguém encarregado. O sujeito disse que era ele, e se apresentou com Dr. Clive Clemmings, Ph.D. Por isso falei ao Dr. Clive Clemmings, Ph.D., quem eu era e onde morava, e peguei a lata de charutos de minha mochila JanSport (Kate Spade não combina com short cáqui pregueado) e mostrei as cartas...

Ele pirou de vez.

Sério. Ele pirou de vez. Ficou tão empolgado que disse à velha da recepção para não repassar os telefonemas (ela ergueu os olhos, pasma, do romance que estava lendo; estava claro que o Dr. Clive Clemmings, Ph.D., não devia receber muitos telefonemas) e nos levou para a sua sala privativa...

Onde quase tive um ataque cardíaco. Porque ali, sobre a mesa de Clive Clemmings, estava o retrato de Maria de Silva, o que eu tinha visto no livro que Mestre havia apanhado na biblioteca.

Percebi que o pintor tinha feito um trabalho extraordinariamente bom. Havia acertado na mosca, até o cabelo artisticamente cacheado e o colar de ouro rubi no pescoço elegante, para não falar da expressão presunçosa...

— É ela! — exclamei de modo totalmente involuntário, cutucando o quadro com o dedo.

Jack me olhou como se eu tivesse enlouquecido — o que acho que era momentaneamente verdade —, Clive Clemmings só espiou o retrato por cima do ombro e disse:

— Sim, Maria Diego. A jóia da coroa de nossa coleção, esse quadro. Resgatei-o num bazar de garagem de um dos netos dela, dá para imaginar? Azar dele, coitado. Uma desgraça, pensando bem. Mas nenhum dos Diego deu em grande coisa. Sabe o que dizem sobre sangue ruim. E Feliz Diego...

O Dr. Clive tinha aberto a lata de charutos e, usando uma coisa especial parecida com uma pinça, desdobrou a primeira carta.

— Minha nossa — ofegou ele, olhando-a.

— É — falei. — É dela. — Assenti para o quadro. — Maria de Silva. Um maço de cartas que ela escreveu para Jesse... quero dizer, Hector de Silva, seu primo, com quem ela deveria se casar, só que ele...

— Desapareceu.

Clive Clemmings me encarou. Se eu podia adivinhar direito, deveria ter trinta e poucos anos — apesar da ampla careca no topo da cabeça —, e mesmo não sendo bonito de jeito nenhum, nesse momento não parecia tão absolutamente repulsivo como antes. Um olhar de perplexidade total, que certamente não ajuda a muitas pessoas, fez maravilhas por ele.

— Meu Deus — disse o sujeito. — Onde você achou isso?

Então contei, e ele ficou ainda mais empolgado, e mandou esperar em sua sala enquanto ia fazer uma coisa.

Por isso esperamos. Jack foi muito bom. Só disse por duas vezes:

— Quando é que a gente vai à praia?

Quando o Dr. Clive Clemmings, Ph.D., voltou, estava segurando uma bandeja e um punhado de luvas de látex, que disse que deveríamos calçar se fôssemos tocar em alguma coisa. Nesse ponto Jack estava bem entediado, por isso optou por voltar à sala principal e brincar mais um pouco com o visor estereoscópico. Só eu calcei as luvas.

Mas fiquei satisfeita com isso. Porque o que Clive Clemmings me deixou tocar quando as calcei era tudo que a sociedade histórica havia colecionado e que tinha alguma coisa a ver com Maria de Silva.

O que, deixe-me dizer, era um bocado.

Mas as coisas que mais me interessaram na coleção foram uma pintura minúscula — uma miniatura, como Clive Clemmings disse que era chamada — de Jesse (ou Hector de Silva, como o Dr. Clive o chamava; aparentemente só a família mais próxima de Jesse o chamava de Jesse... a família e eu claro) e cinco cartas em condições muito melhores do que as da lata de charutos.

A miniatura era perfeita, como uma pequena fotografia. Naquela época as pessoas realmente sabiam pintar, acho. Era totalmente Jesse. A imagem o capturava perfeitamente. Tinha aquela expressão de quando lhe conto sobre alguma conquista fantástica que fiz num shopping — você sabe, que consegui uma bolsa Prada com cinquenta por cento de desconto, ou algo assim. Como se não pudesse se importar menos.

Na pintura, que era só da cabeça e dos ombros de Jesse, ele estava usando algo que Clive Clemmings chamou de gravata à Lavallière, que supostamente todos os caras usavam na época, um negócio grande, largo e cheio de dobras, enrolado algumas vezes no pescoço. Parecia ridículo em Dunga, Soneca ou mesmo em Clive Clemmings, apesar de seu Ph.D.

Mas em Jesse, claro, ficava fantástico.

Bem, o que não ficaria?

De certa forma, as cartas eram quase melhores do que a pintura. Porque todas eram endereçadas a Maria de Silva... e assinadas por alguém chamado Hector.

Parti para cima delas, e não posso dizer que senti a menor culpa. Eram muito mais interessantes do que as cartas de Maria — se bem que, como elas, não eram nem um pouco românticas. Não: Jesse apenas escrevia — de modo muito espirituoso, devo acrescentar — sobre os acontecimentos da fazenda de sua família e as coisas engraçadas que suas irmãs faziam. (Por acaso ele tinha cinco. Quero dizer, irmãs. Todas mais novas, indo de seis a dezesseis anos na época em que Jesse morreu. Mas será que ele já havia falado disso comigo? Ah, por favor). Também havia coisas sobre política local e como era difícil manter bons empregados na fazenda por causa da corrida do ouro que todos eles partiam para reivindicar posses.

O negócio é que, pelo modo como Jesse escrevia, quase dava para ouvi-lo falando aquilo. Era tudo muito amigável, tipo bate-papo e maneiro. Muito melhor do que as cartas presunçosas de Maria.

E, além disso, nada estava escrito errado.

Enquanto eu lia as cartas de Jesse, o Dr. Clive arengava dizendo que agora que tinha as cartas de Maria a Hector iria colocá-las na exposição que pretendia fazer para a temporada turística de outono, uma exposição sobre todo o clã Silva e sua importância para o crescimento do condado de Salinas no decorrer dos anos.

— Se ao menos restasse algum deles vivo — falou, pensativo. — Quero dizer, algum Silva. Seria ótimo tê-los como oradores convidados.

Isso atraiu minha atenção.

— Deve ter restado algum. Maria e o tal de Diego não tiveram 37 filhos, ou algo assim?

Clive Clemmings ficou sério. Como historiador — e especialmente Ph.D. —, não parecia apreciar qualquer tipo de exagero.

— Tiveram 11 filhos — corrigiu. — E eles não são estritamente Silva, e sim Diego. Infelizmente a família Silva tinha muitas filhas. Acho que Hector de Silva foi o último homem da linhagem. E, claro, nunca saberemos se ele teve algum filho do sexo masculino. Se teve, certamente não foi no norte da Califórnia.

— Claro que não teve — falei, talvez mais na defensiva do que deveria. Mas estava incomodada. Fora o óbvio machismo daquela coisa de último homem da linhagem, fiquei irritada com a presunção do sujeito, de que Jesse poderia estar procriando em algum local quando, de fato, fora assassinado de modo maligno. — Ele foi morto na minha casa!

Clive Clemmings me olhou com as sobrancelhas erguidas. Só então percebi o que tinha dito.

— Hector de Silva — disse o Dr. Clive, parecendo um bocado a irmã Ernestine quando fica irritada com bagunceiros na aula de religião — desapareceu pouco antes de se casar com a prima Maria, e jamais se teve notícias dele.

Eu não podia ficar ali sentada e dizer: É, mas seu fantasma mora no meu quarto, e ele me contou...

Em vez disso, falei:

— Eu achava que a... é... percepção era que Maria mandou o namorado, o tal de Diego, matar Hector, para não ter de se casar com ele.

Clive Clemmings pareceu chateado.

— Isso é apenas uma teoria apresentada por meu avô, o coronel Harold Clemmings, que escreveu...

— Meu Monterey — terminei para ele. — É, foi o que quis dizer. O cara é seu avô?

— Sim — respondeu o Dr. Clemmings, mas não pareceu feliz demais com isso. — Ele faleceu há muitos anos. E não posso dizer que concordo com sua teoria, srta... é... Ackerman. — Eu tinha doado as cartas de Maria em nome do meu padrasto, por isso o Dr. Clive, machista como era, presumiu que esse também fosse o meu nome. — Nem posso dizer que o livro tenha vendido bem. Meu avô era extremamente interessado na história da comunidade, mas não era um homem formado, como eu. Não possuía nem mesmo um mestrado, quanto mais Ph.D. Minha crença, para não mencionar a da maioria dos historiadores locais, sempre foi que o jovem sr. Silva, como dizemos comumente, “amarelou” — o Dr. Clive fez pequenas aspás com os dedos — alguns dias antes do casamento e, incapaz

de encarar o embaraço da família por abandonar a jovem daquele modo, partiu para reivindicar alguma posse, talvez perto de São Francisco...

É incrível, mas por um momento me visualizei cravando aquela pinça que Clive Clemmings me obrigou a usar para virar as páginas das cartas de Jesse direto nos olhos dele. Isto é, se eu conseguisse fazer com que ela passasse pelas lentes daqueles óculos imbecis.

Em vez disso me controlei e disse, com toda a dignidade que pude juntar enquanto estava ali sentada vestida de short cáqui pregueado:

— E você realmente acredita, bem no fundo do coração, Clive, que a pessoa que escreveu estas cartas faria algo assim? Que iria embora sem dizer uma palavra à família? Às irmãzinhas, que ele claramente amava e sobre quem escreveu com tanto afeto? Realmente acha que o motivo para essas cartas terem aparecido no meu quintal é porque ele as enterrou lá? Ou acha que é fora de possibilidade que o motivo de elas terem aparecido lá seja porque ele está enterrado lá em algum lugar, e que se meu padrasto cavar bem fundo pode acabar encontrando-o?

Minha voz tinha subido de tom, esganiçada. Acho que eu estava ficando meio histérica com aquela coisa toda. Pois é, pode me processar.

— Será que isso faria você ver que seu avô está cem por cento correto? — guinchei. — Quando meu padrasto achar o cadáver podre de Hector de Silva?

Clive Clemmings ficou mais perplexo do que antes.

— Minha cara srta. Ackerman! — exclamou ele.

Acho que falou porque tinha notado, no mesmíssimo momento que eu, que eu estava chorando.

O que era bem estranho, porque não sou chorona. Quero dizer, é claro, eu choro quando bato a cabeça num armário da cozinha ou vejo um daqueles comerciais melosos da Kodak ou coisa assim. Mas, você sabe, não caio no choro por qualquer bobagem.

Mas ali estava eu, sentada na sala do Dr. Clive Clemmings, Ph.D., abrindo o maior berreiro. Muito bem, Suze. Isso é que é profissional. Um belo modo de mostrar a Jack como mediar.

— Bem — falei em voz trêmula enquanto tirava as luvas de látex e me levantava. — Deixe-me garantir, Clive, que você está muito, muito errado. Jesse... quero dizer, Hector, jamais faria algo assim. Isso pode ser o que ela quer que você acredite. — Assenti para o quadro na parede acima, cuja visão agora estava começando a odiar com uma espécie de paixão.

Jesse... quero dizer, Hector, não é... não era assim. — Se ele “amarelasse”, como você falou — fiz as mesmas aspas estúpidas no ar — Teria cancelado a coisa. E, sim, os pais dele poderiam ficar embaraçados, mas teriam perdoado, porque claramente o amavam tanto quanto ele os amava, e...

Mas não consegui falar mais, de tanto que estava chorando. Era de enlouquecer. Não dava para acreditar. Chorando. Chorando na frente desse palhaço.

Por isso me virei e saí intempestivamente da sala.

Não foi uma saída muito digna, acho, considerando que a última coisa que o Dr. Clive Clemmings, Ph.d, viu de mim foi minha bunda, que devia parecer enorme naquele short estúpido.

Mas consegui passar meu argumento.

Acho.

Claro, no fim, acabou não importando. Mas na hora eu não tinha como saber disso.

Nem, infelizmente, o pobre Dr. Clemmings, Ph.D.

Capítulo 5

Meus Deus, odeio chorar. É tão humilhante! E juro que quase nunca faço isso.

Mas acho que a tensão de ser agredida no meio da noite pela ex-namorada do sujeito que eu amo, com uma faca na mão, finalmente me pegou no contrapé. Praticamente não parei de chorar até que Jack, desesperado, me comprou um sorvete no Jimmy's Quick Mart a caminho da praia.

Isso e uma barra de chocolate logo fizeram com que eu me sentisse eu mesma outra vez, e não demorou muito para Jack e eu estarmos cabriolando na água, curtindo com a cara dos turistas e apostando em que surfista cairia da prancha primeiro. Foi tão divertido que só quando o sol começou a se pôr percebi que precisava levar Jack de volta ao hotel.

Não que alguém tivesse sentido nossa falta, descobrimos ao chegar. Quando larguei Jack na suíte da família, sua mãe esticou a cabeça no terraço, onde estava tomando coquetéis com o Dr. Rick, e disse:

— Ah, é você, Jack? Vá correndo trocar a roupa para o jantar, está bem? Vamos nos encontrar com os Robertson. Obrigada, Suzan, vejo você amanhã.

Acenei e fui embora, aliviada por ter conseguido evitar Paul. Depois de minha tarde inesperadamente traumática, não achava que conseguiria passar por um confronto com o Sr. Uniforme de tênis.

Mas meu alívio foi prematuro. Quando estava sentada no banco da frente do Land Rover, esperando Soneca se desembaraçar de Caitlin, que parecia ter algo terrivelmente urgente para discutir com ele justo quando estávamos indo embora, alguém bateu na minha janela fechada. Olhei, e ali estava Paul, usando gravata, imagina só, e um paletó esporte azul-escuro.

Apertei o botão que abria a janela.

— Ah — falei. — Oi.

— Oi. — Ele estava dando um sorriso agradável. Os últimos raios de sol captaram o dourado em seus cachos castanhos. Tive de admitir que ele realmente era bonito. Kelly Prescott o teria comido com uma colher. — Acho que você já tem planos para esta noite — disse ele.

Não tinha, claro, mas respondi depressa:

— Tenho.

— Foi o que imaginei. — O sorriso dele continuou agradável. — Que tal amanhã à noite?

Olha, sei que sou esquisita, certo? Não precisa dizer. Ali estava eu, e um cara totalmente gato, totalmente maneiro me convidando para sair, e eu só podia pensar num sujeito que, vamos encarar os fatos, está morto. Certo? Jesse está morto. É idiotice — idiotice, idiotice, idiotice — da minha parte recusar um encontro com um cara vivo quando o único outro que tenho na vida está morto.

Mas foi exatamente isso que fiz. Falei:

— Ah, desculpe, Paul. Tenho planos para amanhã à noite, também.

Nem me importei se parecia estar mentindo. Para ver como sou pirada. Simplesmente não consegui demonstrar o mínimo interesse.

Mas acho que foi um erro bem grande. Acho que o Sr. Paul Slater não está acostumado a ver garotas recusando seus convites para jantar, ou qualquer outra coisa. Porque disse, não mais com sorriso agradável, nem com sorriso nenhum:

— Bem, que pena. É mesmo uma pena, considerando o fato de que agora terei de contar à sua supervisora que você levou meu irmãozinho para fora do hotel hoje, sem a permissão dos meus pais.

Só o encarei pela janela aberta. A princípio nem pude deduzir do que estava falando. Depois me lembrei do ônibus, da sociedade histórica e da praia.

Quase explodi numa gargalhada. Sério. Puxa, se Paul Slater achava que me arranjar encrenca por ter tirado um garoto sem a permissão dos pais era a pior coisa que poderia acontecer — que ao menos havia me acontecido hoje —, estava muito, muito fora da real. Imagine só, uma mulher que está morta há quase cem anos encostou uma faca na minha garganta no meu próprio quarto, há menos de 24 horas. Será que ele realmente acha que vou me importar se Caitlin me fizer uma repreensão?

— Vá em frente — falei. — E quando contar a ela, não deixe de mencionar que, pela primeira vez na vida, seu irmão se divertiu.

Apertei o botão para fechar a janela — puxa, verdade, qual é o problema desse cara? — mas Paul enfiou a mão e apertou o vidro com os dedos. Soltei o botão. Quero dizer, eu só queria que ele fosse embora, não que fosse mutilado pelo resto da vida.

— É — disse Paul. — Eu estava pensando em lhe perguntar sobre isso. Jack disse que você contou que ele é médium.

— Mediador — corrija antes que ele pudesse me impedir. E eu tinha avisado ao Jack para guardar segredo! Quando é que esse garoto ia aprender que sair por aí dizendo às pessoas que pode falar com fantasmas não irão fazer com que os outros gostassem dele?

— Tanto faz. Imagino que você deve achar bem divertido curtir com a cara de alguém que tem problema mental.

Não pude acreditar. Realmente. Era como uma coisa de um seriado de TV. Mas não da Warner, nem mesmo da Fox. Era totalmente novelão mexicano.

— Não acho que seu irmão tenha problema mental.

— Ah, não? — Paul parecia o dono da verdade. — O garoto diz a você que vê gente morta, e você acha que ele está com a mão cheia de trunfos?

Balancei a cabeça.

— Jack pode ser capaz de ver gente morta, Paul. Você não sabe. Quero dizer, você não pode provar que ele não vê gente morta.

Ah, brilhante argumento, Suze. Onde, diabos, estava Soneca? Anda logo. Me tira daqui.

— Suze — disse Paul, me olhando com atenção. — Por favor. Gente morta? Você realmente acredita nisso? Realmente acredita que meu irmão consegue ver... que consegue falar com gente morta?

— Já ouvi falar de coisas mais estranhas. — Olhei para Soneca. Caitlin estava sorrindo para ele e balançando sua loura juba tipo Jennifer Aniston para tudo que é canto. Ah, meu Deus, chega de paquera! Convide o cara para sair e acabe com isso, para que eu possa...

— É, bem, você não deveria estar encorajando-o. — disse Paul. — É a pior coisa que poderia fazer, segundo os médicos.

— É? — Agora eu estava ficando meio pê da vida. Quero dizer, o que Paul Slater sabia? Só porque o pai é cirurgião cerebral, ou sei lá o quê, e pode pagar uma semana no Pebble Beach Hotel and Golf Resort, isso não faz com que ele esteja certo o tempo todo. — Bem, Jack me parece ótimo. Talvez você até aprenda uma ou duas coisas com ele, Paul. Pelo menos ele tem a mente aberta.

Paul só balançou a cabeça, incrédulo.

— O que você está dizendo, Suze? Que você acredita em fantasmas?

Finalmente, finalmente, Soneca se despediu de Caitlin e se virou para o carro.

— É. Acredito. E você, Paul?

Paul só piscou para mim.

— Eu o quê?

— Acredita?

O lábio superior enrolado foi toda a resposta de que eu precisava. Não me importando se iria decepar sua mão, apertei o botão da janela. Paul tirou os dedos no último instante. Acho que pensava que eu não era do tipo deceparadora de dedos.

E estava muito errado.

Por que os garotos são tão difíceis? Quero dizer, puxa! Quando não estão bebendo direto da caixa nem deixando a tampa da privada levantada, ficam todos ofendidos porque a gente não quer sair com eles e ameaçam dedurar a gente para a supervisora. Será que não ocorreu a nenhum deles que esse não é o caminho para o nosso coração?

E o problema é que eles simplesmente vão continuar fazendo isso enquanto garotas imbecis como Kelly Prescott continuarem concordando em sair com eles, apesar dos defeitos.

Fiquei mal-humorada por todo o caminho para casa. Até Soneca notou.

— O que é que você tem? — perguntou ele.

— O idiota do Paul Slater está furioso porque não quero sair com ele — falei, ainda que geralmente eu siga a política de não compartilhar meus problemas pessoais com nenhum dos meus meios-irmãos, a não ser, ocasionalmente, Mestre, e só porque o QI dele é muito mais alto que o meu. — Paul disse que vai dizer a Caitlin que eu saí do hotel com o irmãozinho dele sem a permissão dos pais, coisa que eu fiz, mas só para levá-lo à praia.

E à Sociedade Histórica de Carmel. Mas não mencionei isso.

— Não brinca? Isso é jogo sujo. Bem, não se preocupe. Eu resolvo as coisas com Caitlin, se você quiser.

Fiquei chocada. Só tinha falado disso porque estava me sentindo de baixo-astral. Não esperava que Soneca ajudasse, nem nada.

— Verdade? Você faria isso?

— Claro — Soneca deu os ombros. — Vou sair com ela esta noite, depois de acabar as entregas. — Soneca trabalha de salva-vidas durante o dia e entrega pizza à noite. Originalmente estava economizando para comprar um Camaro. Agora está economizando para ter seu próprio apartamento, já que não há alojamentos na faculdade comunitária que ele cursa, e Andy disse que não vão pagar aluguel para Soneca a não ser que ele melhore as notas.

Não pude acreditar.

— Obrigada. — falei perplexa.

— Afinal, o que há de errado com esse tal de Slater? Achei que ele fazia seu tipo. Você sabe, inteligente e coisa e tal.

— Não há nada de errado com ele — murmurei remexendo no cinto de segurança. — Só que... meio que gosto de outro.

Soneca levantou as pálpebras por trás do Ray-Ban.

— Ah? Alguém que eu conheço?

— Não — respondi secamente.

— Não sei, Suze. Experimente. Com o trabalho na pizzaria e a faculdade, eu conheço quase todo mundo.

— Você definitivamente não conhece o cara.

Soneca franziu a testa.

— Por quê? Ele é de alguma gangue?

Revirei os olhos. Desde que nos conhecemos, Soneca está convencido de que eu faço parte de alguma gangue. Sério. Como se os membros de gangues usassem maquiagem Stila. Pois é.

— Ele mora no vale? Suze, vou dizer agora mesmo, se eu descobrir que você está saindo com um cara de uma gangue do vale...

— Meu Deus! — gritei. — Quer parar? Ele não é de nenhuma gangue, nem eu! E não mora no vale. Você não conhece o cara, certo? Só esqueça que a gente conversou isso.

Está vendo? Está vendo o que eu quero dizer? Está vendo por que as coisas nunca, nunca vão dar certo comigo e Jesse? Não posso puxá-lo e dizer: aí está, esse é o cara de quem eu gosto, e não é de nenhum gangue, e não mora no vale.

Só preciso aprender a ficar de boca fechada, como o Jack.

Quando chegamos em casa fomos informados de que o jantar não tava pronto. Isso porque Andy estava enfiado até a cintura no buraco que ele e Dunga tinham feito no quintal dos fundos. Fui olhar um pouco,

roendo a unha do polegar. Era arrepiante espiar aquele buraco. Quase tão arrepiante quanto a perspectiva de ir para a cama dali a alguma horas, sabendo que Maria provavelmente ia aparecer de novo.

E que, vendo como eu não tinha feito nada que ela havia pedido, desta vez a garota cortaria muito mais do que apenas a gengiva.

Foi mais ou menos então que o telefone tocou. Era minha amiga Cee Cee, querendo saber se eu toparia ir com ela e Adam McTavish ao Coffee Clutch tomar ice tea e falar mal de todo mundo. Falei que sim imediatamente, porque não tinha notícias deles há um tempão. Cee Cee estava fazendo estágio de férias no Pinhão de Carmel (o nome do jornal local, dá para acreditar?) e Adam tinha passado a maior parte do verão na casa dos avós em Martha's Vineyard. No minuto em que escutei a voz dela percebi como sentia saudade de Cee Cee, e como seria ótimo contar sobre o maligno Paul Slater e seus truques.

Mas então, claro, percebi que teria de contar a parte sobre o irmãozinho de Paul, e que ele realmente pode falar com os mortos, caso contrário a história não teria muito pique, o fato é que Cee Cee não é do tipo que acredita em fantasmas, e por sinal nem em nada que ela não possa ver com os dois olhos, o que torna problemático o fato de estudar numa escola católica, com a irmã Ernestine insistindo o tempo todo na fé e no Espírito Santo.

Mas tanto faz. Era melhor do que ficar em casa, olhando um buraco gigantesco.

Corri escada acima, tirei o uniforme e vesti um dos vestidos J. Crew, lindinhos, que comprei e não tive chance de usar porque fiquei o verão todo com o medonho short cáqui. Nenhum sinal de Jesse, mas tudo bem, já que eu não saberia mesmo o que lhe dizer. Sentia-me totalmente culpada por ter lido suas cartas, porque o fato de saber sobre suas irmãs e os problemas na fazenda fez com eu me sentisse mais perto dele.

Só que era uma proximidade falsa porque ele não sabia que eu sabia. E, se quisesse que eu soubesse, você não acha que ele contaria? Mas Jesse não gosta de falar sobre si mesmo. Em vez disso, sempre quer falar coisas como a ascensão do Terceiro Reich e como é que nós, como país, pudemos ficar parados e deixar milhões de judeus morrerem sufocados por gás antes de fazermos alguma coisa a respeito.

Você sabe. Coisas assim.

Na verdade, algumas das coisas que Jesse quer discutir são muito difíceis de explicar. Eu preferiria falar das irmãs dele. Por exemplo, será que ele achava difícil morar com cinco garotas quanto eu acho difícil morar com três garotos? Imagino que provavelmente não, dada a situação invertida com relação ao tempo da privada. Será que havia privadas na época? Ou será que eles simplesmente iam numa daquelas horrendas latrinas do lado de fora, como em Uma pequena casa na campina?

Meu Deus, não é de espantar que Maria estivesse com tamanho mau humor.

Bem, isso e o negócio de estar morta.

De qualquer modo, mamãe e Andy me deixaram sair para comer com os amigos porque não tinham nada para jantar mesmo. E, afinal, as refeições em família não eram a mesma coisa sem Mestre. Fiquei surpresa ao descobrir que sentia falta dele e mal podia esperar sua volta. Ele era o único de meus meios-irmãos que não me enfurecia regularmente.

Mesmo não podendo contar a Cee Cee sobre Paul, me diverti um bocado. Foi bom vê-la, e Adam, que, de todos os garotos que eu conheço, é o que menos age como um, mesmo não sendo gay nem nada, e realmente fica furioso se você sugerir isso. E Cee Cee também, que está apaixonada pelo Adam desde... tipo, sempre. Eu sentia grandes esperanças de que Adam sentisse o mesmo por ela, mas dava para ver que as coisas tinham meio que esfriado — pelo menos da parte dele — desde o início das férias.

Assim que ele foi ao banheiro perguntei a Cee Cee o que estava acontecendo, e ela começou a contar que achava que Adam conheceu alguém em Martha's Vineyard. Devo dizer que foi legal ouvir outra pessoa reclamar durante um tempo. Quero dizer, minha vida é um horror e coisa e tal, mas pelo menos eu sei que Jesse não está transando com alguma garota em Martha's Vineyard.

Pelo menos acho que não. Quem sabe aonde ele vai quando não está no meu quarto? Pode ser Martha's Vineyard, afinal de contas.

Está vendo? Está vendo como esse relacionamento nunca vai dar certo?

De qualquer modo, Cee Cee, Adam e eu não nos víamos havia um tempão, por isso tinha um bocado de pessoas de quem precisávamos falar mal, principalmente Kelly Prescott, por isso quando fui para casa já eram quase onze horas... tarde para mim, já que preciso estar no trabalho às oito.

Mesmo assim fiquei feliz por ter saído, já que isso afastou a mente do que eu suspeitava que me esperaria dali a algumas horas: outra visita da estonteante Sra. Diego.

Mas enquanto lavava o cabelo antes de ir para a cama, ocorreu-me que não havia motivo para tornar as coisas fáceis para a srta. Maria. Quero dizer, por que devo ser vítima em minha própria cama?

Não há motivo. Nenhum. Eu não precisava agüentar esse absurdo. Porque era isso. Um absurdo.

Bem, um absurdo meio apavorante, mas sendo mesmo assim um absurdo.

Por isso, quando apaguei a luz naquela noite, foi com um claro sentimento de satisfação. Senti que estava protegida de qualquer coisa que Maria pudesse armar. Tinha embaixo das cobertas um verdadeiro arsenal que havia apanhado na oficina de Andy, inclusive um machado, um martelo e algo que não dava para identificar, mas que tinha umas pontas malignas. Além disso estava com o cachorro Max. Sabia que ele iria me acordar assim que algo do outro mundo aparecesse, já que era extremamente sensível a essas coisas.

E, ah, sim, dormi no quarto de Mestre.

Sei. Sei. Covardia ao extremo. Mas por que eu deveria ficar na minha cama e esperar por ela, como alvo fácil, quando podia dormir na cama de Mestre e talvez despistá-la? Quero dizer, eu não estava procurando briga nem nada. Bem, a não ser pelo negócio de não ter feito o que ela mandou. Acho que isso era meio indicativo de procurar briga. Mas não ativamente, você sabe.

Porque vou lhe contar, ainda que normalmente talvez eu saísse à procura da sepultura de Maria de Silva para poder, você sabe, resolver as coisas de uma vez, esse caso era meio diferente. Por causa do Jesse. Não pergunte por quê, mas simplesmente não acho que teria pique para quebrar a cara da ex-namorada, como teria feito se ela não fosse ligada a ele. Não posso dizer que estou realmente acostumada a esperar que os fantasmas venham atrás de mim...

Mais isso. Isso era diferente.

De qualquer modo, tinha acabado de me aninhar entre as cobertas de Mestre (recém-lavadas — eu não iria me arriscar. Não sei o que acontece na cama dos garotos de doze anos, e, francamente, não quero saber) e estava piscando no escuro para as coisas estranhas que Mestre

tinha pendurado no teto, um modelo do sistema solar e coisa e tal, quando Max começou a rosnar.

Fez isso tão baixo que a princípio não escutei. Mas como eu o tinha colocado na cama comigo (não que houvesse muito espaço, com o machado, o martelo e a coisa pontuda), pude sentir o rosnado revertendo em seu grande peito canino.

Então o rosnado aumentou, e os pêlos nas costas de Max começaram a ficar em pé. Foi então que eu soube que teríamos um terremoto ou uma visita noturna da ex-beldade do condado de Salinas.

Sentei-me, segurando o negócio pontudo como se fosse um bastão de beisebol, olhando em volta ao mesmo tempo que dizia a Max em voz baixa:

— Muito bem, garoto. Tudo bem, garoto. Tudo vai ficar bem, garoto — e dizendo a mim mesma que acreditava nisso.

Foi então que alguém se materializou diante de mim. E girei o negócio pontudo com o máximo de força que pude.

Capítulo 6

— Suzannah! — gritou Jesse, pulando para evitar o golpe. — O que você está fazendo?

Quase larguei o negócio pontudo, de tão aliviada que me senti.

Max ficou louco, ganindo e rosnando. O coitadinho estava claramente tendo algum tipo de colapso canino. Para não me arriscar a que ele acordasse todo mundo em casa e depois ter de explicar por que estava dormindo na cama do meu meio-irmão com um punhado de ferramentas do Andy, deixei-o sair do quarto. Quando fiz isso, Jesse pegou o negócio pontudo e me olhou com curiosidade.

— Suzannah — disse ele quando fechei a porta de novo —, por que está dormindo no quarto de David armada com uma picareta?

Levantei as sobrancelhas, parecendo mais surpresa do que alguém que recebe um mandado de prisão.

— Então é isso? Eu estava imaginando o que seria.

Jesse só balançou a cabeça.

— Suzannah, diga o que está acontecendo. Agora.

— Nada — falei com a voz guinchada e aguda demais, até para meus ouvidos. Fui depressa e me deitei na cama de Mestre, batendo o dedo do pé no martelo mas não dizendo nada, porque não queria que Jesse ficasse sabendo que ele estava ali. Me encontrar na cama do meu meio-irmão com uma picareta era uma coisa. Me encontrar na cama do meu meio-irmão com uma picareta, um machado e um martelo era totalmente outra.

— Suzannah — Jesse pareceu realmente furioso, e ele não fica furioso com frequência. Isto é, a não ser, claro, quando me pega dando beijo de língua em garotos estranhos diante da garagem. — Isso é um machado?

Droga! Empurrei-o de volta para baixo do lençol.

— Posso explicar — falei.

Ele encostou a picareta na lateral da cama e cruzou os braços no peito.

— Eu gostaria de ouvir.

— Bem. — Respirei fundo. — É o seguinte.

E então não consegui pensar num modo de explicar, a não ser contando a verdade.

E isso não podia fazer.

Jesse deve ter lido na minha cara o fato de que eu estava tentando pensar numa mentira, já que de repente descruzou os braços e se inclinou para frente, pondo uma das mãos de cada lado da cabeceira atrás de mim, e meio me capturando entre os braços, ainda que não estivesse me tocando. Isso era muito irritante e fez com que eu afundasse nos travesseiros de Mestre.

Mas nem isso adiantou, já que o rosto de Jesse ainda estava a uns dez centímetros do meu.

— Suzannah. — Agora ele estava realmente furioso. Pê da vida, pode-se dizer. — O que está acontecendo aqui? Ontem à noite pude jurar que senti... uma presença em seu quarto. E esta noite você está dormindo aqui, com picaretas e machados? O que você não quer me contar? E por quê? Por que não pode me contar?

Eu tinha afundado o máximo possível, mas não havia como escapar do rosto furioso de Jesse, a não ser que eu puxasse o lençol para cima do rosto. E isso, claro, não seria nem um pouco digno.

— Olha — falei de modo mais razoável que pude, considerando que havia um martelo pressionando meu pé. — Não é que eu não queira contar. Só tenho medo de que, se contar...

E então, não pergunte como, a coisa toda saiu aos borbotões. Verdade. Foi incrível. Foi como se ele tivesse apertado um botão na minha testa que dizia “Informações, por favor”, e o negócio saiu.

Contei tudo, sobre as cartas, a ida à sociedade histórica, tudo, e terminei com:

— E o negócio é que eu não queria que você soubesse, porque se seu corpo realmente estiver lá, e se eles descobrirem, bem, isso significa que não há mais motivo para você ficar aqui, e sei é egoísmo, mas eu realmente ia sentir sua falta, por isso achei que, se não falasse, você não descobriria e tudo poderia continuar normal.

Mas Jesse não teve o tipo de reação que eu esperava. Não me envolveu nos braços nem me beijou apaixonadamente como nos filmes, nem me chamou de mi hermosa, nem acariciou meu cabelo, que estava molhado do banho.

Em vez disso começou a rir.

Coisa que eu realmente não apreciei. Quero dizer, depois de tudo que passei em nome dele nas últimas 24 horas, seria de pensar que o cara mostraria um pouquinho mais de gratidão do que ficar ali sentado, rindo. Sobretudo quando minha vida podia muito bem estar correndo perigo mortal.

Foi o que falei, mas isso só o fez rir ainda mais.

Por fim, quando cansou de rir — o que só aconteceu quando tirei o martelo de baixo das cobertas, algo que o fez gargalhar ainda mais, mas o que é que eu deveria fazer? O negócio ainda estava furando minha perna —, ele estendeu a mão e meio desgrenhou meu cabelo, mas não havia nada de romântico nisso, já que eu tinha posto condicionador Kielh's e tenho certeza de que melou os dedos dele.

Isso só me deixou mais furiosa do que nunca, ainda que tecnicamente não fosse culpa dele. Por isso tirei o machado de baixo do lençol, também, depois puxei o lençol sobre a cabeça, rolei e não quis mais falar com ele. Nem olhar. Muito madura, sei, mas eu estava furiosa.

— Suzannah — disse ele numa voz meio rouca de tanto rir. Senti vontade de lhe dar um soco. Verdade. — Não fique assim. Desculpe. Desculpe ter rido. Só que não entendi uma palavra, de tão rápido que você falou. E quando puxou aquele martelo...

— Vá embora.

— Ande, Suzannah — disse Jesse em sua voz mais sedosa e persuasiva, que ele estava usando de propósito para me deixar toda dengosa. Só que dessa vez não ia funcionar. — Largue o lençol.

— Não — falei, segurando o lençol com mais força, enquanto ele puxava. — Mandei ir embora.

— Não, não vou embora. Sente-se. Quero conversar com você a sério agora, mas como posso fazer isso, se não quer me olhar? Vire-se.

— Não. — Eu estava mesmo furiosa. Quero dizer, você também ficaria. Aquela tal de Maria era um indivíduo apavorante. E ele se casar com ela! Bem, pelo menos há 150 anos. Será que ao menos a conhecia? Sabia que ela não era nem um pouco a garota que tinha escrito aquelas cartas idiotas? Em que ele estava pensando, afinal? — Por que não vai ficar com a Maria? — sugeri acidamente. — Talvez vocês dois possam afiar as facas dela juntos e rir um pouquinho mais à minha custa. Ha, há. Aquela mediadora é tão engraçada!

— Maria? — Jesse puxou o lençol mais um pouco. — O que você está falando? Facas?

Certo. Então eu não tinha sido totalmente sincera com ele. Não tinha contado a história toda. É, contei a parte sobre as cartas, a sociedade histórica, o buraco e coisa e tal. Mas a parte sobre Maria aparecendo com uma faca — o motivo, de fato, para eu estar dormindo no quarto de Mestre com um punhado de ferramentas? Não tinha mencionado essa parte.

Porque sabia como ele iria reagir. Exatamente como reagiu.

— Maria e facas? — ecoou ele. — Não. Não.

Foi a gota d'água. Rolei e falei com ele, bem sarcástica.

— Ah, certo, Jesse. Então aquela faca que ela apertou contra minha garganta ontem à noite devia ser uma faca imaginária. E eu devo ter imaginado quando ela ameaçou me matar, também.

Comecei a rolar de volta, furiosa, mas desta vez ele me pegou antes e me fez girar de novo para encará-lo. Vi com alguma satisfação que agora Jesse não estava rindo. Nem mesmo sorrindo.

— Uma faca? — Ele estava me olhando como se não tivesse certeza de que havia escutado direito. — Maria esteve aqui? Com uma faca? Por quê?

— Diga você — falei, mesmo sabendo perfeitamente bem a resposta. — Alguém que morreu e se foi há tanto tempo como ela precisaria de algum motivo bem grande para voltar.

Jesse só me encarou com aqueles seus olhos escuros e líquidos. Se sabia alguma coisa, não iria me dizer. Pelo menos por enquanto.

— Ela... ela tentou machucar você?

Confirmei com cabeça, e tive a satisfação de sentir que seu aperto em meus ombros ficou mais forte.

— É. E segurou a faca bem aqui — aponte para minha jugular — e disse que, se eu não mandasse o Andy parar de cavar, ia me ma...

Matar, era o que eu ia dizer, mas não tive chance porque Jesse me agarrou — verdade, agarrou, é o único modo de descrever — e me segurou com muita força para alguém que há apenas alguns segundos tinha achado aquilo tudo uma grande piada.

Devo dizer que foi extremamente gratificante. E ficou ainda mais gratificante quando Jesse falou uma coisa — mesmo não sabendo o que era, porque foi em espanhol — no meu cabelo molhado.

Mas aquele abraço mortal (desculpe o trocadilho) que ele me deu não precisava de tradução: ele estava apavorado. Apavorado por mim.

— Foi uma faca bem grande — falei adorando a sensação do seu ombro enorme e forte sob minha bochecha. Eu poderia me acostumar totalmente com isso. — E muito pontuda.

— Mi hermosa — disse ele. Certo, essa palavra eu entendia. Ele me beijou no topo da cabeça.

Foi bom. Foi muito bom. Decidi partir para o abate.

— E então — falei fazendo uma imitação muito boa de choro, ou pelo menos de que estava à beira do choro — ela pôs a mão sobra minha boca para eu não gritar, e um dos anéis me cortou e deixou a boca toda sangrando.

Epa! Isso não teve o efeito esperado. Provavelmente eu não deveria ter falado da boca sangrenta, porque em vez de me beijar ali, o que era meu objetivo, ele me empurrou para poder olhar meu rosto.

— Suzannah, por que não me contou nada disso ontem à noite? — Ele parecia genuinamente pasmo. — Eu perguntei se havia alguma coisa errada, e você não disse nenhuma palavra.

Alô? Será que ele não ouviu nada que eu disse?

— Pois é.

Eu estava com os dentes trincados, mas você teria feito o mesmo, se fosse abraçada pelo homem dos seus sonhos e ele só quisesse conversar. E nada menos do que sobre a tentativa da ex-namorada dele me assassinar!

— Obviamente tem algo a ver com o motivo de você estar aqui. — falei. — Quero dizer, por que você está nesta casa, e por que está aqui há tanto tempo? Jesse, você não vê? Se eles acharem seu corpo, isso prova que você foi assassinado, e significa que o coronel Clemmings estava certo.

A perplexidade de Jesse pareceu aumentar, ao invés de diminuir, graças a essa explicação.

— Coronel quem?

— Coronel Clemmings. Autor de Meu Monterey. A teoria dele para seu desaparecimento não é que você amarelou antes de se casar com Maria e foi para São Francisco reivindicar uma posse, e sim que o tal Diego matou você para poder se casar com Maria. E se eles acharem seu corpo, Jesse, isso vai provar que você foi assassinado. E os suspeitos mais prováveis, claro, são Maria e o tal de Diego.

Mas em vez de ficar fascinado com minhas excelentes capacidades de detetive, Jesse perguntou com voz chocada:

— Como você sabe sobre ele? Sobre Diego?

— Eu já disse. — Meu Deus, isso era irritante. Quando é que íamos partir para o beijo? — É de um livro que Mestre pegou na biblioteca, Meu Monterey, do coronel Harold Clemmings.

— Mas eu achei que Mestre... quero dizer, David, estava na colônia de férias.

— Isso foi há muito tempo — falei frustrada. — Quando cheguei aqui. Em janeiro passado.

Jesse não me soltou nem nada, mas estava com uma expressão tremendamente estranha.

— Você está dizendo que sabia sobre esse... sobre como eu morri... o tempo todo?

— É — falei meio na defensiva. Estava tendo a sensação de que talvez ele achasse que eu tinha feito algo errado, ao xeretar sobre sua morte. — Mas, Jesse, esse é meu trabalho. É isso que os mediadores fazem. Não posso evitar.

— Então por que ficava me perguntando como eu morri, se já sabia?

Ainda na defensiva, falei:

— Bom, eu não sabia. Não sabia com certeza. Ainda não sei. Mas Jesse... — Queria ter certeza de que ele ia entender essa parte, por isso recuei (e infelizmente ele me soltou, mas o que eu podia fazer?) e me agachei e disse, muito devagar e com cuidado: — Se eles descobrirem seu corpo lá fora, não somente Maria vai ficar muito furiosa, mas você... você vai embora. Sabe? Daqui. Porque é isso que está segurando você, Jesse. O mistério do que aconteceu. Assim que seu corpo for encontrado, esse mistério estará resolvido. E você vai embora. E por isso eu não podia contar, entende? Porque não quero que você vá embora. Porque eu te a...

Ah, meu Deus, quase falei. Nem posso dizer como cheguei perto de falar. Desembuchei o A, e o M quase foi atrás.

Mas no último instante pude salvar a situação. Transformei em:

— ... acho legal e odiaria não vê-lo outra vez.

Rápida, hein? Essa foi por pouco.

Porque uma coisa eu sei sobre os homens, junto com sua incapacidade de usar um copo, baixar a tampa da privada e encher as

fôrmas de gelo quando estão vazias: eles realmente não sabem lidar com a palavra “a...”. Quero dizer, é o que dizem praticamente todos os artigos que já li.

E a gente tem de deduzir que isso é verdade para todos os caras, até os que nasceram há 150 anos.

E acho que o fato de eu não ter dito a palavra deu certo, porque Jesse estendeu a mão e tocou meu rosto com a ponta dos dedos — como tinha feito naquele dia no hospital.

— Suzannah — disse ele. — Encontrar meu corpo não vai mudar nada.

— Ah. Com licença, Jesse, mas acho que eu sei do que estou falando. Sou mediadora há 16 anos.

— Suzannah, eu estou morto há 150 anos. Acho que sei o que estou falando. E posso garantir que esse mistério sobre minha morte, do qual você fala... não é o motivo para, como você costuma dizer, eu estar dando um tempo aqui.

Então aconteceu uma coisa engraçada. Como na sala de Clive Clemmings, eu simplesmente comecei a chorar. Verdade. Assim.

Ah, não fiquei soluçando feito um bebê nem nada, mas meus olhos se encheram de lágrimas e fiquei com aquela sensação ruim e pinicante no fundo do nariz, e a garganta começou a doer. Foi esquisito, porque, você sabe, eu tinha acabado de fingir que estava chorando, e, de repente, estava mesmo.

— Jesse — falei numa horrenda voz fungada (fingir que vai chorar é muito melhor do que chorar, já que há muito menos muco envolvido) — , desculpe, mas simplesmente não é possível. Quero dizer, eu sei. Já fiz isso cem vezes. Quando eles descobrirem seu corpo, acabou. Você vai embora.

— Suzannah — disse ele outra vez. E dessa vez não tocou simplesmente minha bochecha. Pôs a mão em concha num dos lados do meu rosto...

Ainda que o efeito romântico fosse um tanto arruinado pelo fato de que ele estava meio rindo de mim. Mas, para lhe dar crédito, ele parecia se esforçar tanto para não gargalhar quanto eu me esforçava para não chorar.

— Prometo, Suzannah — disse ele com um monte de pausas entre as palavras para dar ênfase —, que não vou a lugar nenhum, quer seu padrasto encontre ou não meu corpo no quintal. Certo?

Não acreditei, claro. Queria acreditar e tudo, mas a verdade é que ele não sabia do que estava falando.

Mas o que poderia fazer? Não tinha escolha além de ser corajosa. Quero dizer, não poderia ficar ali sentada abrindo o berreiro. Que tipo de idiota pareceria?

Por isso falei, infelizmente de um modo muito mucoso, já que nesse momento as lágrimas estavam escorrendo:

— Verdade? Promete?

Jesse riu e soltou meu rosto. Então enfiou a mão no bolso e pegou uma pequena coisinha com acabamento de renda, que eu reconheci. O lenço de Maria de Silva. Ele o havia usado para limpar vários cortes e arranhões que recebi no serviço de mediação. Agora usou para enxugar minhas lágrimas.

— Juro — disse ele, rindo. Mas só um pouquinho.

No fim das contas me convenceu a voltar à minha cama. Falou que ia garantir que a ex-namorada não me procuraria à noite. Só que não a chamou de ex-namorada. Só de Maria. Eu ainda queria perguntar o que ele estivera pensando ao namorar uma vaca com cara de fuinha como aquela, mas o momento não surgiu.

Será que existe momento certo para perguntar a alguém por que vai se casar com a pessoa que o mandou matar?

Provavelmente não.

Não sei como Jesse achava que iria impedi-la, se ela voltasse. Certo, ele estava morto havia muito mais tempo do que ela, por isso, tinha um pouco mais de prática no negócio de ser fantasma. Na verdade parecia bem provável que esta tivesse sido a primeira visita de Maria de volta a este mundo, vinda do plano espiritual que habitava desde a morte. Quanto mais tempo alguém passa como fantasma, mais poderoso costuma ficar.

Claro, a não ser que, como Maria, o dito-cujo esteja cheio de fúria.

Mas Jesse e eu, juntos, tínhamos lutado com fantasmas tão furiosos quanto Maria e vencemos. Venceríamos desta vez também, eu sabia, desde que ficássemos juntos.

Sem dúvida era estranho ir dormir sabendo que alguém ficaria sentado, vigiando seu sono. Mas depois de me acostumar com a idéia, era legal saber que ele estava ali, com Spike, no sofá-cama, lendo à luz de seu próprio brilho espectral um livro chamado Mil anos, que ele havia achado no quarto de Mestre. Teria sido mais romântico se ele simplesmente ficasse

olhando meu rosto, cheio de desejo, mas a cavalo dado não se olham os dentes, e quantas outras garotas que você conhece têm caras perfeitamente dispostos a ficar sentados no quarto delas, vigiando a noite toda para que invasores malignos não entrem? Aposto que você não pode citar nenhuma.

Acho que por fim devo ter caído no sono, já que quando abri os olhos de novo era de manhã, e Jesse ainda estava lá. Tinha acabado Mil anos e tinha passado para um livro da minha estante, chamando As pontes de Madison, que ele parecia achar tremendamente divertido, ainda que tentasse não rir alto a ponto de me acordar.

Meu Deus, que constrangedor.

Nesse momento não percebi que era a última vez que iria vê-lo.

Capítulo 7

A partir daí meu dia despencou morro abaixo.

Acho que, mesmo não estando interessada em renovar o contato com o ex, Maria continuava bem interessada em me torturar. Tive a primeira impressão disso quando abri a geladeira e peguei a caixa de suco de laranja que alguém havia comprado para substituir a que Dunga e Soneca tinham esvaziado na véspera.

Tinha acabado de abri-la quando Dunga entrou, arrancou-a da minha mão e levou aos lábios.

Comecei a falar “Ei”, numa voz irritada, mas logo a palavra se transformou num guincho de nojo e terror quando o que jorrou na boca de meu meio-irmão não foi suco, e sim insetos.

Centenas de insetos. Milhares de insetos. Insetos vivos, retorcendo-se, arrastando-se e caindo de sua boca aberta.

Uma fração de segundo depois Dunga percebeu o que estava acontecendo. Jogou a caixa no chão e correu para a pia, cuspidando o máximo de besouros pretos tinham caído em sua boca. Enquanto isso eles continuavam correndo aos montes pelas laterais da caixa e indo para o chão.

Não sei como consegui juntar força interior para fazer o que fiz em seguida. Se há uma coisa que eu odeio são insetos. Depois de sumagre venenoso, é um dos principais motivos para eu passar tão pouco tempo ao ar livre. Quero dizer, não me incomoda com uma formiga na piscina se afogando ou uma borboleta pousando no meu ombro, mas mostre um mosquito ou, que Deus não permita, uma barata, e saio correndo pela porta.

Mesmo assim, apesar do medo quase paralisante de qualquer coisa menor que um amendoim, peguei aquela caixa, derramei o conteúdo na pia e, mais rápido do que você pode dizer Raid, liguei o triturador.

— Ah, meu Deus! — estava gritando Dunga. — Ahmeudeuscacete.

Só que ele não disse cacete. Nas circunstâncias, não o culpei.

Nossos gritos tinham trazido Soneca e meu padrasto para a cozinha. Eles só ficaram parados olhando para as centenas de besouros

pretos que tinham escapado da morte no triturador da cozinha e corriam pelos ladrilhos de cerâmica. Pelo menos até que eu gritei:

— Pisem neles!

Então começamos a pisar no máximo daquelas coisas nojentas que pudemos.

Quando terminamos, só uns poucos se livraram, os que tiveram o bom senso de correr para o espaço sob a geladeira e um ou dois que haviam chegado à porta de vidro que dava no deque. Tinha sido um trabalho árduo e nojento, e todos ficamos ali ofegando... mesmo Dunga, que, com um gemido, correu para o banheiro, presumivelmente para lavar a boca com Listerine, ou talvez verificar alguma antena que pudesse ter ficado presa entre os dentes.

— Bem — disse Andy quando expliquei o que tinha acontecido. — É a última vez que compro suco orgânico.

O que foi meio engraçado, de um modo doentio. Só que por acaso eu sabia que, orgânico ou concentrado congelado, não teria feito diferença: um poltergeist estivera agindo.

Andy olhou a bagunça no chão e disse numa voz meio atordoada:

— Temos de limpar isso antes de sua mãe chegar.

Estava certo. Você acha que eu tenho uma coisa com insetos? Deveria ver minha mãe. Nenhuma das duas é o que você poderia chamar de amantes da natureza.

Partimos para o trabalho, passando pano e arrancando entranhas de inseto dos ladrilhos, enquanto eu fazia sugestões sutis de que por enquanto comprássemos todas as refeições para viagem. Não tinha certeza se Maria havia posto a mão em mais alguma coisa, mas suspeitava de que nada no armário ou na geladeira seria seguro.

Andy estava disposto a concordar, falando sobre como as infestações por insetos podiam acabar com plantações inteiras, e em quantas casas destruídas por cupins ele havia trabalhado, e como era importante fumigar a casa regularmente.

Mas eu queria dizer que fumigação não adianta quando os insetos são resultado de um fantasma vingativo.

Mas, claro, não falei. Duvido tremendamente de que ele teria entendido. Andy não acredita em fantasmas.

Deve ser bom ter esse luxo.

Quando Soneca e eu finalmente fomos para o trabalho, pareceu brevemente que as coisas estavam melhorando, já que não tivemos problema pelo atraso. Claro, porque Soneca estava saindo com Caitlin escravizada. Veja bem, há algumas vantagens em ter meios-irmãos.

Nem parecia haver alguma reclamação dos Slater porque tirei Jack do hotel sem permissão, já que me mandaram ir direto à suíte deles. Isso é bom demais para ser verdade, pensei enquanto seguia pelos corredores acarpetados do hotel, e só mostra como por trás de cada nuvem há uma fatia de céu azul.

Pelo menos era o que estava pensando quando bati à porta. Mas quando ela se abriu, revelando não apenas Jack, mas os dois irmãos Slater usando short de banho, comecei a ter dúvidas.

Jack ficou me batendo como um gatinho numa bola.

— Adivinha só! — gritou ele. — Paul não vai jogar golfe nem tênis nem nada hoje. Quer passar o dia inteiro com a gente. Não é incrível?

— Ah. É. Incrível.

O Dr. e a Sra. Slater passaram por nós, com as roupas de golfe.

— Divirtam-se, crianças — gritou Nancy. — Suze, nós teremos aulas o dia inteiro. Fique até as cinco, certo? — Então, sem esperar resposta, falou: — É isso aí, tchau. — Pegou o marido pelo braço e saiu.

“Certo”, falei comigo mesmo. “Posso cuidar disso” Já cuidei de um enxame de insetos. Quero dizer, apesar de algumas vezes achar que estava sentindo um deles se arrastando na pele e dar o maior pulo — só para descobrir que era o cabelo ou alguma outra coisa —, tinha me recuperado bastante bem. Provavelmente muito melhor do que Dunga jamais se recuperaria.

Por isso certamente podia cuidar de Paul Slater me picando o dia inteiro. Quero dizer, me incomodando.

Certo? Sem problema.

Só que havia problema. Porque Jack queria ficar falando sobre o negócio de ser mediador, e eu ficava murmurando para ele calar a boca, e ele dizia:

— Ah, tudo bem, Suze, o Paul sabe.

E esse era o ponto. Paul não deveria saber. Esse deveria ser nosso segredo, meu e de Jack. Não queria que o Paul estúpido, incrédulo, tipo “se você não sair comigo eu entrego você”, fizesse parte disso. Em especial porque, a cada vez que Jack falava algo a respeito, Paul baixava os óculos

Armani e me olhava por cima da armação, cheio de expectativa, esperando ouvir o que eu ia responder.

O que eu poderia fazer? Fingi que não sabia do que Jack estava falando. O que era frustrante para ele, claro, mas o que mais eu deveria fazer? Não queria que Paul soubesse dos meus negócios. Quero dizer, nem minha mãe sabe. Por que, afinal, eu iria contar ao Paul?

Felizmente, depois das primeiras seis ou sete vezes em que Jack tentou falar alguma coisa relacionada à mediação e eu o ignorei, ele pareceu captar a mensagem e calou a boca. O fato de que a piscina tinha ficado apinhada de outras crianças e seus pais e babás ajudou, por isso ele tinha bastante coisa com que se distrair.

Mesmo assim foi um tanto irritante, ali encostada na beira da piscina com Kim, que tinha aparecido com seus pupilos, olhar para o Paul de vez em quando e vê-lo esticado numa espreguiçadeira, o rosto virado na minha direção. Sobretudo porque eu sentia que Paul, diferentemente de Soneca, estava totalmente acordado por trás das lentes escuras dos óculos.

Além do mais, como disse Kim:

— Ei, se um gato como aquele quiser me olhar, pode ficar à vontade.

Mas, claro, para Kim é diferente. Ela não tem o fantasma de um gato de 150 anos morando em seu quarto.

No total, eu diria que a manhã foi bastante medonha, pensando bem. Achei que depois do almoço o dia só poderia melhorar.

E como estava errada! Foi depois do almoço que os policiais apareceram.

Eu estava deitada numa espreguiçadeira, sozinha, com um olho em Jack, que estava num espalhafatoso jogo de Marco Polo com as crianças de Kim, e outro em Paul, que fingia ler um exemplar do *The Nation*, mas que, como observou Kim, estava nos espionando por cima das páginas, quando Caitlin apareceu, visivelmente perturbada, seguida por dois membros grandalhões da polícia de Carmel.

Presumi que estivessem meramente passando a caminho do banheiro masculino, onde de vez em quando surgia um armário arrombado. Imagina minha enorme surpresa quando Caitlin levou os policiais direto até mim e disse em voz trêmula:

— Esta é Suzannah Simon, senhores.

Vesti correndo meu short odioso enquanto Kim, na espreguiçadeira ao lado, olhava boquiaberta para os policiais como se eles fossem tritões saídos do mar, ou algo do tipo.

— Srta. Simon — disse o policial mais alto. — Gostaríamos de trocar uma palavra com você um momento, se não se importa.

Já tive mais do que minha cota de policiais na vida. Não porque eu ande com gangues, como Soneca gosta de pensar, mas porque na mediação a gente costuma ser obrigada a... bem, a violar a lei um pouquinho.

Por exemplo: digamos que Marisol não entregasse o tal rosário à filha de Jorge. Bem, para realizar o último desejo de Jorge eu seria obrigada a invadir a casa de Marisol, pegar o rosário e mandar pelo correio para Teresa, anonimamente. Qualquer um pode ver que uma coisa assim, que é realmente para o bem maior no vasto esquema das coisas, poderia ser mal interpretada pelos policiais como sendo um crime.

De modo que, sim, o fato é que fui levada diante dos policiais várias vezes, para consternação de minha mãe. Mas, com exceção daquele infeliz acidente que me deixou no hospital há alguns meses, nos últimos tempos não tinha feito nada, pelo que podia pensar, que ao menos remotamente pudesse ser considerado ilegal.

Portanto, foi com alguma curiosidade, mas pouco nervosismo, que acompanhei os policiais — Knightley e Jones — para fora da área da piscina, até atrás da churrascaria Pool House, perto das lixeiras, a área mais próxima, acho, onde os policiais achavam que teríamos privacidade total para a conversinha.

— Srta. Simon — começou o policial Knightley, o mais alto, enquanto eu olhava um lagarto sair correndo da sombra de rododentro ali perto, olhar para nós alarmado e depois voltar correndo para a sombra. — A senhorita conhece o Dr. Clive Clemmings?

Fiquei chocada ao admitir que sim. A última coisa que eu esperava que o policial Knightley mencionasse era o Dr. Clive Clemmings, Ph.D. Estava pensando em algo mais do tipo... ah, não sei, levar um menino de oito anos para fora do hotel sem a permissão dos pais.

Sei que é idiotice, mas Paul realmente havia me irritado com aquilo.

— Por quê? — perguntei. — Ele, o Sr. Clemmings, está bem?

— Infelizmente não — disse o policial Jones. — Está morto.

— Morto? — Senti vontade de me segurar em alguma coisa. Infelizmente não havia nada, a não ser a lixeira, e como ela estava cheia dos restos do almoço, não quis tocá-la.

Preferi afundar no meio-fio.

Clive Clemmings? Minha mente estava disparando. Clive Clemmings morto? Como? Por quê? Eu não tinha gostado de Clive Clemmings, claro. Quando o corpo de Jesse aparecesse, eu esperava poder voltar à sua sala e esfregar isso na cara dele. Você sabe, a parte de Jesse ter sido assassinado e coisa e tal.

Só que, agora, pelo jeito não teria chance.

— O que aconteceu? — perguntei, olhando pasma para os policiais.

— Não sabemos exatamente — disse o policial Jones. — Ele foi achado hoje cedo, sentado à mesa na sociedade histórica, morto, aparentemente de ataque cardíaco. Segundo o livro de assinaturas da recepção, você foi uma das poucas pessoas que o viram ontem.

Só não me lembrei de que a mulher atrás do balcão tinha feito com que eu assinasse o livro. Droga!

— Bem — falei entusiasmada, mas esperava que não entusiasmada demais. — Ele estava ótimo quando conversamos.

— É — disse o policial Jones. — Sabemos disso. Não é por causa da morte do Dr. Clemmings que viemos.

— Não?

Espera um minuto. O que estava acontecendo?

— Senhorita Simon, — disse o policial Jones — Quando o Dr. Clemmings foi encontrado esta manhã, também foi descoberto que um artigo de valor particular para a Sociedade Histórica estava faltando. Algo que você aparentemente olhou com o Dr. Clemmings ontem.

As cartas. As cartas de Maria. Elas sumiram. Elas têm que ter sumido.

Ela havia aparecido e levado todas, e de algum modo Clive Clemmings tinha visto Maria e sofreu um ataque cardíaco pelo choque de ver a mulher do retrato que ficava atrás de sua mesa andando pela sala.

— Uma pequena pintura. — O policial Knightley teve de olhar o bloco de anotações. — Uma miniatura de alguém chamado Hector de Silva. A recepcionista, a Srta. Lambert, disse que o dr. Clemmings contou que você estava particularmente interessada nela.

Essa informação, tão inesperada, me chocou. O retrato de Jesse? Mas quem poderia ter apanhado aquilo? E por que?

Não precisei fingir inocência pela primeira vez, quando gaguejei:

— Eu... eu olhei a pintura, sim. Mas não peguei, nem nada. Quero dizer, quando saí, o sr... o dr. Clemmings estava guardando-a.

Os policiais Knightley e Jones trocaram olhares. Mas antes que pudessem dizer mais alguma coisa, alguém apareceu no canto da churrascaria.

Era Paul Slater.

— Há algum problema com a babá do meu irmão, senhores? — perguntou numa voz entediada que sugeria, ao menos para mim, que o empregados da família Slater costumavam ser arrastados para interrogatório por membros da polícia.

— Com licença — disse o policial Knightley —, assim que terminarmos de interrogar esta testemunha...

Paul tirou os óculos escuros e rosnou:

— Vocês sabem que a Srta. Simon é menor de idade? Não deveriam estar interrogando-a na presença dos pais?

O policial Jones piscou algumas vezes.

— Perdão, é... senhor — começou ele, mesmo estando claro que não considerava Paul um senhor, vendo que o cara tinha menos de 18 e coisa e tal. — Esta senhorita não está sendo presa. Só estamos fazendo algumas per...

— Se ela não está sendo presa — disse Paul rapidamente —, não precisa falar com os senhores, não é?

Os policiais Knightley e Jones se entreolharam de novo. Então o policial Knightley respondeu:

— Bem, não. Mas houve uma morte e um roubo, e temos motivo para acreditar que ela pode ter informações...

Paul me olhou.

— Suze, esses senhores leram seus direitos?

— Ah... não.

— Você quer falar com eles?

— Ah — falei, olhando nervosa do policial Knightley para o policial Jones, e depois de volta. — Na verdade, não.

— Então não precisa.

Paul se inclinou e segurou meu braço.

— Diga adeus aos bons policiais. — E me puxou de pé.

Olhei para os policiais.

— Ah — falei a eles. — Sinto muito saber que o dr. Clemmings está morto, mas juro que não sei o que aconteceu com ele, nem com a pintura. Tchau.

Então deixei Paul Slater me puxar de volta para a piscina.

Normalmente não sou tão dócil, mas preciso dizer que estava em choque. Talvez fosse empolgação “após ser interrogada pela polícia mas não ser levada a delegacia”, mas assim que estávamos fora das vistas dos policiais Knightley e Jones, girei e agarrei o pulso de Paul.

— Certo — falei. — O que foi aquilo?

Paul tinha posto os óculos escuros de volta, por isso era difícil ler a expressão de seus olhos, mas acho que ele estava achando divertido.

— Aquilo o que?

— Aquilo tudo — falei assentindo para os fundos da churrascaria.

— O negócio do mocinho resgatando a mocinha. Corrija se estou errada, mas não foi ontem mesmo que você ia me entregar às autoridades? Ou pelo menos me dedurar a minha chefe?

Paul deu de ombros.

— É. Mas um certo alguém me disse que é possível pegar mais moscas com mel do que com vinagre. Na hora só me senti meio chateada por ser chamada de mosca. Não me ocorreu imaginar quem seria o “alguém”.

Mas não demorei muito para descobrir.

Capítulo 8

Certo, eu saí com ele.

E daí?

O que isso faz de mim? Quero dizer, o cara perguntou se eu queria comer um hambúrguer com ele depois de eu deixar o irmão de volta com os pais às cinco horas, e eu disse que sim.

Por que não diria? O que tenho a me esperar em casa, hein? Certamente nenhuma esperança de jantar. Barata a milanesa? Fricassê de aranha?

Ah, sim, e um fantasma que mandou assassinar o noivo e estava tentando me apagar na oportunidade mais próxima.

Achei que talvez eu tivesse feito um mau julgamento de Paul. Talvez não tivesse sido justa. Quero dizer, é: ele havia bancado o perseguidor na véspera, mas tinha compensado tremendamente com o negócio de me resgatar da polícia.

E não deu em cima de mim nenhuma vez. Nenhuma. Quando falei que queria ir para casa, ele disse: sem problema, e me levou para casa.

Certamente não foi culpa dele que, quando chegamos a minha casa, não tenha podido chegar a entrada de veículos por causa de todos os carros da polícia e ambulâncias estacionados ali.

Juro, uma coisa que vou comprar com o dinheiro do trabalho de verão é um celular. Porque coisas vivem acontecendo e eu não tenho idéia, porque estou comendo hambúrgueres com alguém no Friday's.

Pulei do carro e corri até onde todas aquelas pessoas estavam paradas. Quando cheguei ao cordão de isolamento estendido em volta do buraco onde a minipiscina quente ficaria, alguém me agarrou pela cintura e me fez girar antes que eu tivesse chance de fazer o que queria, que era — ainda que não tivesse muita clareza quanto a isso — pular no buraco e me juntar as pessoas que vi no fundo, curvadas sobre algo que eu tinha bastante certeza de que era um corpo.

Mas, como falei, alguém me impediu.

— Epa, tigresa — disse alguém, me girando. Por acaso era o Andy, extremamente sujo, suado e diferente de seu jeito normal. — Espera aí. Não tem nada para ver.

Andy. — O sol ainda não havia se posto, mas mesmo assim eu estava com problema para enxergar. Era como se estivesse num túnel, e só pudesse ver um ponto luminoso bem no final. — Andy, onde está minha mãe?

— Sua mãe está bem. Todo mundo está bem.

O ponto de luz começou a aumentar um pouco. Agora eu podia ver o rosto de minha mãe, olhando-me preocupada do deque, tendo Dunga ao lado com o riso de desprezo de sempre.

— Então o que... — Vi os homens no fundo do buraco levantando uma maca. Sobre a maca havia um saco plástico preto, para cadáveres, do tipo que a gente sempre vê na televisão. — Quem é aquele?

— Bem, não sabemos — respondeu meu padrasto. — Mas, quem quer que seja, estava aí há muito tempo, portanto as chances são de que não seja alguém que conhecemos.

O rosto de Dunga pairou grande em minha linha de visão.

— É um esqueleto — informou com enorme prazer. Parecia ter superado o fato de que, naquela manhã mesmo, tivera a boca cheia de besouros e tinha voltado a seu jeito insuportável. — Foi totalmente incrível, Suze, você deveria estar aqui. Minha pá atravessou direto o crânio. Ele estalou que nem um ovo ou sei lá o que.

Bem, para mim isso bastou. Minha visão de túnel voltou imediatamente, mas não o bastante para deixar de perceber algo que caiu enquanto a maca passou por mim. Meu olhar se fixou na coisa, acompanhando-a até pousar no chão perto dos meus pés. Era apenas um pedaço de material manchado e extremamente puído, não maior que minha mão. Parecia um trapo, mas dava para ver que já tivera renda nas bordas. Pedacinhos de renda ainda se grudavam como fiapos, em especial em volta do canto, onde, muito debilmente, dava pra ler três iniciais bordadas.

MDS.

Maria de Silva. Era o lenço que Jesse tinha usado na noite passada para secar minhas lágrimas. Só que era o lenço de verdade, puído e marrom devido ao tempo.

E tinha caído do amontoado de material podre que mantinha juntos os ossos de Jesse.

Virei-me e vomitei meu cheeseburger de bacon e batata frita do Friday's na lateral da casa.

Não preciso dizer que ninguém, além de minha mãe, foi muito simpático com relação a isso. Dunga reclamou que era a coisa mais nojenta que já viu. Aparentemente havia esquecido do que tivera na boca há menos de doze horas. Andy simplesmente foi pegar a mangueira, e Soneca, igualmente sem se impressionar, disse que precisava ir, para não se atrasar na entrega das pizzas.

Minha mãe insistiu em me por na cama, mas a última coisa que eu queria era tê-la no meu quarto. Puxa, eu tinha acabado de ver a remoção do corpo de Jesse do quintal dos fundos. Gostaria de discutir com ele essa visão perturbadora, mas como poderia fazer isso com mamãe ali?

Achei que, se a deixasse cuidar de mim durante meia hora, ela sairia. Mas ficou muito mais que isso, obrigando-me a tomar um banho e vestir um pijama de seda que tinha comprado para mim no dia dos namorados (pateticamente foi o único presente do dia dos namorados que ganhei). Depois insistiu em pentear meu cabelo, como fazia quando eu era pequena.

Também queria falar, claro. Tinha muita coisa a dizer sobre o esqueleto que Andy e Dunga haviam descoberto, insistindo em que era “algum coitado” que tinha sido morto num tiroteio, na época em que nossa casa era pensão de mercenários, pistoleiros e um ou outro filho de fazendeiro. Disse que a polícia insistira em tratar o fato como homicídio até que o legista determinasse há quanto tempo o corpo estava ali, mas, continuou, como o cara ainda estava com as esporas (esporas!), presumia que eles chegariam a mesma conclusão que ela: que o fulano estava morto há muito mais tempo do que qualquer um de nós estava vivo.

Tentou fazer com que eu me sentisse melhor. Mas como poderia? Não tinha idéia do motivo para eu estar tão perturbada. Quero dizer, eu não sou Jack. Nunca falei com ela sobre meu talento secreto. Não sabia que há apenas doze horas ele estivera sentado no meu sofá-cama, rindo de As pontes de Madison. E que algumas horas antes disso tinha me beijado — no topo da cabeça, mas mesmo assim.

Quero dizer, qual é! Você também ficaria perturbada.

Finalmente, finalmente ela saiu. Dei um suspiro de alívio, achando que poderia relaxar, sabe?

Mas não. Ah, não, porque mamãe não saiu com a intenção de me deixar sozinha. Descobri do modo mais difícil, quando alguns minutos depois o telefone tocou e Andy subiu a escada dizendo que era para mim.

Realmente não sentia vontade de falar com ninguém, mas o que podia fazer? Andy já havia dito que eu estava em casa. Por isso atendi, e imagina que vizinha animada escutei na outra ponta?

Isso mesmo.

A de Mestre.

— Suze, como vai? — perguntou meu meio-irmão mais novo. Ainda que sem dúvida eu já soubesse. Quero dizer, como eu estava. Obviamente mamãe tinha ligado para ele na colônia de férias e dito para ele me ligar (“quem recebe telefonemas da madrasta na colônia de férias?”, pergunto eu) porque, claro, ela sabe. Sabe que ele é o único dos meus meio-irmãos que eu suporto, e tenho certeza de que ela achava que eu contaria a Mestre o que estava me incomodando, e depois ela poderia pressioná-lo em busca da informação.

Mamãe não é uma premiada jornalista de TV a toa, você sabe.

— Suze? — Mestre parecia preocupado. — Sua mãe me contou... o que aconteceu. Quer que eu vá para casa?

Afundi de volta nos travesseiros.

— Para casa? Não, não quero que você venha para casa. Por que ia querer isso?

— Bem. — Mestre baixou a voz como se suspeitasse que alguém estava escutando. — Por causa do Jesse.

De todas as pessoas com quem moro, Mestre era o único que fazia a mínima idéia de que não estamos sós. Mestre acreditava... e tinha bons motivos para isso. Uma vez, quando eu estava numa verdadeira encrenca, Jesse o procurou. Mesmo morrendo de pavor, Mestre foi me ajudar.

E agora estava se oferecendo de novo.

Mas o que poderia fazer? Nada. Pior do que nada, ele poderia se machucar. Quero dizer, olha o que aconteceu com Dunga de manhã. Você acha que eu queria ver Mestre com a cara cheia de insetos? Não.

— Não — respondi depressa. — Não, Mestr... quero dizer, David. Não precisa. Fique onde está. As coisas estão bem. Verdade.

Mestre pareceu desapontado.

— Suze, as coisas não estão bem. Você ao menos quer conversar sobre isso?

— Na verdade, não.

— Olha, Suze. Eu sei que deve ser perturbador. Quer dizer, ver o esqueleto dele daquele jeito. Mas você tem de lembrar que nossos corpos

são apenas a casca, e uma casca muito grosseira, que nossas almas ocupam enquanto estamos vivos na Terra. O corpo de Jesse... bem, não tem mais nada a ver com ele.

“É fácil para ele dizer”, pensei, arrasada. Ele nunca precisou olhar os músculos abdominais de Jesse.

Não que isso interessasse muito a Mestre, claro.

— Verdade — continuou ele. — Se você pensar bem, provavelmente não é o único corpo que Jesse vai ter. Segundo os hindus, nós trocamos as cascas, os corpos, várias vezes! De fato continuamos a fazer isso, dependendo do carma até finalmente resolvermos as coisas, alcançando a libertação do ciclo de renascimento.

— É? — Olhei para o dossel da cama. Realmente não acreditava que estava tendo essa conversa. E com um moleque de doze anos. — mesmo?

— Claro. Pelo menos a maioria das pessoas. Quero dizer, a não ser que a gente acerte de primeira. Mas isso quase nunca acontece. Veja só, o que está acontecendo com Jesse é que o carma dele está todo bagunçado, e ele tropeçou a caminho do nirvana. Só precisa achar a direção de volta ao corpo que ele deve ganhar depois, você sabe, do último, e aí vai ficar bem.

— David. Tem certeza de que está numa colônia de férias de informática? Porque parece que mamãe e Andy talvez tenham largado você numa colônia de férias de ioga, por engano.

— Suze. — Mestre suspirou. — Olha. Só estou dizendo que esse esqueleto que você viu não era o Jesse, certo? Não tem mais nada a ver com ele. Portanto, não deixe isso chatear você. Certo?

Decidi que estava na hora de trocar de assunto.

— E aí? Tem alguma garota bonita na colônia?

— Suze — disse ele com severidade. — Não...

— Eu sabia. Qual é o nome dela?

— Cala a boca. Olha, eu preciso desligar. Mas lembre-se do que eu disse, certo? Vou estar em casa no domingo, aí a gente conversa mais.

— Ótimo. Vejo você no domingo.

— Até lá. E, Suze?

— Sim, Mestr... quero dizer, David.

— Tenha cuidado, certo? O tal de Diego, o cara daquele livro, que supostamente matou Jesse, parecia meio mau. Seria bom você vigiar as costas ou... bem, sei lá.

Sei lá estava certo.

Mas não confirmei. Em vez disso, falei tchau. O que mais poderia dizer? Que Felix Diego não é nem a metade, filhinho? Estava chateada demais até mesmo para pensar que talvez tivesse de lidar com um segundo espírito hostil.

Mas nem sabia o que é ficar perturbada até que Spike veio pela janela aberta, olhou em volta cheio de expectativa e miou ...

E Jesse não apareceu.

Nem mesmo depois de eu chamar seu nome.

Em geral não... quero dizer, os fantasmas... não vem quando a gente chama.

Mas na maior parte das vezes Jesse vem. Ainda que ultimamente aparecesse antes mesmo de eu ter a chance de chamar, quando só pensava em chamá-lo. Ai, bam!, quando me toco, ele estava ali.

Menos dessa vez. Nada. Nem um tremor.

Bem, falei comigo mesma enquanto dava a Spike sua lata de comida e tentava ficar calma. Tudo bem. Quero dizer, isso não significa nada. Talvez ele esteja ocupado. Quero dizer, aquilo lá embaixo era o esqueleto dele. Talvez ele o estivesse seguindo até onde estava sendo levado. Para o necrotério ou sei lá onde. Provavelmente é muito traumático olhar pessoas desenterrando seu corpo. Jesse não fazia idéia sobre hinduísmo e carma. Pelo menos que eu soubesse. Para ele seu corpo era provavelmente muito mais do que uma casca para a alma.

Era onde ele estava. No necrotério. Olhando o que era feito com seus restos.

Mas quando as horas se passaram e ficou escuro, e Spike — que em geral sai à noite procurando pequenos animais e qualquer Chihuahua que possa encontrar — subiu na minha cama, onde eu estava sentada folheando revistas sem ver e encostou a cabeça na minha mão...

Foi então que eu soube.

Foi então que eu soube que alguma coisa estava errada, errada de verdade. Porque aquele gato me odeia de paixão, mesmo sendo eu quem o alimenta. Se está subindo na minha cama e encostando a cabeça na minha mão, bem, sinto muito, isso significa que meu universo está desmoronando.

Porque Jesse não vai voltar.

Só que, fiquei dizendo a mim mesma enquanto o pânico crescia, ele prometeu. Ele jurou.

Mas enquanto os minutos tiquetaqueavam e ainda não havia sinal dele, eu soube. Simplesmente soube. Jesse tinha ido embora. Havia encontrado seu corpo, e isso significava que ele não estava mais desaparecido, e que não havia necessidade de ficar no meu quarto. Não mais, como eu tinha tentado explicar ontem à noite.

Só que ele havia parecido tão seguro... tão seguro de que não era isso. Tinha gargalhado. Tinha gargalhado quando eu disse pela primeira vez, como se fosse ridículo.

Mas onde ele estava? Se não tinha ido embora — para o céu ou para outra vida (não para o inferno; tenho certeza de que não há lugar no inferno para Jesse, se existe um inferno) —, então onde ele estava?

Tentei contatar meu pai. Não pelo telefone nem nada porque, claro, meu pai não pode ser contatado assim, já que está morto. Tentei chamá-lo onde quer que ele estivesse, lá no plano astral.

Porém, claro, ele também não veio. Mas, afinal de contas, ele nunca vem. Born, algumas vezes. Mas raramente, e, desta vez, não.

Só quero que você saiba que normalmente eu não piro desse jeito. Quero dizer, normalmente sou muito mais uma mulher de ação. Algo acontece e, bem, eu saio dando cacete. Geralmente é assim que funciona.

Mas isso...

Por algum motivo não conseguia pensar direito. Realmente. Só estava ali, sentada, com o pijama de seda, pensando: “O que eu deveria fazer? O que eu deveria fazer?”

Sério. Não adiantava.

Por isso fiz o que fiz em seguida. Se não conseguia deduzir sozinha o que fazer, bem, precisava de alguém que me dissesse. E sabia de alguém.

Tinha de falar baixo porque, claro, já passava das onze horas e todo mundo em casa, menos eu, estava dormindo.

— O padre Dominic está? — perguntei.

A pessoa do outro lado da linha — um homem idoso, pela voz — falou:

— O que é, querida? Quase não estou ouvindo.

— O padre Dominic — falei o mais alto que ousei. — Por favor, preciso falar com o padre Dominic agora mesmo. Ele está?

— Claro, querida — disse o homem. Então o escutei gritar:

— Dom! Ei, Dom! Telefone para você!

Dom? Como você ousa chamar o padre Dominic de Dom?

Que falta de respeito!

Mas toda minha indignação se dissolveu quando escutei a voz suave e profunda do padre Dominic. Não tinha percebido quanto sentia falta dele, de não vê-lo todos os dias durante o verão, como acontecia nos períodos escolares.

— Alô?

— Padre Dom — falei. Não, não falei. Vou admitir. Chorei.

Eu era um caso perdido.

— Suzannah? — O padre Dominic pareceu em choque. — O que há de errado? Por que está chorando? Você está bem?

— Estou — falei. Certo, não falei: solucei. — Não sou eu. É o J... Jesse.

— Jesse? — A voz do padre assumiu o tom de sempre que o assunto Jesse aparecia. Ele havia demorado um tempo para aceitar Jesse. Acho que dá para entender. O padre D. não é somente um padre, também é o diretor de uma escola católica. Não deveria aprovar coisas como garotas e rapazes dividindo um quarto... mesmo que o cara esteja, você sabe, morto.

E eu entendia, porque com os mediadores é diferente de com as outras pessoas. Todas as outras pessoas simplesmente atravessam os fantasmas. Fazem isso o tempo todo e nem percebem. Ah, talvez sintam um ponto frio, ou achem que vislumbraram alguma coisa com o canto dos olhos, mas quando se viram não há ninguém ali.

Para os mediadores é diferente. Para nós os fantasmas são feitos de matéria, e não de mortalhas de névoa. Eu não conseguia passar a mão através de Jesse, ainda que todas as outras pessoas pudessem. Bem, todas menos Jack e o padre Dom.

Por isso é compreensível o motivo para o padre Dom nunca ser muito louco pelo Jesse, mesmo que o cara tenha salvado minha vida mais vezes do que posso contar. Porque, independentemente do que ele seja, ainda é um cara, e está morando no meu quarto, e ... bem, você captou a idéia.

Não, claro, que tivesse acontecido alguma coisa — para meu dissabor.

O negócio é que agora jamais aconteceria. Quero dizer, agora eu nem vou saber se alguma coisa poderia ter acontecido. Porque ele foi embora.

Não falei nada disso ao padre Dom, claro. Só contei o que aconteceu, sobre Maria, a faca e os insetos, e sobre Clive Clemmings morto e o retrato desaparecido, e como tinham achado o corpo de Jesse e agora ele havia sumido.

— E ele me prometeu — terminei de modo um tanto incoerente, de tanto que estava chorando. — Ele jurou que não era isso, que não era isso que o estava segurando aqui. Mas agora ele se foi, e...

A voz do padre Dominic era tranqüilizadora e controlada, em comparação a minha arenga cheia de soluços.

— Certo, Suzannah. Eu entendo. Entendo. Obviamente há forças atuando que estão além do controle do Jesse e, bom, além do seu, também. Fico feliz por ter me ligado. Escute, agora faça exatamente o que eu digo.

Funguei. Era tão bom — nem posso descrever quanto — ter alguém me dizendo o que fazer! Verdade. Normalmente a última coisa que eu quero é que me digam o que fazer. Mas nesse caso eu realmente, realmente apreciei. Grudei-me ao telefone, esperando ofegante as instruções do padre Dom.

— Você está no seu quarto, não é? — perguntou ele. Confirmei com a cabeça, percebi que ele não podia me ver e falei:

— Estou.

— Bom. Acorde sua família e conte a eles exatamente o que acaba de me contar. Depois saiam de casa. Saiam dessa casa, Suzannah, o mais rápido que puder.

Afastei o telefone do ouvido e olhei para o aparelho como se ele tivesse começado a balir no meu ouvido como uma ovelha. Sério. Porque isso faria quase tanto sentido quanto o que o padre Dom tinha dito.

Encostei o fone de novo no ouvido.

— Suzannah? — estava dizendo o padre Dom. — Você me escutou? Estou falando totalmente sério. Um homem já morreu. Não duvido de que alguém de sua família seja o próximo se você não tirá-los daí.

Sei que eu estava arrasada e coisa e tal. Mas não tão arrasada.

— Padre D., não posso contar a eles.

— Pode sim, Suzannah. Sempre achei errado você manter seu dom em segredo para sua mãe durante tantos anos. Está na hora de contar.

— Até parece! — falei ao telefone.

— Suzannah. Os insetos foram só o começo. Se essa mulher está assumindo uma posse demoníaca de sua casa, horrores, como... bem, horrores como você e eu jamais poderíamos imaginar vão começar...

— Possessão demoníaca de minha casa? — Segurei o telefone com mais força. — Escute, padre D., ela pode ter levado meu namorado, mas não vai levar minha casa.

O padre Dominic parecia cansado.

— Suzannah. Por favor, faça o que eu digo. Saia com sua família daí antes que aconteça algo ruim a algum de vocês. Entendo que você esteja perturbada por causa do Jesse, mas o fato, Suzannah, é que ele está morto, e você, pelo menos por enquanto, ainda esta viva. Temos de fazer o possível para que continue assim. Vou sair daqui agora, mas estou a seis horas de distancia. Prometo que chegarei aí de manhã. Uma administração meticulosa de água benta afastara qualquer espírito mau que ainda esteja na casa, mas...

Spike tinha atravessado o quarto em minha direção.

Achei que ele iria me morder, como sempre, mas não. Em vez disso veio direto até meu rosto e soltou um grito muito alto muito lamentoso.

— Santo Deus — gritou o padre Dominic. — É ela? Ela já está aí?

Cocei Spike atrás da orelha que restava, espantada por ele me deixar tocá-lo.

— Não. Foi o Spike. Ele sente falta do Jesse.

— Suzannah, sei como isso deve ser doloroso para você. Mas saiba que, onde quer que Jesse esteja agora, está melhor do que nos últimos 150 anos, vivendo num limbo entre este mundo e o outro. Sei que é difícil, mas você deve tentar ser feliz por ele, e saiba que, acima de tudo, ele iria querer que você se cuidasse, Suzannah. Ele iria querer que você ficasse segura e mantivesse sua família segura...

Enquanto ouvia o padre Dom, percebi que ele estava certo. Era realmente isso que Jesse iria querer. E ali estava eu, sentada de pijama de seda quando havia trabalho a ser feito.

— Padre D. — falei interrompendo —, no cemitério da Missão há alguém da família Silva enterrado?

Arrancado de seu discurso sobre segurança, o padre Dominic disse:
— Eu... Silva? Realmente, Suzannah, não sei. Não creio que...

— Ah, espera. Vivo esquecendo que ela se casou com um Diego. Há uma cripta dos Diego, não há? — Tentei visualizar o cemitério, que era pequeno, rodeado por muros altos, diretamente atrás da basílica da Missão onde o padre Dom trabalha e eu estudo. Há apenas um pequeno número de sepulturas, principalmente dos monges que tinham trabalhado no início com Junipero Serra, o cara que fundou a Missão de Carmel em mil setecentos e pouco.

Mas alguns ricos proprietários de terras no século XIX tinham conseguido espremer um ou dois mausoléus doando uma parte considerável de sua fortuna para a igreja.

E o maior — se me lembro corretamente da vez em que o sr. Walden, nosso professor de história da civilização, nos levou ao cemitério para aprendermos um pouco da história local — tinha a palavra DIEGO esculpida na porta.

— Suzannah — disse o padre Dominic. Pela primeira vez havia algo diferente de urgência em sua voz. Agora ele estava apavorado. — Suzannah, sei o que esta pensando, e ... proíbo! Você não vai chegar perto daquele cemitério, entende? Não vai chegar perto daquela cripta! É perigoso demais ...

Exatamente como eu gosto.

Mas não foi isso que falei alto. Alto eu disse:

— Certo, padre D. O senhor está certo. Vou acordar minha mãe. Vou contar tudo. E tirar todo mundo de casa.

O padre Dominic estava tão atônito que não falou nada durante um minuto. Quando finalmente pode encontrar a voz, disse:

— Bom. Bem... bom, então. É. Tire todo mundo da casa. Não faça nenhuma tolice, Suzannah, como invocar o fantasma dessa mulher, até eu chegar aí. Prometa.

Prometa. Como se as promessas ainda significassem alguma coisa. Olhe o Jesse. Tinha prometido que não ia embora, e onde estava?

Foi-se. Foi-se para sempre.

E eu tinha sido covarde demais para lhe dizer o que sentia.

E agora nunca terei a chance.

— Claro — falei ao padre Dominic. — Prometo. Mas acho que até ele sabia que não era a sério.

Capítulo 9

Caçar fantasmas é um negócio complicado.

Você imaginaria que é fácil, certo? Tipo: se um fantasma estiver incomodando a gente, basta... , você sabe, lhe dar um soco nas fuças e ele vai embora.

É. Infelizmente não funciona assim.

O que não quer dizer que dar um soco nas fuças de alguém não tenha valor terapêutico. Em especial para alguém que, como eu, pode estar sofrendo. Porque era isso que eu estava, claro. Sofrendo por Jesse.

Só que — e não sei se isso se aplica a todos os mediadores ou só a mim — realmente não sofro como uma pessoa normal. Quero dizer, eu fiquei sentada abrindo o berreiro depois que percebi que nunca mais ia ver Jesse.

Mas então uma coisa aconteceu. Parei de me sentir triste e comecei a ficar furiosa.

Furiosa de verdade. Ali estava eu, já passava da meia-noite, e me sentia extremamente furiosa.

Não que não quisesse manter a promessa ao padre D.

Queria sim. Mas simplesmente não podia.

Assim como Jesse não pode manter a promessa a mim. De modo que, apenas 15 minutos depois de ligar para o padre D., sai do banheiro — Jesse tinha ido embora, portanto eu poderia ter trocado de roupa no quarto, mas velhos hábitos são difíceis de abandonar — com a vestimenta completa de caça-fantasmas, inclusive o cinto de ferramentas e um casaco com capuz, que até eu admito que é meio excessivo na Califórnia em julho. Mas era noite, e aquela névoa que vem do oceano de madrugada pode gelar.

Não quero que você pense que não pensei seriamente no que o padre D. disse sobre contar tudo a minha mãe e tira-la dali, junto com os Ackerman. Realmente pensei nisso.

Só que, quanto mais pensava, mais ridículo parecia. Quero dizer, em primeiro lugar minha mãe é jornalista de TV. Simplesmente não é do tipo que acredita em fantasmas. Só acredita no que pode ver ou então no

que a ciência provou que existe. Na única vez que tentei contar, ela não entendeu nem um pouco. E percebi que ela nunca entenderia.

Então como é que eu poderia entrar naquele quarto e contar a ela e ao novo marido que eles tem de sair da casa porque há um espírito vingativo atrás de mim? Ela ligaria para o terapeuta em Nova York procurando comunidades onde eu pudesse “descansar” tão depressa que você nem acreditaria.

De modo que esse plano estava descartado.

Mas tudo bem, porque eu tinha um muito melhor. Um plano que, realmente, eu deveria ter imaginado de cara, mas acho que o negócio de ver o esqueleto do cara que eu amo sendo tirado de um buraco no quintal dos fundos realmente me pegou no contrapé, por isso só pensei direito quando estava ao telefone com o padre D.

Mas assim que pensei, percebi que era de fato o plano perfeito. Em vez de esperar que Maria viesse atrás de mim, eu simplesmente iria até ela e, bem...

Iria mandá-la de volta ao lugar de onde tinha vindo. Ou reduzi-la a um monte de gosma gelatinosa e trêmula. A que acontecesse primeiro.

Porque, mesmo que, claro, os fantasmas estejam mortos, eles ainda sentem dor, como as pessoas que perdem um membro ainda sentem coceira nele de vez em quando. Quando você crava uma faca no esterno dos fantasmas, eles sabem que deveria doer, e o ferimento até sangra por um tempo.

Depois, claro, eles superam o choque e o ferimento desaparece. O que é desencorajador, já que os ferimentos que eles, por sua vez, infligem em mim não se curam tão depressa.

Mas tanto faz. A coisa funciona. Mais ou menos.

O ferimento que Maria de Silva tinha me infligido não era visível, mas isso não importava. O que eu ia provocar nela importaria. Com sorte aquele seu marido estaria por perto e eu faria o mesmo com ele.

E o que aconteceria se as coisas não funcionassem assim, e os dois ganhassem a briga?

Bem, essa é a parte mais maneira: eu nem me importava.

Verdade. Tinha chorado cada grama de emoção que havia em mim, e agora simplesmente não me importava. Não me importava. Realmente.

Eu estava entorpecida.

Tanto que, quando passei as pernas pela janela do quarto e pousei no telhado da varanda — minha saída usual quando não queria que ninguém em casa soubesse que eu estava armando alguma coisa —, nem me importei com as coisas que normalmente tem significado para mim, como a lua, por exemplo, pairando sobre a baía, lançando tudo numa sobra preta e cinza, e o perfume do pinheiro gigante ao lado da varanda. Não importava. Nada disso importava.

Tinha acabado de atravessar o telhado da varanda e estava me preparando para pular quando um brilho mais forte do que a lua, porém muito mais fraco do que, digamos, a lâmpada do meu quarto, apareceu atrás de mim.

Certo, vou admitir. Pensei que era Jesse. Não pergunte por que. Quero dizer, ia contra toda a lógica. Mas e daí? Meu coração deu um pulo feliz e eu girei...

Maria estava parada a menos de dois metros de mim, no telhado inclinado e cheio de agulhas de pinheiro. Tinha a mesma aparência do retrato acima da mesa de Clive Clemmings: elegante e espiritual.

Bem, e por que não? Agora ela é um espírito, não é?

— Vai a algum lugar, Suzannah? — perguntou ela em seu inglês cortante, apenas com um leve sotaque.

— Ia — respondi empurrando para trás o gorro do casaco.

Tinha amarrado o cabelo num rabo-de-cavalo. Não era bonito, sei, no entanto eu precisava de toda a visão periférica possível. — Mas agora que você está aqui, vejo que não preciso. Posso chutar sua bunda ossuda tanto aqui quanto na sua sepultura fedorenta.

Maria ergueu as sobrancelhas delicadamente arqueadas.

— Que palavreado! — disse ela. Juro, como se tivesse um leque e estivesse usando-o, como Scarlett O'Hara. — E o que eu poderia ter feito para instigar um vocabulário tão pouco feminino? Você sabe que é possível pegar mais moscas com mel do que com vinagre.

— Você sabe muitíssimo bem o que fez — falei dando um passo na direção dela. — Vamos começar com os insetos no suco de laranja.

Ela ajeitou timidamente uma madeixa de cabelos pretos e brilhantes que tinha escapado dos cachos nas laterais do rosto.

— É, achei que você gostaria deles.

— Mas matar o dr. Clemmings? — dei outro passo adiante. — Isso foi ainda melhor. Porque imagino que você nem precisou matá-lo, não foi? Você só queria a pintura, não é? A do Jesse.

Ela fez o que as revistas chamam “biquinho”: você sabe, meio que franziu os lábios e ao mesmo tempo pareceu satisfeita consigo mesma.

— Sim. A princípio eu não ia matá-lo. Mas quando vi o retrato, o meu retrato sobre a mesa dele, bem, como poderia não matar? Ele nem mesmo é meu parente. Por que deveria ficar com um quadro tão belo? E naquela salinha miserável! Aquele quadro enfeitava minha sala de jantar. Ficava um esplendor acima de uma mesa onde vinte pessoas podiam se sentar.

— É, bem. Pelo que eu soube, nenhum de seus descendentes o quis. Seus filhos acabaram não passando de um punhado de vagabundos e bandidos. Parece que sua capacidade materna deixou um pouco a desejar.

Pela primeira vez Maria pareceu chateada. Começou a dizer alguma coisa, mas interrompi:

— O que não entendo é para que você queria a pintura. A de Jesse. Quero dizer, de que ela serve para você? A não ser que tenha roubado a pintura para me causar problema.

— Esse motivo não bastaria? — perguntou ela com um riso de desprezo.

— Acho que sim. Só que não funcionou.

— Ainda — disse Maria, com uma certa ênfase. — Ainda há tempo.

Balancei a cabeça. Só balancei a cabeça enquanto olhava para ela.

— Nossa! — falei mais para mim mesma. — Nossa, vou machucar você.

— Ah, sim. — Maria fez “tsk tsk” por trás da mão com luva de renda. — Esqueci. Você deve estar com muita raiva de mim. Ele foi embora, não foi? O Hector. Deve ter sido um tremendo golpe. Sei como você gosta dele.

Eu poderia ter pulado em cima dela nesse momento.

Provavelmente deveria ter pulado. Mas ocorreu-me que ela poderia, você sabe, ter alguma informação sobre o Jesse, como ele estava ou mesmo onde estava. É vergonhoso, sei, mas veja do seguinte modo: além do negócio de... você sabe, do amor, ele era um dos melhores amigos que já tive.

— É — falei. — Bem, acho que os traficantes de escravos não são meu prato predileto. Foi com um deles que você se casou, não foi? Um traficante de escravos. Seu pai deve ter sentido tanto orgulho!

Isso apagou o riso da cara dela.

— Deixe meu pai de fora — rosnou Maria.

— Ah, por que? Diga uma coisa, ele ficou chateado com você? Seu pai. Você sabe, por ter mandado matar Jesse? Porque imagino que ele ficaria. Quero dizer, basicamente, graças a você, a família Silva acabou. E seus filhos com o tal de Diego, como já discutimos, acabaram virando uns imprestáveis. Aposto que sempre que você esbarra no seu pai por aí, você sabe, no plano espiritual, ele nem diz olá, diz? Isso deve doer.

Não sei quanto Maria entendeu, se é que entendeu alguma coisa. Mesmo assim pareceu bem furiosa.

— Você! — gritou ela. — Eu avisei! Disse para mandar sua família parar de cavar, mas você me ouviu? É sua culpa ter perdido seu precioso Hector. Se tivesse ouvido, ele ainda estaria aqui. Mas não. Você pensou que só porque é mediadora, uma pessoa especial que se comunica com os espíritos, é melhor do que nós... melhor do que eu! Mas você não é nada, nada, ouviu? Quem são os Simon? Quem são? Ninguém! Eu, Maria Teresa de Silva, sou descendente da realeza, de reis e príncipes!

Eu só ri. Quero dizer, sério. Qual é!

— Ah, sim — falei. — E sem dúvida foi um comportamento régio matar o namorado daquele jeito.

A expressão de Maria era como uma nuvem negra de tempestade sobre sua cabeça.

— Hector morreu porque ousou romper nosso noivado — sibilou ela numa voz apavorante. — Pensou em me desgraçar na frente de todo mundo. A mim! Sabendo, como sabia, da linhagem real que corria em meu sangue. Sugerir que eu iria...

Uau. Essa era nova.

Espera um minuto. Ele fez o que? Mas Maria estava no maior pique.

— Como se eu, Maria de Silva, fosse me permitir ser tão humilhada. Hector tentou devolver minhas cartas e pediu as dele, e o anel, de volta. Disse que não podia se casar comigo depois do que ouviu dizer sobre mim e Diego. — Ela disse de modo desagradável. — Como se não

soubesse com quem estava falando! Como se não soubesse que estava falando com uma de Silva!

Pigarreei.

— Ah. Tenho bastante certeza de que ele sabia. Quero dizer, esse era o sobrenome dele também. Vocês dois não eram primos?

Maria fez uma careta.

— Sim. Tenho vergonha de dizer que compartilhei o nome e os avós, com aquele ... — Ela chamou Jesse de algo em espanhol que não pareceu nem um pouco lisonjeiro. — Ele não sabia com quem estava mexendo. Não havia um homem no condado que não mataria pela honra de se casar comigo.

— E certamente parece que pelo menos um homem no condado foi morto por recusar essa honra — não pude deixar de observar.

— Por que ele não deveria ter morrido depois de me insultar dessa maneira?

— Hmm, que tal porque o assassinato é ilegal? E porque mandar matar um cara por ele não querer se casar com você é um ato de uma completa lunática, exatamente o que você é. Engraçado como essa parte não foi parar nos jornais da história. Mas não se preocupe. Eu garantirei que a notícia se espalhe.

O rosto de Maria mudou. Antes tinha uma expressão enojada e irritada. Agora parecia assassino.

O que era meio engraçado. Se essa garota achava que alguém no mundo se importava com o que uma dona metida a besta havia feito há um século e meio, estava tremendamente enganada. Tinha conseguido matar a única pessoa para quem essa informação poderia ser ao menos remotamente interessante — o dr. Clive Clemmings, Ph.D.

Mas aparentemente ainda estava cheia do negócio do “nós, os Silva, descendemos da realeza espanhola”, já que partiu para cima de mim, anáguas voando, e disse numa voz apavorante:

— Garota estúpida! Eu disse a Diego que você era idiota demais para nos causar problemas, mas agora vejo que estava errada. Você é tudo que eu ouvi falar sobre os mediadores: uma criatura desprezível, que gosta de interferir!

Fiquei lisonjeada, realmente. Ninguém jamais havia me chamado de desprezível.

— Se eu sou desprezível, o que isso torna você? Ah, espere, não diga, já sei. Uma vaca de duas caras que gosta de esfaquear pelas costas, certo?

A próxima coisa que vi foi que ela havia tirado aquela faca da manga e de novo estava apontando-a para a minha garganta.

— Não vou esfaquear você pelas costas — garantiu Maria. — É seu rosto que eu quero retalhar.

— Vá em frente — falei e em seguida agarrei o pulso da mão que segurava a faca. — Quer saber qual foi seu grande erro? — Ela grunhiu enquanto, com um movimento hábil que aprendi no tae kwon do, torci seu braço as costas. — Dizer que foi culpa minha ter perdido o Jesse. Porque antes eu estava sentindo pena de você. Mas agora estou apenas furiosa.

Então, dando uma joelhada na coluna vertebral de Maria de Silva, joguei-a esparramada no teto da varanda.

— E quando estou furiosa — falei, arrancando a faca de seus dedos com a mão livre —, realmente não sei o que me dá. Mas começo a bater nas pessoas. Com muita, muita força.

Maria não estava recebendo nada disso com calma. Gritava a ponto de quase explodir. Mas principalmente em espanhol, por isso simplesmente a ignorei. De qualquer modo eu era a única que podia ouvir.

— Conte isso a terapeuta da minha mãe — informei, enquanto jogava a faca, com o máximo de força possível, no quintal dos fundos, ainda mantendo Maria presa com o peso do meu joelho. — E sabe o que ela disse? Que o gatilho do meu mecanismo de fúria é sensível demais.

Agora que tinha me livrado da faca, inclinei-me para a frente e, com a mão que estava usando para manter o braço de Maria torcido as costas, segurei um punhado daqueles cachos pretos e brilhantes e puxei sua cabeça para mim.

— Mas sabe o que eu disse a ela? Disse: não é o gatilho do meu mecanismo de fúria que é supersensível. É que as pessoas... só... ficam... me... enchendo... o... saco.

Para enfatizar as últimas sete palavras bati com a cara de Maria nas telhas da varanda. Quando levantei sua cabeça depois da última vez, ela estava sangrando bastante pelo nariz e pela boca. Observei isso com grande distanciamento, como se outra pessoa tivesse causado aquilo, e não eu.

— Ah — falei — Olha só isso. Que coisa desprezível, que interferência de minha parte!

Então bati seu rosto contra as telhas mais algumas vezes, dizendo:

— Esta é por ter pulado em cima de mim enquanto eu estava dormindo e apertar uma faca na minha garganta. E essa e por ter feito Dunga comer insetos, e esta por ter matado Clive, e ah, sim, esta e por Jesse...

Não vou dizer que estava fora de mim, de tanta fúria.

Estava louca. Louca de montão. Mas sabia exatamente o que estava fazendo.

E não era bonito. Ei, sou a primeira a admitir. Quero dizer, a violência nunca é a resposta, certo? A não ser, claro, que a pessoa que você está espancando já esteja morta.

Mas só porque há 150 anos aquela garota mandou matar um amigo meu, sem motivo além de ele, com todo o direito, querer cancelar um casamento com ela, ela não merecia ter o rosto arrebatado.

De jeito nenhum. O que merecia era ter cada osso do corpo quebrado.

Mas infelizmente, quando por fim soltei o cabelo de Maria e me levantei para fazer exatamente isso notei um brilho a esquerda.

“Jesse”, pensei com o coração dando uma outra daquela

Mas, claro que não era o Jesse. Quando virei a cabeça o que vi se materializando ali era um homem muito alto de bigode e cavanhaque escuros, vestindo roupas um tanto semelhantes as de Jesse, só que muito mais chiques — como se fosse um Zorro de festa a fantasia. As calças pretas e justas tinham uma elaborada filigrana prateada descendo pela lateral de cada perna, e a camisa branca tinha aquelas mangas fofas que os piratas sempre usam nos filmes.

Além disso havia um bocado de trabalho em prata no coldre também, e em volta da aba de seu chapéu preto, de caubói.

E não parecia muito feliz em me ver.

— Certo — falei, pondo as mãos nos quadris. — Espere, não diga. Diego, estou certa?

Sob o bigode fininho, seu lábio superior se enrolou.

— Acho que eu lhe disse para deixar essa aí por minha conta — falou Maria, que estava se sentando e encostando a manga da blusa no nariz que sangrava.

Maria estava fazendo um monte de ruídos fungados e finos. Dava para ver que nunca tivera o nariz quebrado, porque não estava inclinando a cabeça para trás para interromper o sangramento.

Amadora.

— Achei que poderia ser mais divertido brincar com ela — disse Maria numa voz temperada com dor. E arrependimento.

Diego balançou a cabeça, enojado.

— Não — disse ele. — Com mediadores não se brinca. Achei que tinha deixado isso claro desde o início. Eles são perigosos demais.

— Desculpe, Diego. — A voz de Maria assumiu um tom lamentoso que eu não tinha ouvido antes. Percebi que ela era uma daquelas garotas que tem uma voz “para os caras”, uma voz que ela só usa quando há homens por perto. — Eu deveria ter feito o que você disse.

Era a minha vez de ficar com nojo.

— Olá — falei a Maria. — Estamos no século XXI. Agora as mulheres podem pensar por conta própria, você sabe.

Maria só me olhou por cima da manga que estava encostada no nariz sangrento.

— Mate-a para mim — disse ela naquela voz gemida, de menininha.

Diego deu um passo na minha direção, com uma expressão que dizia que estava felicíssimo em obedecer a amada.

— Ah, o que? — falei. Eu nem estava com medo. Não me importava mais. O entorpecimento no coração tinha tomado conta do corpo todo. — Você sempre faz o que ela manda? Sabe, hoje nós temos uma expressão para isso: capacho de mulher.

Aparentemente ele não conhecia a expressão, ou simplesmente não se importava, já que continuou vindo. Diego usava esporas, e elas faziam um barulho sinistro nas telhas da varanda.

— Sabe — falei, mantendo a posição. — Vou lhe dizer uma coisa. Sabe esse cavanhaque? É, está totalmente por fora. E, sabe, essas jóias estão mais por fora ainda. É só algo em que talvez você queira pensar. Na verdade acho bom você ter aparecido, porque eu queria lhe dizer umas coisinhas. Número um: sabe sua mulher? É, ela é uma vagabunda. E número dois: sabe aquela coisa de ter matado Jesse e depois enterrado os restos dele lá atrás? É, isso não foi maneiro. Porque veja bem, agora eu tenho de ...

Só que não tive chance de dizer a Felix Diego o que faria com ele. Porque ele me interrompeu. Falou numa voz profunda e surpreendentemente ameaçadora, para um cara de cavanhaque:

— Há muito tempo minha convicção é que mediador bom é mediador morto.

Então, antes que eu pudesse ao menos piscar, ele lançou os braços em volta de mim. Achei que estava tentando me abraçar, ou algo do tipo, o que teria sido bem estranho.

Mas não era isso que ele estava fazendo. Não. O que estava fazendo, na verdade, era me jogar do telhado da varanda.

Ah, sim. Ele me jogou bem no buraco onde a minipiscina quente ficaria. Bem onde haviam encontrado os restos de Jesse, naquela tarde mesmo.

O que achei meio irônico, na verdade. Pelo menos enquanto ainda fui capaz de pensar.

O que não durou muito, já que perdi a consciência pouco depois de bater no chão.

Capítulo 10

Há uma coisa sobre os mediadores: somos duros de matar.

Sério. Você não acreditaria no número de vezes em que fui derrubada, arrastada, pisoteada, socada, chutada, mordida, arranhada, acertada na cabeça, mantida embaixo d'água, alvejada por tiros e jogada de telhados.

Mas morri? Alguma vez tive um ferimento que ameaçasse a vida?

Não. Quebrei ossos — um bocado. Fiquei com um montão de cicatrizes.

Mas o fato é que quem — ou o que — criou os mediadores nos deu uma arma natural, pelo menos, para usar na luta contra os defuntos. Não, não uma força sobre-humana, ainda que isso seria bem prático. Não, o que nós, o padre Dom e eu — e Jack, provavelmente, ainda que eu duvide que ele tenha tido a oportunidade de usar —, temos é uma casca suficientemente dura para suportar todos os abusos que são causados contra nós.

Motivo pelo qual, mesmo que uma queda daquelas devesse ter me matado, não matou. Nem de longe.

Não, claro, que Maria de Silva e seu amado não imaginassem que tiveram sucesso. Devem ter imaginado, caso contrário teriam ficado ali para terminar o serviço. Mas quando acordei, horas depois, grogue e com uma cabeça em que você não acreditaria, eles não estavam por perto.

Sem dúvida eu tinha ganhado o primeiro assalto. Bem, pelo menos figurativamente. Quero dizer, não estava morta nem nada, e isso, no meu livro, é um ponto positivo.

O que eu tinha era uma concussão. Soube imediatamente porque tenho o tempo todo. Quero dizer, concussões.

Bem, certo, tive duas vezes.

De qualquer modo não é muito agradável, uma concussão. Basicamente você sente ânsias de vômito e fica toda dolorida, mas, de modo pouco surpreendente, sua cabeça dói mais do que tudo. No meu caso foi ainda pior, porque, como fiquei deitada no fundo daquele buraco durante tanto tempo, o orvalho teve chance de cair. Tinha se acumulado na minha roupa, encharcado tudo e feito com que ficassem pesadas. Por isso,

me arrastar daquele buraco que Andy e Dunga haviam cavado se tornou uma tarefa pesadíssima.

De fato, já ia amanhecendo quando finalmente consegui entrar de novo em casa — graças a Deus, Soneca tinha deixado a porta da frente aberta quando veio de seu grande encontro.

Mesmo assim eu precisei subir toda a escada. Foi muito lento. Pelo menos, quando entrei no quarto e finalmente consegui tirar toda a roupa encharcada e enlameada, não precisei me preocupar, pela primeira vez, com a possibilidade de Jesse me ver pelada.

Porque, claro, Jesse tinha ido embora.

Tentei pensar nisso enquanto me arrastava para a cama e fechava os olhos. Essa estratégia — a de não pensar em Jesse ter ido embora — pareceu funcionar bastante bem. Acho que dormi antes que esse pensamento tivesse realmente a chance de chegar.

Só acordei bem depois das oito. Aparentemente Soneca tinha tentado me acordar para o trabalho, mas eu estava apagada demais. Eles me deixaram dormir, acho, porque todos presumiram que eu estava perturbada pelo que havia acontecido na véspera, pelo esqueleto encontrado no quintal dos fundos.

Apenas gostaria de ter só isso com que me preocupar.

Quando o telefone tocou, pouco depois das nove, e Andy gritou escada acima dizendo que era para mim, eu já estava de pé, com um agasalho de moletom, examinando o enorme hematoma que havia surgido sob os cabelos da testa. Parecia uma alienígena. Sem brincadeira. Era um espanto não ter quebrado o pescoço. Estava convencida de que Maria e seu namorado achavam que era exatamente isso que tinha acontecido. Era o único motivo para eu ainda estar viva. Os dois eram tão presunçosos que não tinham ficado para garantir que eu estivesse bem morta.

Obviamente nunca haviam encontrado um mediador. É preciso muito mais do que uma queda de telhado para matar um de nós.

— Suzannah. — A voz do padre Dominic, quando atendi ao telefone, estava cheia de preocupação. — Graças a Deus você está bem. Fiquei tão preocupado... Mas você não foi, não é? Ao cemitério ontem a noite?

— Não. — Afinal de contas não tive motivo para ir. O cemitério tinha vindo até mim.

Mas não falei ao padre D. Em vez disso, perguntei:

— O senhor voltou?

— Voltei. Você não contou a eles, contou? Quero dizer, a sua família.

— Ah ... — falei incerta.

— Suzannah, você deve. Deve realmente. Eles tem o direito de saber. Estamos lidando com um caso muito sério de assombração. Você poderia ser morta, Suzannah ...

Não quis mencionar que já havia chegado bem perto. Naquele momento soou o toque de chamada em espera.

Falei:

— Padre D., pode esperar um segundo? — E apertei o botão para atender.

Uma voz aguda, vagamente familiar, falou no meu ouvido, mas nem me esforçando eu conseguiria situá-la.

— Suze? É você? Você está bem? Está doente ou algo assim?

— Ah — falei extremamente perplexa. — É. Acho que sim. Mais ou menos. Quem é?

A voz respondeu muito indignada:

— Eu, Jack!

Ah, meu Deus. Jack. Trabalho. Certo.

— Jack. Como conseguiu meu número?

— Você deu ao Paul. Ontem. Não lembra?

Não lembrava, claro. De ontem só conseguia realmente lembrar que Clive Clemmings estava morto, o retrato de Jesse estava desaparecido ...

E que Jesse, claro, tinha ido embora. Para sempre.

Ah, e toda a parte em que o fantasma de Felix Diego tentou rachar minha cabeça.

— Ah. É. Certo. Olha, Jack, eu estou com alguém na outra...

— Suze — interrompeu Jack. — Você deveria me ajudar a dar cambalhota embaixo d'água hoje.

— Eu sei. Sinto muito, mesmo. Só que... realmente não pude ir trabalhar hoje, rapaz. Sinto muito. Não é nada contra você. Eu só precisava de um dia de folga.

— Você esta parecendo muito triste — disse Jack, também parecendo bem triste. — Achei que estaria bem feliz.

— Achou? — Imaginei se o padre D. ainda estava esperando na outra linha ou se havia desligado, cheio de indignação. Percebi que estava tratando-o tremendamente mal. Afinal de contas ele havia interrompido seu pequeno retiro por minha causa. — Por que?

— Por causa do modo como eu...

Foi então que vi. Só um brilho fraquíssimo, perto do sofá-cama. Jesse? De novo meu coração deu uma daquelas cambalhotas. Estava mesmo ficando patético quando eu pulava a cada vez que via o mais leve tremeluzir, achando que era Jesse.

Não era.

Também não era Maria ou Diego — graças a Deus. Sem dúvida nem eles teriam ousadia suficiente para tentar me atacar em plena luz do dia...

— Jack — falei ao telefone. — Preciso desligar.

— Espera, Suze, eu ...

Mas eu tinha desligado. Porque, sentado ali no meu sofá-cama, parecendo profundamente infeliz, estava o dr. Clive Clemmings, Ph.D.

Sorte minha: desejar um Jesse e ganhar um Clive.

— Ah — disse ele, piscando por trás das lentes dos óculos fundo de garrafa. Parecia quase tão surpreso em me ver quanto eu em vê-lo materializado ali no meu quarto. — É você.

Só balancei a cabeça. Algumas vezes meu quarto parece urna estação de trem.

— Bem, eu simplesmente não... — Clive Clemmings ficou mexendo em sua gravata-borboleta. — Quero dizer, quando disseram que eu deveria contatar um mediador, eu não... quero dizer, não esperei...

— ... que o mediador fosse eu — terminei para ele. — É. Ouço isso um bocadinho.

— Só que — disse Clive em tom de desculpas —, que você é tão ...

Só o encarei irritada. Realmente não estava no clima. E você pode me culpar? Com a concussão e tudo o mais?

— Que eu sou tão o que? Mulher? É isso? Ou vai tentar me convencer de que está chocado com minha inteligência sobrenatural?

— Bem — disse Clive Clemmings. — Jovem. Foi o que quis dizer... é só que você é tão jovem!

Afundi no banco da janela. Verdade, o que fiz para merecer isso? Quero dizer, ninguém quer ser visitado pelo espectro de um cara como

Clive. Tenho quase certeza de que ninguém queria que ele fizesse uma visita quando estava vivo. Então por que eu?

Ah, sim. O negócio de ser mediadora.

— A que devo o prazer, Clive? — Provavelmente deveria tê-lo chamado de dr. Clemmings, mas estava com muita dor de cabeça para demonstrar respeito pelos mais velhos.

— Bem, não sei. Quero dizer, de repente a sra. Lambert, minha recepcionista, sabe?, não está atendendo quando a chamo, e quando as pessoas telefonam para mim, bem, ela diz... a coisa mais horrível. Simplesmente não sei o que deu nela. — Clive pigarreou. — Veja bem, ela está dizendo que eu estou...

— Morto — terminei para ele.

Os olhos de Clive ficaram perceptivelmente maiores por trás dos óculos.

— Bom, isso é extraordinário. Como é que você sabe? Bem, sim, claro, afinal de contas você é mediadora. Disseram que entenderia. Mas verdade, srta. Ackerman, os últimos dias foram extremamente exaustivos. Não estou me sentindo como eu era, e...

— Isso — interrompi — é porque você está morto. — Normalmente eu teria sido um pouquinho mais gentil, mas acho que ainda sentia um certo nó de ressentimento com o velho Clive por ter descartado daquele jeito minha sugestão de que Jesse podia ter sido assassinado.

— Mas isso não é possível. — Clive repuxou a gravata borboleta. — Quero dizer, olhe para mim. Eu estou claramente aqui. Você está falando comigo...

— É porque sou mediadora, Clive. Esse é o meu trabalho. Ajudar pessoas como você a ir em frente depois de terem... você sabe. — Como ele claramente não sabia, fui mais clara: — Batido as botas.

Clive piscou rapidamente várias vezes.

— Eu... eu... ah, minha nossa!

— É. Está vendo? Agora vejamos se podemos deduzir por que você está aqui e não no feliz céu dos historiadores. Qual é a última coisa de que você se lembra?

Clive tirou a mão do queixo.

— Perdão?

— Qual é a última coisa que você lembra — repeti — antes de notar que estava... bem, invisível para a sra. Lambert?

— Ah. — Clive coçou a careca. — Bem, eu estava sentado à minha mesa, olhando aquelas cartas que você trouxe. Foi gentileza seu padrasto pensar em nós. As pessoas costumam desconsiderar a sociedade histórica local quando, você sabe, sem nós, o tecido da cultura local seria permanentemente...

— Clive. — Sei que eu estava sendo grosseira, mas não podia evitar. — Olha, ainda nem tomei o café-da-manhã. Pode ir em frente, por favor?

— Ah. — Ele piscou mais um pouco. — Sim. Claro. Bem, como eu dizia, estava examinando as cartas que você me trouxe. Desde que você saiu da minha sala no outro dia estive pensando no que você disse... sobre Hector de Silva. Parece um tanto improvável que um rapaz que escreveu de modo tão amoroso sobre a família simplesmente fosse embora sem dizer uma palavra. E o fato de você ter encontrado as cartas de Maria enterradas no quintal do que já foi uma pensão bem conhecida ... Bom, devo dizer que, pensando mais, toda a coisa me pareceu extremamente esquisita. Peguei meu ditafone e estava fazendo algumas anotações para a sra. Lambert digitar mais tarde quando subitamente senti.... bem, um arrepio. Como se alguém tivesse posto o ar-condicionado no máximo. Mas posso garantir que a sra. Lambert não faria isso. Alguns dos nossos artefatos devem ser mantidos em climas atmosféricos altamente controlados, e ela nunca...

— Não era o ar-condicionado — falei em tom curto e grosso. Ele me olhou, claramente espantado.

— Não. Não, não era. Porque um instante depois captei um cheiro levíssimo de flor de laranjeira. E você sabe que Maria Diego era bem conhecida por usar água de toalete com perfume de flor de laranjeira. Foi estranho demais. Porque um segundo depois pude jurar que, por um momento ... — A expressão de seus olhos, por trás das lentes grossas, ficou distante. — Bem, por um momento eu teria jurado que a vi. Só com o canto do olho. Maria de Silva Diego...

A expressão distante abandonou seus olhos. Quando me encarou em seguida o olhar era afiado como laser.

— E então senti — disse ele numa voz muito controlada — uma dor lancinante, subindo e descendo pelo braço. Eu sabia o que era, claro. Minha família sofre de doença cardíaca congênita. Isso matou meu avô, você sabe, logo depois de ele ter seu livro publicado. Mas, diferentemente

dele, tenho sido extremamente diligente com a alimentação e o regime de exercícios. Só podia ter sido o choque, você sabe, de ver... pelo menos de pensar ter visto... algo que não era... que não poderia...

Ele parou, depois prosseguiu:

— Bem, tentei pegar o telefone para ligar imediatamente para 911, mas ele... bem... o telefone meio que... pulou da minha mesa.

Só fiquei olhando-o. Precisava admitir que nesse ponto estava sentindo pena. Quero dizer, ele fora assassinado, como o Jesse. E pela mesma mão. Bem, mais ou menos.

— Não pude alcançá-lo — disse Clive com tristeza. — Quero dizer, o telefone. E essa ... essa é a última coisa de que me lembro.

Lambi os lábios.

— Clive, o que você estava dizendo? Ao telefone. Logo antes de vê-la. De ver Maria de Silva?

— O que eu estava dizendo? Ah, claro. Estava dizendo que achava bom investigar mais, parecia que o que você tinha sugerido, e aquilo em que meu avô sempre acreditou, talvez pudesse ter algum mérito ...

Balancei a cabeça. Não dava para acreditar.

— Ela matou você — murmurei.

— Ah. — Clive não estava mais piscando nem repuxando a gravata-borboleta. Só ficou ali parado, parecendo um espantalho de quem haviam arrancado o mastro. — É. Acho que você poderia dizer isso. Mas só como uma figura de linguagem. Quero dizer, afinal de contas, foi o choque. Mas não que ela...

— Para impedi-lo de contar a alguém o que eu falei. Apesar da dor de cabeça, eu estava ficando furiosa outra vez. — E matou seu avô também, do mesmo modo.

Então Clive piscou, de modo interrogativo.

— Meu... meu avô? Você acha? Bem, devo dizer... bom, a morte dele foi bem súbita, mas não houve sinal de... — Sua expressão mudou. — Ah. Ah. Sei. Você acha que meu avô foi morto pelo fantasma de Maria de Silva Diego para que ele não escrevesse mais sobre sua teoria relativa ao desaparecimento do primo dela?

— É um modo de dizer. Ela não queria que ele contasse a verdade sobre o que aconteceu com Jesse.

— Jesse? Quem é Jesse?

Nós dois quase pulamos ao ouvir uma batida na porta.

— Suze? — gritou meu padrasto. — Posso entrar? .

Numa lufada de agitação, Clive se desmaterializou. Eu mandei entrar, e a porta se abriu e Andy ficou ali parado, sem jeito. Ele nunca entra no meu quarto, a não ser, ocasionalmente, para consertar coisas.

— Ah, Suze? Bem, você tem uma visita. O padre Dominic está ...

Andy não terminou porque o padre Dominic apareceu logo atrás dele.

Não posso realmente explicar por que fiz o que fiz. Não há outra explicação para isso, além do simples fato de que, bem, nos seis meses em que o conheço, passei realmente a sentir algo pelo velho.

De qualquer modo, ao vê-lo pulei do banco da janela, de modo totalmente involuntário, e me joguei contra ele. O padre Dominic ficou um bocado surpreso com essa demonstração explícita de emoção, já que normalmente sou um tanto reservada.

— Ah, padre D. — falei para a frente da camisa do padre Dominic. — Estou tão feliz em ver o senhor.

E estava mesmo. Finalmente — finalmente — alguma normalidade retomava ao meu mundo que parecia ter virado totalmente de cabeça para baixo nas últimas 24 horas. O padre Dominic tinha voltado. O padre Dominic cuidaria de tudo. Sempre cuidava. Só ficar ali abraçando-o e sentindo seu cheiro sacerdotal, que era de Woolite e, mais levemente, do cigarro que tinha fumado escondido no carro, durante a vinda, senti que tudo ia ficar bem.

— Ah — disse o padre Dominic. Dava para sentir sua voz reverberando dentro do meu peito, junto com os pequenos ruídos que o estômago dele fazia ao digerir o que quer que ele tivesse comido no café-da-manhã. — Minha nossa! — o padre Dominic me deu tapinhas desajeitados no ombro.

Atrás de nós, ouvi Dunga dizer:

— O que é que deu nela?

Andy mandou-o ficar quieto.

— Ah, qual é — disse Dunga. — Ela não pode ainda estar perturbada por causa daquele esqueleto estúpido que a gente achou. Quero dizer, esse tipo de coisa não deveria incomodar a rainha do povo da noite.

Dunga interrompeu a frase com um grito de dor. Olhei em volta do ombro do padre D. e vi Andy puxando o filho do meio pela orelha, corredor afora.

— Corta essa, pai! — berrava Dunga. — Ai! Pai, pára com isso!

Uma porta bateu. No fim do corredor, no quarto de Dunga, Andy estava citando para ele a lei contra motins.

Soltei o padre D.

— O senhor andou fumando — falei.

— Só um pouquinho. — Ao ver minha expressão, ele deu de ombros, impotente. — Bem, foi uma longa viagem dirigindo. E eu tinha certeza de que, quando chegasse aqui, ia achar todos vocês assassinados nas camas. Você realmente tem o modo mais alarmante de entrar em encrencas, Suzannah.

— Sei disso. — Suspirei e fui sentar no banco da janela, envolvendo um dos joelhos com os braços. Estava com um agasalho de moletom e não tinha me incomodado em passar maquiagem nem lavar o cabelo. De que adiantaria?

O padre D. não pareceu notar minha aparência medonha.

Continuou, como se estivéssemos em sua sala, falando sobre levantamento de verbas com o governo, para os alunos, ou algo completamente inócuo assim.

— Trouxe um pouco de água benta. Está no meu carro. Vou dizer a seu pai que você me pediu para abençoar a casa, devido ... é ... à descoberta de ontem. Ele pode se espantar por você estar subitamente abraçando a igreja, mas você terá de começar a insistir em dar as graças na hora do jantar, ou talvez até em freqüentar a missa de vez em quando, para convencê-lo de sua sinceridade. Andei lendo um pouco sobre aqueles dois, Maria de Silva e o tal de Diego, e eles eram bastante devotos. Assassinos, parece, mas também carolas. Acho que ficarão bem relutantes em entrar numa casa que foi santificada por um padre. — O padre Dominic me olhou, preocupado. — O que pode acontecer quando você puser os pés fora desta casa é que me preocupa. No minuto em que você ... santo Deus, Suzannah. — O padre Dominic parou e me olhou com curiosidade. — O que aconteceu com sua testa?

Levantei a mão e toquei o hematoma sob o cabelo.

— Ah — falei, me encolhendo um pouco. O ferimento ainda estava dolorido. — Nada. Olha, padre D ...

— Não diga que isso não é nada. — O padre Dominic deu um passo adiante e depois respirou profundamente. — Suzannah! Onde, em nome do céu, você conseguiu esse machucado feio?

— Não é nada — falei, puxando o cabelo sobre os olhos. — É só uma pequena demonstração da estima de Felix Diego.

— Esta marca não é bobagem — declarou o padre Dominic. — Suzannah, já lhe ocorreu que você pode ter tido uma concussão? Deveríamos fazer um raio X imediatamente.

— Padre Dominic ...

— Sem discussão, Suzannah. Calce um sapato. Vou conversar com seu padrasto, depois vamos ao hospital de Carmel.

O telefone tocou, ruidoso. Eu lhe disse, isso aqui é a própria estação de trens. Atendi, principalmente para me dar tempo de pensar numa desculpa para não ir ao hospital. Uma ida à emergência exigiria uma história sobre como eu tinha obtido este último ferimento, e, francamente, estava ficando sem boas histórias.

— Alô? — falei ao aparelho enquanto o padre D. me fazia um muxoxo.

— Suze? — a familiar vozinha aguda. — Sou eu de novo. O Jack.

— Jack — falei cansada. — Olha, eu disse antes. Realmente não estou me sentindo bem ...

— É isso aí. Fiquei pensando que você podia não ter ouvido. E então achei que podia contar. Porque sei que você vai se sentir melhor quando souber.

— Souber o que, Jack?

— Como eu mediei aquele fantasma para você.

Deus, minha cabeça estava latejando. Não estava no clima para isso.

— Ah, é? Que fantasma, Jack?

— Você sabe. O cara que estava incomodando você. O tal de Hector.

Quase larguei o telefone. Na verdade larguei, mas estendi as mãos depressa e o peguei antes que caísse no chão. Então segurei de novo junto ao ouvido, com as duas mãos, para ter certeza de que estava escutando direito. Fiz tudo isso com o padre Dominic me olhando.

— Jack — falei, sentindo como se todo o ar tivesse escapado de mim. — O que você está falando?

— Aquele cara. — Seu tom infantil tinha ficado indignado. — Você sabe, o que não queria deixar você em paz. Aquela moça, Maria, me disse...

— Maria? — Eu tinha esquecido tudo sobre a dor de cabeça, sobre o padre Dom. Praticamente gritei ao telefone. — Jack, o que você está falando? Que Maria?

— Aquela fantasma da antiga — disse Jack, parecendo sem graça. — A boazinha, que a gente viu o retrato na sala daquele careca. Ela disse que o tal de Hector, o da outra pintura, a pequenina, estava incomodando você, e que se eu quisesse fazer uma bela surpresa, deveria exer... deveria exor... deveria...

— Exorcizá-lo? — Os nós dos meus dedos tinham ficado brancos em volta do aparelho. — Exorcizá-lo, Jack? Foi o que você fez?

— É — disse Jack, parecendo muito satisfeito consigo mesmo. — É, foi isso mesmo. Eu exorcizei ele.

Capítulo 11

Afundi no banco da janela.

— O que ... — meus lábios estavam entorpecidos. Não sei se era uma complicação da concussão ou o quê, mas de repente não conseguia sentir os lábios. — O que você disse, Jack?

— Eu exorcizei ele para você. — Jack parecia imensamente satisfeito. — Sozinho. Bem, a dona ajudou um pouco. Deu certo? Ele foi embora?

Do outro lado do quarto o padre Dominic estava me olhando com ar interrogativo. Não é de espantar. Minha conversa, ouvida deste lado, devia parecer totalmente bizarra. Afinal de contas eu não tinha tido chance de lhe falar sobre o Jack.

— Suze? — disse Jack. — Você ainda está aí?

— Quando? — murmurei através dos lábios entorpecidos.

— O quê?

— Quando, Jack. Quando você fez isso?

— Ah. Ontem à noite. Enquanto você estava fora com meu irmão. Veja só, a tal de Maria veio aqui e trouxe aquela pintura e umas velas, e então falou o que eu deveria dizer, e eu disse, e foi bem maneiro, porque começou a sair uma fumaça vermelha das velas, que foi girando e girando, e então se abriu um buraco enorme no ar, acima da cabeça da gente, e eu olhei dentro e era bem escuro, e então falei mais umas palavras, e então o cara apareceu, e foi sugado bem lá para dentro.

Não falei nada. O que poderia dizer? O garoto havia acabado de descrever um exorcismo — pelo menos todos os que eu tinha visto. Não estava inventando. Tinha exorcizado Jesse. Tinha exorcizado Jesse. Jesse fora exorcizado.

— Suze — disse Jack. — Suze, você ainda está aí?

— Ainda estou. — Acho que devia estar com uma cara medonha, porque o padre Dom veio e se sentou no banco da janela, ao meu lado, parecendo todo preocupado.

E por que não? Eu estava em choque.

E era um tipo de choque diferente de todos que eu já tivera. Não era como ser jogada de um telhado ou sentir uma faca na garganta. Era pior. Porque não dava para acreditar. Simplesmente não dava.

Jesse tinha mantido a promessa. Não tinha desaparecido porque seus restos finalmente haviam sido encontrados, provando que fora assassinado. Tinha desaparecido porque Maria de Silva mandou exorcizá-lo.

— Você não está com raiva de mim, está? — perguntou Jack, preocupado. — Quero dizer, eu fiz a coisa certa, não foi? A tal de Maria disse que Hector era muito mau com você, e que você agradecerá ... — Houve um ruído ao fundo, e então Jack falou: — É Caitlin. Ela quer saber quando você vai voltar. Quer saber se você pode vir esta tarde, porque ela precisa...

Mas não fiquei sabendo o que Caitlin precisava fazer.

Porque eu tinha desligado.

Simplesmente não podia ouvir aquela vozinha doce dizendo coisas horríveis, medonhas, nem por mais um segundo.

O negócio era que aquilo não penetrava na minha cabeça.

De jeito nenhum. Eu entendia intelectualmente o que Jack tinha acabado de dizer, mas emocionalmente não estava registrando.

Jesse não tinha ido deste plano ao próximo — pelo menos não por sua livre vontade. Tinha sido arrancado da existência aqui do mesmo modo como fora arrancado da vida e, em última instância, pelas mesmas mãos.

E por quê?

Pelo mesmo motivo pelo qual fora morto: para não causar vergonha à Maria de Silva.

— Suzannah. — A voz do padre Dominic era gentil. — Quem é Jack?

Levantei a cabeça, espantada. Tinha praticamente esquecido que o padre D. estava no quarto. Mas ele não estava simplesmente no quarto. Estava sentado ao meu lado, com os olhos azuis cheios de preocupação.

— Suzannah — disse ele. O padre Dom nunca me chama de Suze, como todo mundo. Uma vez perguntei o motivo, e ele disse que achava Suze vulgar. Vulgar! Na hora achei uma piada. Ele é tão engraçado, tão antiquado!

Jesse também nunca me chamou de Suze.

— Jack é um mediador — falei. — Tem oito anos. Eu estava trabalhando como babá dele, no hotel.

O padre Dominic ficou surpreso.

— Um mediador? Verdade? Que extraordinário! — Então sua expressão de surpresa voltou a ser de preocupação. — Você deveria ter me telefonado imediatamente no momento em que ficou sabendo, Suzannah. Não há muitos mediadores no mundo. Eu gostaria muito de falar com ele. Mostrar o caminho, por assim dizer. Você sabe, há muita coisa que um jovem mediador deve aprender. Talvez não fosse bom você assumir o treinamento de um deles, Suzannah, dada sua comparativa juventude ...

— É — falei com um riso amargo. Para meu espanto, o som ficou preso na garganta, como uma espécie de soluço. — Nem diga!

Não dava para acreditar. Eu estava chorando de novo. Que negócio era esse, afinal? Quero dizer, essa coisa de chorar? Durante meses fico seca que nem um osso, e de repente abro o berreiro sem mais nem menos.

— Suzannah. — O padre Dominic segurou meu braço e me deu uma leve sacudida. Pela sua expressão dava para ver que estava realmente pasmo. Como falei, eu nunca choro. — Suzannah, o que é isso? Você está chorando, Suzannah?

Só pude confirmar com a cabeça.

— Mas por que, Suzannah? — perguntou ele ansioso. — Por quê? Por causa do Jesse? É difícil, e eu sei que você vai sentir falta dele, mas ...

— O senhor não entende. — Eu estava com problema para enxergar. Tudo tinha ficado muito turvo. Não podia ver minha cama nem o estampado das almofadas no banco da janela, e elas estavam muito mais perto. Levantei as mãos diante do rosto, pensando que talvez o padre Dom estivesse certo e que eu deveria tirar um raio-X, afinal de contas. Evidentemente havia alguma coisa errada com minha visão.

Mas quando meus dedos encontraram o molhado nas bochechas, fui obrigada a admitir a verdade. Não havia nada errado com minha visão. Meus olhos estavam simplesmente transbordando de lágrimas.

— Ah, padre — falei, e pela segunda vez em meia hora envolvi com os braços o pescoço de um padre. Minha testa colidiu com os óculos dele, que ficaram tortos. Dizer que o padre Dominic ficou espantado com esse gesto seria um eufemismo do tipo mais grotesco.

Mas avaliando pelo modo como ele se imobilizou quando as pronunciei, ele ficou ainda mais surpreso com as palavras que saíram da minha boca.

— Ele exorcizou o Jesse, padre D. Maria de Silva o enganou para que fizesse isso. Disse ao Jack que Jesse estava me in-comodando, e que ele me f-faria um favor, livrando-se dele. Ah, padre Dominic ... — Minha voz cresceu até um uivo. — O que eu vou fazer?

Pobre padre Dominic. Duvido tremendamente de que tenha mulheres chorando histéricas e o abraçando com muita frequência. Dá para ver totalmente. Ele não sabia como reagir. Quero dizer, me deu tapinhas no ombro e disse “Shhh, tudo vai dar certo”, e coisas do tipo, mas dava para ver que o sujeito estava realmente desconfortável. Acho que tinha medo de que Andy aparecesse e achasse que eu estava chorando por causa de algo que ele tinha dito.

O que era ridículo, claro. Como se alguma coisa que alguém dissesse fosse me fazer chorar.

Depois de alguns minutos com o padre Dom dizendo “Shhh, tudo vai dar certo” e ficando todo rígido, não pude deixar de rir.

Sério. Quero dizer, era engraçado. De um modo triste e patético.

— Padre Dominic — falei, afastando-me e olhando-o através dos olhos chorosos. — Está brincando? Tudo não vai dar certo. Está bem? Nada nunca mais vai dar certo.

O padre Dominic podia não ser muito bom de abraço, mas estava com tudo no departamento de lenços. Eu já o tinha visto fazer isso com as crianças pequenas na escola, as do jardim-de-infância que choravam por causa de sorvetes caídos no chão ou algo assim. Ele realmente era bom em enxugar.

— Ora, Suzannah — disse ele enquanto enxugava. — Isso não é verdade. Você sabe que não é.

— Padre, eu sei que é. Jesse foi embora e a culpa é totalmente minha.

— Como a culpa é sua? — o padre Dominic me olhou, desaprovando. — Suzannah, não é sua culpa.

— É sim. O senhor mesmo disse. Eu deveria ter ligado para o senhor no minuto em que percebi a verdade sobre Jack. Mas não liguei. Achei que podia cuidar dele sozinha. Achei que não era grande coisa. E agora olha o que aconteceu. Jesse foi embora. Para sempre.

— É uma tragédia — disse o padre Dominic. — Não consigo pensar numa injustiça maior. Jesse era um amigo muito bom para você ... para nós dois. Mas o fato, Suzannah... — Ele tinha conseguido enxugar quase todas as minhas lágrimas, e guardou o lenço. — ...é que ele passou muitos anos vagueando numa espécie de meia-vida. Agora suas lutas acabaram, e talvez ele possa começar a desfrutar das recompensas justas.

Estreitei os olhos. O que o sujeito estava falando?

Ele deve ter lido o ceticismo no meu rosto, porque disse:

— Bom, pense nisso, Suzannah. Durante 150 anos Jesse esteve preso numa espécie de submundo entre a vida passada e a próxima. Ainda que você possa lamentar o modo como isso aconteceu, pelo menos ele deu o salto para o destino final...

Afastei-me bruscamente do padre D. Na verdade, me afastei do banco da janela. Fiquei de pé, dei alguns passos e depois girei, pasma com o que tinha escutado.

— O que o senhor está falando? Jesse estava aqui por um motivo. Não sei qual era, e não sei se ele também sabia. Mas, qualquer que fosse, ele deveria ficar aqui, neste “submundo”, até descobrir o que era. Agora nunca mais vai poder. Agora não saberá por que ficou aqui por tanto tempo.

— Entendo isso, Suzannah — disse o padre Dominic numa voz que achei irritantemente calma. — E, como falei antes, é uma infelicidade, uma tragédia. Mas, independentemente disso, Jesse foi em frente, e pelo menos devemos ficar felizes por ele ter encontrado a paz eterna ...

— Ah, meu Deus! — Eu estava gritando de novo, mas não me importei. Estava furiosa. — Paz eterna! Como sabe que foi isso que ele encontrou? O senhor não sabe.

— Não.

Dava para ver que agora o padre Dominic estava escolhendo as palavras com cuidado. Como se eu fosse uma bomba que poderia explodir se ele usasse a errada.

— Você está certa — disse o padre D em voz baixa. — Não sei. Mas esta é a diferença entre você e eu, Suzannah. Veja bem, eu tenho fé.

Atravessei o quarto em três passos. Não sabia o que ia fazer. Certamente não ia bater nele. Quero dizer, o gatilho do meu mecanismo de raiva pode ser supersensível, mas não ando por aí dando socos em padres.

Bem, pelo menos não no padre Dom. Ele é meu mano, como costumávamos dizer lá no Brooklyn.

Mesmo assim, acho que eu ia sacudi-lo. Ia por as mãos em seus ombros e tentar sacudi-lo até cair na real, já que a argumentação não estava funcionando. Quero dizer, sério, fé. Fé! Como se a fé alguma vez funcionasse melhor que umas boas cacetadas.

Mas antes que pudesse por a mão nele ouvi alguém pigarrear atrás de mim. Olhei e ali estava o Andy, com o cinto de ferramentas, jeans e uma camiseta que dizia “BEMVINDO A DUCK BILL FLATS”, parado junto a porta aberta e parecendo preocupado.

— Suze — disse ele. — Padre Dominic. Está tudo bem aí? Pensei ter ouvido alguém gritar.

O padre Dominic se levantou.

— Sim — disse ele, parecendo sério. — Bem, Suzannah está, e com todo o direito, preocupada com a ... bem, a descoberta infeliz em seu quintal, ontem. Ela pediu, Andrew, que eu desse uma benção na casa e, claro, eu disse que daria. Mas deixei a Bíblia no carro ...

Andy se empertigou imediatamente.

— Quer que eu pegue para o senhor, padre?

— Ah, seria maravilhoso, Andrew. Simplesmente maravilhoso. Deve estar no banco da frente. Se puder trazê-la, eu faria o trabalho imediatamente.

— Sem problema, padre — respondeu Andy, e saiu parecendo todo feliz. O que é fácil, se você, como Andy, não faz a mínima idéia do que está acontecendo em sua própria casa. Quero dizer, Andy não acredita. Não sabe que existe um plano de existência diferente deste. Não sabe que pessoas do outro plano estão tentando matá-lo.

Ou que eu estava apaixonada pelo sujeito cujos ossos ele desenterrou ontem.

— Padre D. — falei, no minuto em que ouvi os pés de Andy baterem na escada.

— Suzannah — interrompeu ele, cansado. Dava para ver que estava tentando me cortar antes que eu fosse em frente.

— Entendo como isto é difícil para você. Jesse era muito especial. Sei que ele significava muito ...

Não pude acreditar naquilo.

— Padre D.

— ... mas o fato, Suzannah, é que agora Jesse está num lugar melhor. — Enquanto falava, o padre Dominic atravessou meu quarto, parou junto à porta e tirou uma bolsa preta que aparentemente havia colocado no corredor. Levantou a bolsa, pousou-a de novo na minha cama desarrumada e abriu. Então começou a tirar coisas de dentro.

— Nós dois — continuou ele — vamos simplesmente ter fé nesse pensamento e ir em frente.

Pus as mãos nos quadris. Não sei se era a concussão ou o fato de que meu namorado sofrera um exorcismo, mas acho que meu quociente de vaca insuportável estava regulado no máximo.

— Eu tenho fé, padre Dom. Tenho muita fé. Tenho fé em mim mesma e tenho fé no senhor. Por isso sei que podemos consertar isso.

Os olhos azul-bebê do padre Dom se arregalaram por trás das lentes de seus óculos bifocais enquanto ele erguia aos lábios uma tira de pano roxa, beijava-a e depois passava em volta do pescoço.

— Consertar isso? Consertar o quê? O que você quer dizer, Suzannah?

— O senhor sabe — falei, porque ele sabia.

— Eu ... — o padre Dominic pegou na bolsa um negócio de metal que parecia uma colher de tirar sorvete, junto com um frasco do que eu só podia supor que fosse água benta. — Eu percebo, claro, que Maria de Silva Diego terá de ser enfrentada. Isso é perturbador, mas acho que você e eu somos perfeitamente preparados para cuidar da situação. E o garoto, Jack, terá de ser visto e adequadamente doutrinado nos métodos apropriados de mediação, dentre os quais, você sabe, o exorcismo só deve ser usado como último recurso. Mas ...

— Não é isso.

O padre Dominic ergueu os olhos de seus preparativos de bênção de casa.

— Não?

— Não — repeti. — E não finja que não sabe do que estou falando.

Ele piscou algumas vezes, fazendo eu me lembrar de Clive Clemmings.

— Não posso dizer que sei, Suzannah. De que você está falando?

— De trazê-lo de volta.

— Trazer quem de volta, Suzannah?

A maratona noturna do padre Dom, dirigindo toda a noite, estava começando a aparecer. Ele era um cara bonito, para alguém de sessenta e poucos anos. Tenho certeza de que metade das freiras e a maior parte da congregação feminina da missão era apaixonada por ele. Não que o padre D. notasse isso. A idéia de que era um gato da terceira idade só iria deixá-lo sem graça.

— O senhor sabe quem.

— Jesse? Trazer Jesse de volta? — o padre Dominic ficou ali parado, com a estola em volta do pescoço e o negócio de espirrar água benta numa das mãos. Parecia atarantado. — Suzannah, você sabe tão bem quanto eu que assim que os espíritos saem deste mundo nós perdemos todo o contato com eles. Eles se foram. Passaram adiante.

— Eu sei. Não falei que ia ser fácil! De fato só consigo pensar num modo de fazer isso. E, mesmo assim ... bem, é arriscado. Mas com sua ajuda, padre D., pode funcionar.

— Minha ajuda? — o padre D. estava confuso. — Minha ajuda em quê?

— Padre D., quero que o senhor me exorcize.

Capítulo 12

— Pela última vez, Suzannah — disse o padre Dominic. Desta vez bateu no volante para dar ênfase enquanto falava. — O que você está pedindo é impossível!

Revirei os olhos.

— Olá? O que aconteceu com a fé? Achei que, se a gente tem fé, tudo é possível!

O padre D. não gostava de ter suas próprias palavras lançadas de volta. Dava para ver pelo modo como ele fazia careta para o reflexo dos carros que vinham atrás de nós, pelo retrovisor.

— Então deixe-me dizer que o que você está sugerindo tem muito pouca chance de dar certo.

Dirigir em Carmel não é fácil, já que as casas não tem número e os turistas não conseguem, de jeito nenhum, descobrir para onde estão indo. E o trânsito, claro, é de noventa e oito por cento de turistas. O padre D. estava suficientemente frustrado por nossos esforços de ir aonde íamos. Meu anúncio, ainda no quarto, de que queria que ele me exorcizasse, também não estava ajudando em seu humor.

— Para não mencionar o fato de que é antiético, imoral e provavelmente muito perigoso — concluiu ele enquanto acenava para uma minivan nos ultrapassar.

— Certo — falei. — Mas não é impossível.

— Você parece estar esquecendo uma coisa. Você não é fantasma, nem está possuída por um.

— Sei disso. Mas eu tenho um espírito, certo? Quero dizer, uma alma. Então por que o senhor não pode exorcizá-la? Assim eu posso ir ... o senhor sabe, dar uma olhada, ver se consigo achá-lo, e, se achar, trazê-lo de volta. — E acrescentei como um pensamento de última hora: — Se ele quiser vir, claro.

— Suzannah. — O padre Dom estava realmente chateado comigo, dava para ver totalmente. Lá em casa tudo tinha estado certo, quando chorei e coisa e tal. Mas então tive essa idéia fantástica.

Só que, veja bem, o padre Dominic não achava a idéia tão fantástica. Eu pessoalmente achei brilhante. Não podia acreditar que não

tivesse pensado nisso antes. Acho que meu cérebro foi meio espremido com a concussão.

Mas não havia motivo para o plano não dar certo.

Nenhum motivo.

— Não — disse ele. Coisa que vinha fazendo desde que falei nisso pela primeira vez. — O que você está sugerindo, Suzannah, nunca foi feito. Não há a menor garantia de que funcione. Ou que, se funcionar, você poderá retomar ao corpo.

— É aí que entra a corda.

— Não! — gritou o padre Dominic.

Ele teve de pisar no freio naquele instante, porque um ônibus de turismo surgiu do nada e, como não havia sinais de trânsito no centro de Carmel, freqüentemente havia diferenças de opinião quanto a quem tinha a preferência nos cruzamentos. Ouvi a água benta chacoalhar, ainda no frasco na bolsa dele sobre o banco de trás.

Era de pensar que não teria sobrado nenhuma, depois de toda a quantidade que o padre D. borrifou na nossa casa. Aquele negócio voou para todo lado. Eu esperava que ele estivesse certo quanto a Maria e Felix serem católicos demais para ousar atravessar a soleira de uma casa recém-abençoada. Porque, se estivesse errado, eu tinha me feito de imbecil diante de Dunga sem qualquer motivo. Dunga ficou falando “Por que o senhor está fazendo isso, padre D.?” quando o padre entrou no seu quarto com o aspersório, que por acaso era o nome daquela coisa parecida com a colher de tirar sorvete.

— Porque sua irmã pediu — respondeu o padre Dom enquanto jogava água benta sobre o banco de ginástica de Dunga, provavelmente a única vez em que aquela coisa chegou perto de ser limpa.

— Suze pediu para o senhor abençoar meu quarto? — Pude ouvir a voz de Dunga do outro lado do corredor, enquanto ainda estava no meu quarto. Tenho certeza de que nenhum dos dois sabia que eu estava escutando.

— Ela pediu para eu benzer a casa. Suzannah ficou muito perturbada com o esqueleto no quintal dos fundos, como tenho certeza de que você sabe. Agradeceria tremendamente se você lhe mostrasse um pouquinho de gentileza nos próximos dias, Bradley.

Bradley! No meu quarto, comecei a rir. Bradley! Imagina só!

Não sei o que Dunga respondeu à sugestão, feita pelo padre Dom, de que fosse mais legal comigo, porque aproveitei a oportunidade para tomar banho e vestir uma roupa civilizada. Achei que doze horas eram mais do que suficientes para ficar com agasalho de moletom. Mais do que isso, francamente, e você vai acabar chafurdando na própria tristeza. Jesse não iria querer que o sofrimento por causa dele afetasse meu agora famoso sentido de moda.

Além disso, eu tinha um plano.

E foi assim que, banhada, maquiada e vestida com o que eu considerava o auge do estilo mediadora-chique na forma de um vestidinho justo e sandálias, senti-me preparada para dominar não apenas os lacaios de Satã mas também os funcionários do Pinhão de Carmel, diante de cuja redação o padre D. tinha prometido me deixar. Veja bem, eu ainda não havia deduzido um modo de trazer Jesse de volta: tinha deduzido um modo de vingar a morte de Clive Clemmings, para não mencionar a de seu avô.

Ah, sim. Ainda estava furiosa. Mas pelo bem.

— Está fora de questão, Suzannah — disse o padre Dominic. — Portanto, tire essa idéia da cabeça. Onde quer que se encontre agora, Jesse está num lugar melhor do que antes. Deixe-o descansar.

— Ótimo — falei. Paramos diante de um prédio baixo, sombreado por pinheiros. A sede do jornal local.

— Ótimo — respondeu o padre Dominic, estacionando o carro numa vaga. — Vou esperar você aqui. Acho que provavelmente seria melhor se eu não entrasse.

— Provavelmente. E não precisa esperar. Eu acho o caminho de casa.

Soltei o cinto de segurança.

— Suzannah.

Levantei os óculos escuros e o espiei.

— Sim?

— Vou esperar você aqui. Nós dois ainda temos muito trabalho a fazer.

Franzi o rosto.

— Temos?

— Maria e Diego — lembrou com gentileza o padre D. — Você está protegida dos dois em casa, mas eles ainda estão a solta e acho que

ficarão tremendamente furiosos quando perceberem que você não está morta. — Eu tinha finalmente desmoronado e explicado a ele o que aconteceu com minha cabeça. — Precisamos fazer os preparativos para enfrentá-los.

— Ah. Isso.

Claro que eu tinha esquecido tudo a respeito. Não porque achasse que Maria e seu marido precisavam ser enfrentados, mas porque sabia que minha idéia de enfrentá-los e a idéia do padre D. não iriam exatamente combinar. Quero dizer os padres não são exatamente fanáticos por espancar adversários até transformá-los em pasta. São mais do tipo argumentação gentil!

— Claro — falei — É. Vamos fazer isso.

— É, claro ... — o padre D. estava realmente estranho.

Percebi o motivo quando as próximas palavras que saíram de sua boca foram:

— Temos de decidir o que será feito com os restos de Jesse.

Os restos de Jesse. As palavras me acertaram como dois socos. Os restos de Jesse. Ah, meu Deus.

— Eu estava pensando — disse o padre Dominic, ainda escolhendo as palavras com cautela elaborada — em fazer um pedido formal ao legista para que os restos fossem transferidos a Igreja, para serem enterrados no cemitério da Missão. Você concorda que isso seria adequado?

Algo cresceu em minha garganta. Tentei engolir.

— Sim. — Mas a resposta saiu com um som esquisito. — Que tal uma lápide?

— Bem, isso pode ser difícil, já que duvido tremendamente de que o legista possa fazer uma identificação positiva.

Certo. Não existiam raios-X dentários na época em que Jesse estava vivo.

— Talvez uma cruz simples... — disse o padre Dominic.

— Não. Uma lápide. Tenho três mil dólares. — E mais, se devolvesse todos aqueles sapatos Jimmy Choo. Ainda bem que tinha guardado as notas de compra. Quem precisava de um guarda-roupa de outono, afinal? — O senhor acha que basta?

— Ah. — O padre Dominic ficou sem jeito. — Suzannah, eu ...

— Pode dizer. — De repente achei que não podia mais ficar ali sentada discutindo com ele. Abri a porta do carona. — É melhor eu ir. Vejo o senhor daqui a pouco.

E comecei a sair do carro.

Mas não fui suficientemente rápida. O padre D. chamou meu nome de novo.

— Escute, Suzannah. Não é que eu não queira que haja algo possível de ser feito para trazer Jesse de volta. Eu também gostaria que ele pudesse, como você disse, ter encontrado seu próprio modo de ir para onde deveria, depois da morte. Gostaria mesmo. Só não acho que ir aos extremos que você está sugerindo seja ... bem, necessário. E certamente não acho que ele desejaria isso, que você arriscasse a vida por ele.

Pensei no assunto. Pensei mesmo. O padre D. estava absolutamente certo, claro. Jesse não iria querer que eu arriscasse a vida por ele, nunca. Em especial considerando o fato de que ele nem tem mais. Quero dizer, uma vida.

Mas vamos encarar os fatos: Jesse é de uma era ligeiramente diferente. Quando ele nasceu, as garotas passavam o tempo costurando. Não andavam por aí rotineiramente dando porrada como fazemos agora. E mesmo que Jesse tenha me visto dando porrada um milhão de vezes, isso ainda o deixa nervoso, dá para ver totalmente. Quero dizer, ele até ficou surpreso quando ficou sabendo de Maria e sua faca. Acho que é meio compreensível. Imagine só, a pequena srta. Saia-Balão cortando gargantas?

Mesmo assim, até depois de um século e meio sabendo que ela é que havia ordenado sua morte, isso o deixava totalmente pirado. Quero dizer, esse negócio de machismo vai fundo. Não tem sido fácil curá-lo.

De qualquer modo, só estou dizendo que o padre D. estava certo: Jesse definitivamente não iria querer que eu arriscasse a vida por ele.

Mas nem sempre temos o que queremos, não é?

— Ótimo — falei de novo. Seria de pensar que o padre D. notaria como eu tinha ficado conformada, de repente. Quero dizer, será que ele não percebeu que não era a única pessoa na cidade que poderia me ajudar? Eu tinha um novo ás na manga, e ele nem sabia.

— Volto num instante — falei com um sorriso de cem watts, que se abria de um canto a outro da boca.

Então me virei e entrei no escritório do Pinhão de Carmel, como se fosse colocar um anúncio pessoal ou algo do tipo. O que eu estava fazendo, claro, era algo muitíssimo mais insidioso.

— Cee Cee Webb está aí? — perguntei ao garoto espinhento da recepção.

Ele ergueu os olhos, espantado. Não sei o que o pirou mais, meu vestido justo ou o fato de eu ter pedido para ver Cee Cee.

— Ali — disse ele, apontando. Sua voz estremeceu para todo canto.

— Obrigada.

E fui andando por um corredor comprido e bagunçado, passando por um monte de jornalistas diligentes que digitavam ansiosos suas matérias sobre a recente onda de roubo de sinos de vento nas varandas das pessoas, e o problema mais alarmante de estacionar diante do correio.

Cee Cee estava num cubículo nos fundos. Parecia ser o cubículo da máquina copiadora, porque era isso que ela estava fazendo: tirando cópias.

— Ah, meu Deus — disse ela quando me viu. — O que você está fazendo aqui?

Mas não falou isso de modo infeliz.

— Visitando os pobres — respondi, e me acomodei numa cadeira ao lado da máquina de fax.

— Dá para ver. — Cee Cee estava levando muito a sério seu papel de repórter. O cabelo comprido, branco e liso, estava num coque no topo da cabeça, preso com um lápis numero dois, e havia uma mancha de toner numa das bochechas rosadas. — Por que não está no hotel?

— Dia da saúde mental. Por causa do cadáver que acharam no nosso quintal dos fundos ontem.

Cee Cee largou uma resma de papéis.

— Ah, meu Deus! Eram vocês? Quero dizer, na seção policial mencionaram que os legistas foram às colinas, mas alguém disse que devia ser um cemitério indígena ou algo assim ...

— Ah, não. A não ser que os índios por aqui usassem esporas.

— Esporas? — Cee Cee pegou um bloco de notas que estava sobre a copiadora, depois tirou o lápis do coque na cabeça, fazendo o cabelo comprido cair sobre os ombros. Como é albina, Cee Cee mantém quase toda a pele protegida do sol o tempo inteiro, mesmo quando está

trabalhando num escritório. Hoje não era exceção. Apesar do calor lá fora, estava usando jeans e um suéter marrom com botões.

Por outro lado, o ar-condicionado dali precisava ficar no máximo. Era como uma geladeira.

— Desembuche — disse Cee Cee, empoleirada na beira da mesa que sustentava a máquina de fax.

Desembuchei. Desembuchei tudo. Tudo, desde as cartas que Dunga havia encontrado até minha ida ao escritório de Clive, e até sua morte prematura na véspera. Mencionei o livro do avô de Clive, Jesse e o papel histórico significativo que minha casa havia representado no assassinato dele. Contei sobre Maria, Diego e seus filhos imprestáveis, o fato de que o retrato de Jesse tinha desaparecido da sociedade histórica e minhas suspeitas de que o esqueleto encontrado no quintal dos fundos pertencia a ele.

Quando terminei, Cee Cee ergueu o olhar do bloco e disse:

— Nossa, Simon. Isso poderia ser o filme da semana.

— No canal Vida — concordei.

Cee Cee apontou para mim com o lápis.

— Tiffany Amber Thiessen poderia fazer o papel de Maria.

— E aí? Você vai publicar?

— Claro! Puxa, tem tudo: romance, assassinato, intriga e interesse local. É uma pena que quase todo mundo envolvido esteja morto há cem anos ou mais. Mesmo assim posso conseguir com o legista a informação de que seu esqueleto era de alguém do sexo masculino com vinte e poucos anos... Alguma idéia de como eles fizeram isso? Quero dizer, como o mataram?

Pensei em Dunga e sua pá.

— Bem, se atiraram na cabeça dele, duvido que o legista possa dizer, graças a técnica de escavação delicada de Brad.

Cee Cee me olhou.

— Quer meu suéter emprestado?

Surpresa, balancei a cabeça.

— Por que?

— Você está tremendo.

Estava, mas não por causa do frio.

— Tudo bem. Olha, Cee Cee, é realmente importante que você consiga que publiquem essa matéria. E tem de fazer isso logo. Tipo amanhã.

— Ah, eu sei — disse ela, sem erguer a cabeça de novo do bloco. — E acho que vai ficar ótima ao lado do obituário do dr. Clemmings, sabe. Já que era projeto em que ele estava trabalhando quando morreu. Esse tipo de coisa.

— Então, vai ser publicada amanhã? Você acha que será amanhã?
Cee Cee deu de ombros.

— Só vão querer publicar quando conseguirem o relatório do legista sobre o corpo. E isso pode levar semanas.

Semanas? Eu não tinha semanas. E, ainda que Cee Cee não soubesse, ela também não tinha semanas.

Agora eu estava tremendo incontrolavelmente. Porque havia percebido, claro, o que tinha acabado de fazer: posto Cee Cee no mesmo tipo de risco em que havia colocado Clive Clemmings. Clive estivera bem, até que Maria o escutou contando ao ditafone o que eu tinha dito sobre Jesse. Então, mais depressa do que você pode dizer Assombração, ele estava sofrendo de um ataque cardíaco induzido. Será que eu tinha acabado de condenar Cee Cee ao mesmo fim medonho? Ainda que eu duvidasse tremendamente de que Maria fosse invadir o escritório do Pinhão de Carmel do modo como fizera com a Sociedade Histórica de Carmel, havia uma chance de ela descobrir o que eu tinha feito.

A matéria precisava ser publicada imediatamente.

Quanto mais cedo as pessoas soubessem da verdade sobre Maria e Felix Diego, melhores as chances de eles não me matarem — ou de matarem as pessoas de quem eu gostava.

— Tem de ser publicada amanhã — falei. — Por favor, Cee Cee. Você não pode ligar para o legista e conseguir alguma declaração extra-oficial?

Então Cee Cee ergueu os olhos que estavam fixos no bloco. Ergueu os olhos e disse:

— Suze. Por que a pressa? Essas pessoas estão mortas, sei lá, há séculos. O que importa?

— Importa. — Meus dentes estavam começando a chacoalhar. — Realmente importa, certo, Cee Cee? Por favor, por favor, garanta que vai apressar. E prometa que não falará sobre isso. Quero dizer, sobre a

matéria. Fora da redação. É realmente importante que você guarde segredo.

Cee Cee passou a mão no meu ombro nu. Seus dedos estavam quentes e macios.

— Suze — disse ela me espiando com intensidade. — O que você fez com sua cabeça? De onde veio esse hematoma gigante embaixo da franja?

Empurrei meu cabelo, sem graça.

— Ah. Tropecei. Cai num buraco. O buraco onde acharam o corpo, não é engraçado?

Cee Cee não pareceu achar nem um pouco engraçado.

— Já pediu para um médico olhar isso? Porque está bem feio. Você pode ter tido uma concussão, ou algo assim.

— Estou bem — respondi me levantando. — Verdade. Não é nada. Olha, é melhor eu ir. Lembre-se do que eu disse, está bem? Sobre a matéria. É realmente importante não falar com ninguém. E conseguir que publiquem o mais cedo possível. Preciso que muita gente veja. Muita gente. Elas precisam ver a verdade. Você sabe. Sobre os Diego.

Cee Cee me encarou.

— Suze. Tem certeza de que você está bem? Quero dizer, desde quando você se importa com a oligarquia local?

Gaguejei enquanto recuava pelo cubículo.

— Bem, desde que conheci o dr. Clemmings, acho. Quero dizer, é uma verdadeira tragédia as pessoas não darem importância à sociedade histórica da comunidade, quando você sabe que, realmente, sem ela, o tecido da ...

— Você precisa ir para casa e tomar uma aspirina — interrompeu Cee Cee.

— Está certa — falei, pegando a bolsa que combinava com o vestido: cor-de-rosa com pequenas flores bordadas. Eu estava compensando exageradamente pelos dias que tivera de usar aquele short caqui. — Já vou indo. Vejo você depois.

E saí antes que minha cabeça explodisse na frente de todo mundo.

Mas no caminho de volta ao carro do padre Dominic percebi que o motivo para eu estar tremendo no cubículo da copiadora não era o ar-condicionado no máximo, o fato de Jesse ter ido embora ou mesmo o fato de que dois fantasmas homicidas tentavam me matar.

Não. Estava tremendo pelo que sabia que ia fazer. Quando cheguei ao carro, curvei-me e falei pela janela do carona:

— Ei.

O padre Dominic levou um susto e jogou alguma coisa pela janela do motorista.

Mas era tarde demais. Eu já tinha visto o que ele estivera fazendo. Além disso, podia sentir o cheiro.

— Ei — falei de novo. — Me dá um desses.

— Suzannah. — O padre Dominic estava sério. — Não seja ridícula. Fumar é um vício horrível. Acredite, você não quer se viciar. Como foram as coisas com a srta. Webb?

— Ah. Bem.

Tenho certeza de que é pecado mentir para um padre, mesmo uma mentirinha que certamente não pode lhe fazer mal. Mas o que eu deveria fazer? Eu o conheço. E sei que ele vai ficar completamente rígido com o negócio do exorcismo.

Portanto, o que mais poderia fazer?

— Ela quer que eu fique aqui e ajude a escrever. Quero dizer, a matéria.

As sobrancelhas brancas do padre Dominic se encontraram sobre a armação prateada dos óculos.

— Suzannah, nós temos muita coisa para fazer esta tarde ...

— É. Eu sei. Mas isso é muito importante. Que tal encontrar o senhor no seu escritório, na Missão, às cinco?

O padre hesitou. Dava para ver que ele achava que eu ia aprontar alguma coisa. Não pergunte como. Quero dizer, sou bem capaz de fazer o tipo angelical, quando decido.

— Cinco horas — disse ele por fim. — E nem um minuto mais tarde, Suzannah, estou dizendo agora mesmo: eu telefono para os seus pais e conto tudo.

— Cinco horas. Prometo.

Acenei enquanto o padre Dom se afastava, e então, só para o caso de ele estar olhando pelo retrovisor, fingi que voltava ao prédio do jornal.

Mas em vez disso passei pelos fundos e fui para o Pebble Beach Hotel and Golf Resort.

Tinha negócios inacabados lá.

Capítulo 13

Ele não estava na piscina.

Não estava comendo hambúrguer no Pool House. Não estava nas quadras de tênis, no estábulo, nem na loja de lembranças.

Por fim, decidi verificar o quarto, se bem que não fazia nenhum sentido ele estar lá. Principalmente num dia glorioso como este.

Mas quando a porta da suíte se abriu quando bati, foi exatamente lá que o encontrei. Segundo Caitlin me informou tensa, estava tirando um cochilo.

— Tirando um cochilo? — Encarei-a. — Caitlin, ele tem oito anos, e não oito meses.

— Ele disse que estava cansado — respondeu Caitlin, ríspida. — E o que você está fazendo aqui, afinal? Achei que estava doente.

— Eu estou doente — falei, passando por ela e entrando na suíte.

Caitlin me olhou desaprovando. Dava para ver que sentia ciúme do meu vestido justo e das delicadas sandálias cor-de-rosa, para não falar da bolsa. Quero dizer, comparada a ela, com sua camiseta pólo e short cáqui, eu parecia Gwyneth Paltrow. Só que com cabelo melhor, claro.

— Você não está parecendo muito doente.

— Ah, é? — Levantei a franja para ela ver a testa.

Caitlin inspirou fundo e fez aquela cara tipo “ah, deve ter doído”.

— Meu Deus. Como conseguiu isso?

Pensei em dizer que era algum tipo de acidente de trabalho, para poder arrancar uma grana dela, mas achei que não daria certo. Em vez disso falei que tinha tropeçado.

— Então o que está fazendo aqui? Quero dizer, se não veio para trabalhar.

— Bem. Aí é que está. Sabe, eu me senti culpada de deixá-la com o Jack, por isso pedi à mamãe para me trazer aqui depois de me levar ao médico. Posso ficar com ele pelo resto do dia, se você quiser.

Caitlin ficou em dúvida.

— Não sei. Você não está de uniforme ...

— Bom, eu não iria de uniforme ao consultório do médico — guinchei. Verdade, era incrível como aquelas mentiras elaboradas estavam

se derramando da minha língua. Eu mesma mal podia acreditar, e era eu que inventava. — puxa, qual é a sua? Mas olha, ele disse que eu estou bem, portanto, não há motivo para não substituir você. Só vamos ficar aqui na suíte, se você está tão nervosa com a hipótese de me verem sem uniforme. Sem problema.

Caitlin olhou de novo para a minha testa.

— Você não está dopada com analgésicos, está? Porque não quero você trabalhando de babá doidona.

Levantei os três primeiros dedos da mão direita, no símbolo internacional dos escoteiros.

— Pela minha honra. Não estou doidona.

Caitlin olhou para a porta fechada do quarto de Jack.

— Bem ... — disse hesitando.

— Ah, qual é! — falei — Eu estou precisando da grana. E você e Jake não tem um encontro esta noite?

O olhar dela veio tímido na minha direção.

— Bem — falou ruborizando.

Sério. Ela ruborizou.

— É — disse Caitlin. — Temos sim.

Meu Deus. Tinha sido uma suposição.

— Não quer sair um pouquinho mais cedo para ficar, você sabe, mais chique para ele?

Ela deu um risinho. Caitlin realmente deu um risinho.

Estou dizendo, meus meios-irmãos deveriam vir com etiquetas de alerta do governo: cuidado, perigoso quando misturado com estrogênio.

— Certo — disse ela, e começou a ir para a porta. — Mas meu chefe me mata se vir você sem uniforme, portanto, tem de ficar no quarto. Promete?

Eu tinha feito e quebrado tantas promessas nas últimas 24 horas que não achei que mais uma fosse fazer mal.

— Claro, Caitlin.

E então a acompanhei até a porta.

Assim que ela saiu, larguei a bolsa e fui ao quarto de Jack.

Não bati antes. Não há nada em um garoto de oito anos que eu já não tenha visto. Além do mais, ainda estava meio pê da vida com o moleque.

Alguém podia ter dito a Jack para tirar um cochilo, mas certamente ele não estava fazendo isso. Quando entrei no quarto ele jogou embaixo dos cobertores a coisa com a qual estava brincando e levantou a cabeça do travesseiro, com o rosto todo franzido, como se estivesse sonolento.

Então viu que era eu, jogou as cobertas para longe e revelou não apenas que estava totalmente vestido mas que estivera brincando com seu GameBoy.

— Suze! — gritou ao me ver. — Você voltou!

— É. — Estava escuro no quarto. Fui até a porta de vidro e puxei as cortinas pesadas, para a luz entrar. — Voltei.

— Achei que você estava com raiva de mim — disse Jack, pulando empolgado na cama.

— Eu estou com raiva de você — falei, girando para olhá-lo. Mas a visão daquele mar luminoso tinha ofuscado meus olhos, portanto, não podia enxergá-lo muito bem.

— O que foi? — Jack parou de pular. — Por que está com raiva de mim?

Olha, eu não ia pegar pesado com o garoto, certo? Só queria que todo mundo tivesse sido tão honesto assim comigo quando eu tinha a idade dele. É possível que eu não fosse tão rápida com os punhos se não tivesse essa raiva contida por terem me mentido tanto aos oito anos. Sim, Suze, claro que Papai Noel existe, mas não, fantasmas não existem. E então o golpe final: Não, essa injeção que eu vou lhe dar não vai doer nem um pouco.

— Sabe aquele fantasma que você exorcizou? — falei, encarando-o com as mãos nos quadris. — Era meu amigo. Meu melhor amigo.

Eu não ia dizer namorado, nem nada, porque isso não era verdade. Mas a dor que eu estava sentindo devia ser clara em minha voz, porque o lábio inferior de Jack começou a se projetar um pouquinho.

— O que você quer dizer? O que você quer dizer com isso, ele era seu namorado? Não foi isso que aquela dona falou. A dona falou ...

— Aquela dona é uma mentirosa. Aquela dona — falei indo rapidamente para a cama e levantando a franja do cabelo — fez isso comigo ontem à noite. Ou pelo menos o marido dela fez isso. O que ela fez foi tentar me esfaquear.

De pé na cama, Jack estava mais alto do que eu. Olhou para o hematoma na testa com uma espécie de horror.

— Ah, Suze — ofegou ele. — Ah, Suze.

— Você ferrou tudo — falei baixando a mão. — Não foi de propósito. Sei que Maria enganou você. Mas, mesmo assim, você ferrou, Jack.

Agora seu lábio inferior estava tremendo. Na verdade, todo o queixo. E os olhos tinham se enchido de lágrimas.

— Desculpe, Suze. — Sua voz tinha ficado uns três tons mais aguda do que o normal. — Suze, sinto muito!

Ele estava se esforçando um bocado para não chorar. Mas não tinha sucesso. Lágrimas escorriam dos olhos e rolavam pelas bochechas gorduchas ... a única parte dele que era gorducha, a não ser, talvez, seu cabelo de Albert Einstein.

E, mesmo não querendo, me peguei abraçando-o e dando-lhe tapinhas nas costas — enquanto ele soluçava no meu pescoço —, dizendo que tudo ia ficar bem.

Exatamente o que o padre Dominic tinha feito comigo, percebi com algo próximo do horror.

E, como ele, eu estava mentindo completamente. Porque tudo não ia ficar bem. Pelo menos não para mim. Nunca mais. A não ser que eu fizesse algo a respeito, e depressa.

— Olha — falei depois de alguns minutos deixando Jack uivar. — Pára de chorar. Temos trabalho a fazer.

Jack levantou a cabeça do meu ombro — que, por sinal, ele havia molhado completamente com ranho, lágrimas e coisas, já que meu vestido era sem mangas.

— O que ... o que você quer dizer? — Seus olhos estavam vermelhos e franzidos, de tanto chorar. Tive sorte porque ninguém entrou naquela hora. Definitivamente eu teria sido condenada por abuso contra criança ou algo assim.

— Vou tentar trazer Jesse de volta — expliquei, descendo Jack da cama. — E você vai me ajudar.

— Quem é Jesse?

Expliquei. Pelo menos tentei explicar. Disse que Jesse era o cara que ele tinha exorcizado, e que ele era meu amigo, e que exorcizar pessoas era errado, a não ser que elas tivessem feito algo muito, muito ruim, como tentar matá-lo, o que, explicou Jack, era o que Maria lhe contou que Jesse tinha tentado fazer comigo.

Então falei a Jack que os fantasmas são como as pessoas; alguns são legais, mas alguns são mentirosos. Garanti que, se tivesse conhecido Jesse, saberia no ato que ele não era assassino.

Maria de Silva, por outro lado...

— Mas ela pareceu tão legal — disse Jack. — Quero dizer, ela é tão bonita e tudo...

Homens. Estou falando sério. Mesmo aos oito anos. É patético.

— Jack. Você já ouviu a expressão “Não julgue um livro pela capa”?

Jack franziu o nariz.

— Não gosto muito de ler.

— Bem. — Nós tínhamos ido para a sala de estar, e agora peguei a bolsa e abri. — Você vai ter de ler um pouco, se quisermos trazer Jesse de volta. Vou precisar que você leia isso.

E entreguei um cartão onde tinha escrito algumas palavras. Jack franziu os olhos.

— O que é isso? Não é inglês.

— Não. — E comecei a tirar outras coisas da bolsa. — É português.

— O que é isso?

— Uma língua que falam em Portugal. E também no Brasil e alguns outros países.

— Ah. — Jack apontou para um pequeno pote Tupperware que eu havia tirado da bolsa. — O que é isso?

— Sangue de galinha.

Jack fez uma careta.

— Eca!

— Olha. Se vamos fazer esse exorcismo, vamos fazer direito. E para fazer direito, você precisa de sangue de galinha.

— Eu não usei sangue de galinha quando Maria esteve aqui.

— É. Bem, Maria faz as coisas do jeito dela, eu faço do meu. Agora vamos ao banheiro fazer isso. Tenho de pintar coisas no chão com o sangue de galinha, e duvido tremendamente que as arrumadeiras vão gostar se fizermos isso aqui no carpete.

Jack me acompanhou até o banheiro que interligava seu quarto ao do irmão. Na parte do meu cérebro que não estava concentrada no que estava fazendo, meio me perguntei onde Paul estaria. Era estranho ele não

ter ligado depois de ter me deixado em casa e visto todos os carros da polícia diante dela. Quero dizer, é de pensar que ficaria curioso, pelo menos, com o que teria sido aquilo.

Mas não tive nenhuma notícia dele.

Não que me importasse. Havia coisas muito mais importantes com que me preocupar. Mas mesmo assim era meio estranho.

— Pronto — falei quando tinha arrumado tudo. Demorou uma hora, mas quando terminamos estávamos com um exemplo bem decente de como deve ser um exorcismo, pelo menos ao estilo macumba brasileira. — Pelo menos segundo um livro que li uma vez sobre o assunto.

Com o sangue de galinha, que comprei numa loja para gourmets no centro da cidade, tinha feito uns símbolos especiais no meio do piso do banheiro, e em volta espalhei velas (votivas, as únicas que consegui achar de última hora, entre a redação do Pinha de Carmel e o hotel; tinham perfume de canela, de modo que o banheiro cheirava a Natal... bem, a não ser pela fragrância não tão festiva do sangue de galinha).

Apesar do amadorismo com que tinha sido feito, era de fato um portal viável para a outra vida — ou pelo menos seria, assim que Jack fizesse sua parte com o cartão. Eu havia repassado a pronúncia de cada palavra, e ele parecia ter aprendido bem. A única coisa que não conseguia engolir era o fato de que a pessoa que estávamos exorcizando era... bem, eu.

— Mas você está viva — ficava dizendo. — Se eu exorcizar seu espírito, você não vai ficar morta?

Na verdade, esse era um pensamento que não havia realmente me ocorrido. O que aconteceria com meu corpo quando o espírito o abandonasse? Eu estaria morta?

Não, isso era impossível! Meu coração e os pulmões não parariam de funcionar só porque minha alma tinha saído. Provavelmente eu só ficaria ali deitada, como alguém em coma.

Mas isso não era muito reconfortante para Jack.

— E se você não voltar? — perguntou ele.

— Eu vou voltar. Já disse. O único motivo pelo qual eu posso voltar é que tenho um corpo vivo. Só quero dar uma olhada por lá e ver se Jesse está bem. Se estiver, ótimo. Se não... bem, vou tentar trazê-lo de volta.

— Mas você disse que o único motivo pelo qual pode voltar é porque tem um corpo vivo. Jesse não tem. Então como ele pode voltar?

Esta, claro, era uma boa pergunta. Provavelmente por isso me deixou mal-humorada.

— Olha — falei enfim. — Ninguém nunca tentou isso antes, pelo que eu saiba. Talvez não seja preciso ter um corpo ao qual voltar. Não sei, certo? Mas não posso deixar de tentar só porque não sei a resposta. Onde a gente estaria se Cristóvão Colombo não tivesse tentado? Hein?

Jack ficou pensativo.

— Morando na Espanha?

— Muito engraçado. — Foi nesse ponto que peguei a última coisa dentro da bolsa e amarrei uma das pontas na minha cintura. Amarrei a outra ao pulso de Jack.

— Para que a corda? — perguntou ele, olhando-a.

— Para eu achar o caminho de volta até você.

Jack ficou confuso.

— Mas se só o seu espírito vai, de que adianta amarrar uma corda no seu corpo? Você disse que o seu corpo não ia a lugar nenhum.

— Jack — falei com os dentes trincados. — Só me puxe de volta se eu não voltar em meia hora, certo? — Achei que meia hora era o máximo que a alma de alguém poderia ficar separada do corpo. Na TV eu sempre assistia a programas sobre crianças que caíam na água gelada, afogavam-se e ficavam tecnicamente mortas durante até quarenta minutos, e no entanto se recuperavam sem qualquer dano cerebral. Por isso achei que meia hora era o máximo que eu teria.

— Mas como ...

— Ah, meu Deus — falei rispidamente. — Só faça, está certo?

Jack me olhou irritado. Ei, só porque nós dois somos mediadores não significa que tenhamos de nos dar bem o tempo todo.

— Certo. — Baixinho, ouvi-o murmurar: — Você não precisa ser tão má por causa disso.

Só que ele não disse “má”. Verdade: é chocante ouvir as palavras que as crianças usam hoje em dia.

— Certo — falei. Em seguida entrei no centro do círculo de velas e fiquei no meio dos símbolos desenhados com sangue de galinha. — Lá vai.

Jack olhou para o cartão. Depois olhou de novo para mim.

— Você não deveria se deitar? Quero dizer, se vai ser como um coma, não quero que você caia e se machuque.

Estava certo. Eu não queria que meu cabelo pegasse fogo nem nada.

Por outro lado, não queria sangue de galinha no vestido.

Quero dizer, ele era caro. Noventa e cinco dólares no Urban Outfitters.

Então pensei: “Suze, o que há de errado com você? É só um vestido. Você está fazendo isso pelo Jesse. Ele não vale mais de noventa e cinco dólares?”

Por isso comecei a me deitar.

Mas só tinha conseguido apoiar um dos joelhos no chão quando houve uma batida terrível na porta da suíte.

Admito. Entrei em pânico. Achei que era o corpo de bombeiros ou alguém respondendo a um alerta de fumaça dado por algum hóspede no banheiro adjacente ao de Jack.

— Depressa — sibilei. — Assopre todas as velas!

Enquanto Jack se apressava em obedecer, fui até a porta.

— Quem é? — falei em voz doce ao chegar.

— Suzannah — disse uma voz familiar demais. — Abra esta porta agora mesmo.

Capítulo 14

Se você me perguntar, acho que o padre D. exagerou na reação.

Quero dizer, em primeiro lugar eu estava com a situação sob controle.

E em segundo, não era como se eu tivesse sacrificado animais ou sei lá o quê. Puxa, a galinha já estava morta.

De modo que todo o alarde e ficar xingando a gente foi realmente desnecessário.

Não que ele tivesse xingado Jack. Não, a maioria dos xingamentos foi contra mim. Parece que eu estar disposta a me destruir é uma coisa. Mas obrigar um menino a ajudar na minha destruição? É simplesmente desprezível.

E quando observei que o garotinho é que havia criado a necessidade de eu me comportar de modo destrutivo? É, não foi um argumento muito bom.

Mas o que todo esse negócio fez foi ilustrar ao padre Dominic como eu estava falando sério com relação ao plano. Acho que ele finalmente percebeu que eu ia fazer o máximo para encontrar Jesse, com ou sem sua ajuda.

Por isso decidi que, nas circunstâncias, era melhor ajudar, nem que fosse para melhorar minhas chances e não me machucar nem machucar outras pessoas.

— E de jeito nenhum será uma operação escusa — disse ele, parecendo todo incomodado com isso enquanto abria as portas da basílica. — Nada desse negócio de macumba brasileira. Vamos fazer um exorcismo cristão decente, ou não vamos fazer nada.

Verdade, se você pensar bem, provavelmente eu tenho as conversas mais bizarras do planeta. Sério. Quero dizer, exorcismo cristão decente?

Mas não só minhas conversas são bizarras. As circunstâncias em que converso também são bem estranhas. Por exemplo, eu estava tendo essa conversa numa igreja escura e vazia. Escura porque passava da meia-noite, e vazia pelo mesmo motivo.

— E você terá a supervisão de um adulto — disse o padre Dominic enquanto me fazia entrar. — Simplesmente não posso imaginar como esperava que o menino pudesse fazer um procedimento tão complicado ...

Ele viera falando a tarde inteira nesse tom. Na verdade falou até que os pais de Jack — para não mencionar Paul — voltaram à suíte. O padre D., claro, não tinha conseguido me tirar imediatamente como queria, por causa do Jack.

Em vez disso Jack e eu fomos obrigados a limpar a sujeira que tínhamos feito — não é brincadeira limpar sangue de galinha entre os ladrilhos do banheiro usando esponja, vou lhe contar — e então tivemos de sentar e esperar o dr. e a sra. Slater voltarem da aula de tênis. Os pais de Jack ficaram meio surpresos ao encontrar nós três no sofá. Quero dizer, pense bem: uma babá, um garoto e um padre? Isso é que é se sentir doidona.

Mas o que eu podia fazer? O padre D. não sairia sem mim. Não confiava que eu não tentaria me exorcizar.

Por isso nós três ficamos ali sentados enquanto o padre D. fazia sermões sobre a bela arte da mediação. Falou por duas horas. Não estou brincando. Duas horas. Vou lhe contar, no fim, Jack provavelmente estava se arrependendo de ter me falado o negócio de “eu vejo gente morta”. Provavelmente estava pensando tipo: “Ah, é, sabe a gente morta? Brincadeirinha, pessoal. Eu estava brincando...”

Mas não sei, porque talvez fosse bom o moleque ficar sabendo o que se deve e o que não se deve fazer. Deus sabia que eu não fora muito lúcida com minha Introdução à Mediação. Quero dizer, se eu tivesse sido um pouco mais clara nos detalhes, talvez toda essa coisa com Jesse não ...

Mas tanto faz. A gente só consegue se censurar até certo ponto. Tinha toda a consciência de que a confusão era em parte minha culpa. Por isso estava tão decidida a consertar.

Ah. E a parte de eu estar apaixonada pelo cara? É, isso também tinha um pouquinho a ver.

De qualquer modo era isso que estávamos fazendo quando os pais de Jack entraram: ouvindo o padre D. arengar sobre responsabilidade e cortesia ao lidar com os defuntos. O padre Dominic parou quando o doutor e a sra. Slater, seguidos por Paul, entraram na suíte. Eles, por sua

vez, pararam de papear sobre os planos do jantar e ficaram ali parados, olhando.

Foi Paul quem se recuperou primeiro.

— Suze — disse ele, sorrindo. — Que surpresa! Achei que você não estava se sentindo bem.

— Melhorei — respondi ficando de pé. — dr. e sra. Slater, este é ... bem... o diretor da minha escola, o padre Dominic. Ele teve a gentileza de me dar uma carona para eu poder... é... visitar o Jack.

— Como vão? — O padre Dominic se levantou rapidamente. Como falei, o padre D. não é carente no departamento aparência. Tinha uma figura bem impressionante: todo o metro e noventa com topo nevado. Não parecia o tipo de sujeito que você acharia estranho encontrar em sua suíte de hotel com seu filho de oito anos e a babá. O que quer dizer muita coisa, você sabe.

Quando o doutor e a sra. Slater ficaram sabendo que o padre D. era ligado à Missão Junipero Serra, ficaram todos amigáveis e começaram a dizer como tinham feito o circuito turístico e como foi impressionante. Acho que não queriam que ele pensasse que eram do tipo de gente que ia a uma cidade com uma significativa fatia da história norte-americana e passavam o tempo todo jogando golfe e tomando coquetéis.

Enquanto os pais e o padre D. confraternizavam, Paul chegou perto de mim e sussurrou:

— O que você vai fazer esta noite?

Pensei em dizer a verdade: Ah, nada. Só exorcizar minha alma para poder percorrer o purgatório, procurando o fantasma do caubói morto que morava no meu quarto.

Mas isso, claro, poderia parecer petulante, ou como uma daquelas desculpas que as garotas inventam. Você sabe, tipo a velha dispensa do vou lavar meu cabelo. Por isso apenas falei:

— Tenho um compromisso.

— Que pena. Esperava que a gente pudesse ir até Big Sur e olhar o pôr-do-sol, depois comer alguma coisa.

— Desculpa — falei sorrindo. — Parece ótimo, mas, como disse, tenho um compromisso.

A maioria dos caras teria parado por aí, mas Paul, por algum motivo, não parou. Até estendeu a mão e casualmente passou o braço

pelos meus ombros... se é que se pode fazer isso casualmente. Mas, de algum modo, consegui. Talvez porque more em Seattle.

— Suze — disse ele, baixando tanto a voz que ninguém mais na sala podia ouvir, principalmente o irmãozinho, que claramente estava esticando o pescoço num esforço para escutar. — É sexta-feira. Nós vamos embora depois de amanhã. Talvez a gente nunca mais se veja. Anda. Dê uma chance, está bem?

Não tenho caras dando em cima de mim com tanta freqüência, pelo menos não gatos como Paul. Quero dizer, a maioria dos caras que gostaram de mim desde que me mudei para a Califórnia... bem, tinham sérios problemas de relacionamento, como o fato de que acabaram cumprindo longas penas por assassinato.

De modo que isso era bem novo para mim. Apesar de contra a vontade, me impressionei.

Mesmo assim, não sou idiota. Ainda que eu não estivesse apaixonada por outro, Paul Slater era de outra cidade. É fácil para os caras que vão embora dali a dois dias dar em cima das garotas. Quero dizer, nem vem! Eles não precisam se comprometer.

— Nossa — respondi. — Isso é uma maravilha. Mas sabe de uma coisa? Eu tenho realmente outros planos. — Saí de baixo de seu braço e interrompi totalmente a detalhada descrição do dr. Slater sobre o golfe do dia. — Pode me dar uma carona para casa, padre D.?

O padre Dominic disse que podia, claro, e fomos embora.

Notei Paul me olhando de cima a baixo enquanto nos despedíamos, mas achei que era porque estava com raiva por eu ter recusado o convite.

Não sabia que os motivos eram totalmente diferentes.

Pelo menos na hora não sabia. Se bem que, claro, deveria saber. Deveria mesmo.

De qualquer modo, o padre D. fez sermão por todo o caminho até em casa. Estava muito furioso, mais do que jamais tinha estado comigo, e já fiz coisas que o deixaram bem pê da vida. Perguntei como ele deduziu que eu estava no hotel, e não no jornal ajudando Cee Cee a escrever a matéria, como tinha dito, e ele respondeu que não foi difícil: bastou lembrar que Cee Cee só tirava nota dez, e certamente não precisaria da minha ajuda para escrever nada, e deu a volta no carro. Quando descobriu

que eu tinha saído havia dez minutos, tentou pensar onde iria em circunstâncias semelhantes, quando tinha a minha idade.

— O hotel era a opção óbvia — informou o padre Dominic enquanto parávamos diante de minha casa. Desta vez não havia ambulâncias, fiquei aliviada em notar. Só os pinheiros sombreados e o som baixo do rádio que Andy ouvia nos fundos, trabalhando no deque. Era uma tarde sonolenta de verão. Nem um pouco do tipo em que você pensaria ao ouvir a palavra exorcismo.

— Você não é exatamente imprevisível, Suzannah.

Posso ser previsível, mas isso aparentemente deu resultado, já que, logo antes de eu sair do carro, o padre D. falou:

— Vou voltar a meia-noite para levá-la à Missão.

Olhei-o, surpresa.

— À Missão?

— Se vamos fazer um exorcismo — disse tenso —, vamos fazer direito, numa casa do Senhor. Infelizmente o monsenhor, como você sabe, não gostaria de que uma propriedade da Igreja fosse usada desse modo. Portanto, mesmo não gostando de recorrer a um subterfúgio, vejo que você não será convencida a sair desse rumo, de modo que neste caso o subterfúgio será necessário. Quero garantir que não haverá chance de a irmã Ernestine ou mais alguém nos descobrir. Portanto, terá de ser à meia-noite.

E portanto era meia-noite.

Não consigo realmente dizer o que fiz no meio tempo.

Estava nervosa demais para fazer grande coisa. Jantamos comida para viagem. Não sei o que era. Mal provei. Éramos somente eu, mamãe e Andy, já que Soneca tinha um encontro com Caitlin e Dunga estava com sua última vagabunda.

A única coisa que sei com certeza é que Cee Cee ligou com a notícia de que a matéria sobre a conturbada família Silva/Diego seria publicada no jornal de domingo por causa das curiosidades e coisa e tal.

Segundo ela me informou, o legista tinha feito uma confirmação provisória do que eu havia contado: o esqueleto que acharam no quintal tinha entre 150 e 175 anos, e pertencia a alguém do sexo masculino, com idade entre vinte e vinte e cinco anos.

— A raça é difícil de determinar — continuou Cee Cee — devido ao dano no crânio causado pela pá de Brad. Mas eles têm certeza da causa da morte.

Grudei o fone no ouvido, consciente de que mamãe e Andy, à mesa de jantar, poderiam ouvir cada palavra.

— E? — perguntei, tentando manter o tom tranqüilo. Mas podia me sentir ficando com frio de novo, como acontecera naquela tarde, no cubículo da copiadora.

— Asfixia — disse Cee Cee. — Há um osso no pescoço, pelo qual dá para saber.

— Então ele foi...

— Estrangulado — confirmou Cee Cee, de modo casual. — Escute, o que você vai fazer esta noite? Quer vir aqui? Adam tem de fazer uma coisa para a família dele. A gente podia alugar um filme ...

— Não. Não, não posso. Obrigada, Cee Cee. Muito obrigada.

Desliguei o telefone.

Estrangulado. Jesse tinha morrido estrangulado. Por Felix Diego. Curioso, mas de algum modo sempre imaginei que ele tinha levado um tiro. Mas estrangulado fazia mais sentido: as pessoas ouviriam o tiro e iriam investigar. Então não haveria dúvida quanta ao que havia acontecido com Hector de Silva.

Mas estrangulamento? Isso era bem silencioso. Felix poderia facilmente ter estrangulado Jesse enquanto ele dormia, depois levado o corpo para o quintal e enterrado, junto com seus pertences. Ninguém saberia ...

Acho que devo ter ficado parada olhando o telefone durante um tempo, porque minha mãe falou:

— Suze? Você está bem, querida?

Dei um pulo.

— Estou, mãe. Claro. Estou ótima.

Mas não estava. E certamente não estou agora.

Só tinha ido umas duas vezes à Missão durante a noite, e o lugar ainda era tão assustador como antes... sombras compridas, recessos escuros, ruídos esquisitos enquanto nossos pés ecoavam pelo corredor entre os bancos. Havia uma estátua da Virgem Maria perto da porta, e Adam tinha me dito uma vez que, se você passasse por ela enquanto pensava alguma coisa impura, e estátua chorava sangue.

Bom, meus pensamentos enquanto entrava na basílica não eram exatamente impuros, mas ao passar pela Virgem Maria notei que ela parecia mais particularmente propensa a chorar sangue do que o normal. Ou talvez fosse apenas o escuro.

De qualquer modo, eu estava me sentindo esquisitíssima.

Acima da cabeça abria-se a enorme cúpula que dava para ver da janela do meu quarto, luzindo vermelha ao sol e azul ao luar, e diante de mim se erguia o nicho onde ficava o altar banhado de branco.

O padre Dom estivera ocupado, deu para ver quando entrei na igreja. Velas tinham sido postas num grande círculo diante da balaustrada do altar. Ainda murmurando baixinho sobre minha necessidade de supervisão adulta, o padre Dominic se inclinou e começou a acender os pavios.

— É aí o que o senhor ... quero dizer, nós, vamos fazer? — Perguntei.

O padre Dominic se empertigou e examinou o trabalho.

— É. — Então, não entendendo minha expressão, acrescentou secamente: — Não se engane com a ausência de sangue de galinha, Suzannah. Garanto que a cerimônia católica de exorcismo é altamente eficaz.

— Não — falei rapidamente. — É só que ...

Olhei para o chão no meio do círculo de velas. Parecia muito duro — muito mais do que o piso do banheiro no hotel. Lá era ladrilho. Aqui era mármore. Lembrando-me do que Jack tinha dito, falei:

— E se eu cair? Posso bater a cabeça de novo.

— Felizmente você estará deitada.

— Não posso ter um travesseiro ou algo assim? Quero dizer, puxa! Esse chão parece frio. — Olhei para a toalha do altar. — Que tal aquilo? Posso me deitar em cima?

O padre Dominic ficou bastante chocado para um cara que ia exorcizar uma garota que não estava possuída nem morta.

— Pelo amor de Deus, Suzannah. Seria sacrilégio.

Em vez disso foi pegar alguns mantos do coro para mim.

Fiz uma caminha no chão, entre as velas, e me deitei. Na verdade ficou bem confortável.

Uma pena meu coração estar batendo forte demais para eu ao menos conseguir cochilar.

— Certo, Suzannah — disse o padre D. Ele não se mostrava satisfeito comigo havia algum tempo. Mas estava cedendo ao inevitável.

Mesmo assim parecia achar necessário um último sermão.

— Estou disposto a ajudá-la com esse seu plano ridículo, mas só porque sei que, se não fizer isso, você tentara fazer sozinha ou, que Deus não permita, com a ajuda daquele menino. — O padre D. estava me olhando muito sério. — Mas nem por um minuto pense que aprovo.

Abri a boca para argumentar, mas ele ergueu uma das mãos.

— Não. Deixe-me terminar, por favor. O que Maria de Silva fez foi errado. Mas não consigo ver nada disso terminando bem. Segundo minha experiência, Suzannah, e espero que você concorde que minha experiência é significativamente maior que a sua, assim que os espíritos são exorcizados, permanecem exorcizados.

Abri a boca de novo, e de novo o padre D. me calou:

— O lugar aonde você vai — prosseguiu ele — será como uma área de espera para os espíritos que passaram do plano astral, mas ainda não chegaram ao destino definitivo. Se Jesse ainda estiver lá e você conseguir encontrá-lo (e você entende que eu considero esse um “se” muito grande, porque não creio que vá conseguir), não fique surpresa se ele escolher continuar onde está.

— Padre D. — comecei, apoiando-me nos cotovelos, mas ele balançou a cabeça.

— Pode ser a única chance dele para ir em frente, Suzannah.

— Não. Não é verdade. Veja bem, há um motivo para ele ter ficado na minha casa durante tanto tempo. Ele só precisa descobrir qual é, e poderá ir em frente por conta própria e ...

— Suzannah — interrompeu o padre Dominic. — Tenho certeza de que não é tão simples ...

— Ele tem o direito de decidir sozinho — insisti com os dentes trincados.

— Concordo. É isso que estou tentando dizer, Suzannah. Se você encontrá-lo, deve deixar que ele decida. E não deve ... bem, não deve tentar usar qualquer tipo de... é...

Só pisquei para ele.

— Padre D., o que o senhor está falando?

— Bem, é só que ... — O padre Dominic pareceu mais sem graça do que eu jamais tinha visto. Eu não fazia a mínima idéia do que havia de errado com o sujeito. — Vejo que você trocou de ...

Olhei para mim mesma. Tinha trocado de roupa, substituí o vestido cor-de-rosa por um preto, com pequenos botões de rosa bordados. Combinei com uns sapatinhos Prada totalmente lindos. Tinha demorado um tempo enorme para escolher o conjunto. Quero dizer, o que a gente usa num exorcismo? Não precisava nem um pouco do padre D. detonando minha vestimenta.

— O que é? — perguntei na defensiva. — O que há de errado com ela? É fúnebre demais? É fúnebre demais, não é? Eu sabia que preto estava errado para a ocasião.

— Não há nada errado com ela — disse o padre Dominic. — É simplesmente que ... Suzannah, você não deve tentar usar seus artifícios sexuais para influenciar a decisão de Jesse.

Meu queixo caiu. Certo. Agora eu estava furiosa.

— Padre Dominic! — sentei-me e gritei. Mas depois fiquei totalmente sem fala. Não podia pensar em nada para dizer além de: — Fala sério!

— Suzannah — insistiu o padre Dominic severamente. — Não finja que não sabe o que eu quis dizer. Sei que você gosta de Jesse. Só estou pedindo que não use seus — ele pigarreou — encantos femininos para manipular ...

— Como se eu pudesse — resmunguei.

— Sim. — o tom do padre era firme. — Pode. Só estou pedindo que não faça. Pelo bem de vocês dois. Não faça.

— Ótimo. Não vou fazer. Não estava planejando isso.

— Fico feliz em ouvir. — o padre Dominic abriu um pequeno livro encadernado em couro e começou a folhear. — Começemos, então?

— Acho que sim. — Ainda resmungando, deitei-me. Não podia acreditar que o padre D. tinha acabado de sugerir aquilo: que eu usaria meu sex appeal para atrair Jesse de volta. Há! O padre D. estava deixando de ver duas coisas simples: uma que eu não sei se tenho sex appeal, e duas, que, se tenho, Jesse obviamente nunca notou.

Mesmo assim o padre Dominic tinha se sentido obrigado a dizer algo a respeito, o que deve significar que notou alguma coisa. Devia ser o vestido. Nada mau por 95 dólares e 95 centavos.

Enquanto estava ali deitada, um riso lento se esgueirou por meu rosto. O padre D. tinha usado a palavra sexual. Falando de mim!

Excelente.

O padre D. começou a ler seu livrinho. Enquanto lia, balançava a bola de metal de onde saía fumaça. A fumaça era do incenso que queimava dentro da bola de metal. Vou lhe contar: fedia.

Não dava para entender o que o padre D. estava dizendo, já que era em latim. Mas parecia legal. Fiquei ali deitada, no meu vestido pretinho básico, imaginando se deveria ter posto uma calça comprida. Quero dizer, quem sabe o que eu encontraria lá? E se tivesse de subir em alguma coisa? As pessoas veriam minha calcinha.

É de pensar que eu estaria tendo pensamentos mais profundos, mas lamento muito informar que a coisa mais profunda que pensei enquanto o padre Dominic exorcizava minha alma era que, quando tudo isso acabasse, com Jesse em casa e Maria e Felix trancados de volta na cripta que era o lugar deles, eu ia me encharcar durante um tempo enorme naquela mini-piscina quente que Andy estava instalando, porque, vou lhe contar, eu estava um caco.

E então uma coisa começou a acontecer acima da minha cabeça. Uma parte da cúpula desapareceu e foi substituída por um monte de fumaça. Então percebi que era a fumaça do incenso que o padre D. estava balançando. Ela se enrolava como um tornado acima da minha cabeça.

Em seguida, no centro do tornado, vi o céu noturno.

Como se a cúpula no topo da basílica não estivesse mais lá. Dava para ver estrelas piscando frias. Não reconheci nenhuma constelação, apesar de Jesse ter tentado me ensinar, antes. Lá no Brooklyn não era possível ver as estrelas tão bem por causa das luzes da cidade. De modo que, além da Ursa Maior, que sempre dá para ver, não sei o nome de nenhuma constelação.

Não importava. O que eu estava vendo não era o céu.

Pelo menos não o céu da Terra. Era outra coisa. Outro lugar.

— Suzannah — disse o padre Dominic gentilmente. Levei um susto e olhei para ele. Percebi que tinha ficado meio adormecida, olhando aquele céu.

— O que é?

— Está na hora.

Capítulo 15

“O padre Dominic está esquisito”, pensei. “Por que ele está tão esquisito?”

Percebi quando me sentei. Isso porque apenas parte de mim se sentou. O resto ficou onde estava, deitado nas mantas do coro, de olhos fechados.

Você sabe, em Sabrina, a feiticeira, quando ela se divide em duas pessoas, de modo que uma pode ir a uma festa com Harvey e a outra pode ir a convenção das bruxas com sua tia? Foi o que me aconteceu. Agora eu era duas pessoas.

Só que apenas uma delas estava consciente. A outra metade só ficou ali deitada, de olhos fechados. E sabe de uma coisa? Aquele hematoma na testa era realmente nojento. Não era de espantar que todo mundo que a visse recuasse horrorizado.

— Suzannah — disse o padre Dominic. — Você está bem?

Afastei o olhar de meu eu inconsciente.

— Ótima. — Olhei para o meu eu espiritual, que parecia exatamente idêntico à pessoa embaixo de mim, a não ser que luzia um pouco. Um excelente acessório de moda, por sinal, se você conseguir usar. Você sabe, aquele brilho espectral no corpo inteiro pode fazer coisas maravilhosas à pele de uma garota.

Além de outra coisa. Sabe o hematoma na testa? É, não doía mais.

— Você não tem muito tempo — disse o padre Dominic. — Só meia hora.

Pisquei para ele.

— Como é que eu vou saber que a meia hora acabou? Não tenho relógio. — Não uso relógio porque, de algum modo, eles sempre acabam sendo esmagados por algum espírito recalcitrante. Além disso, quem quer saber que horas são? A resposta é quase sempre frustrante.

— Use o meu — disse o padre Dom. Em seguida pegou seu enorme relógio de homem, com pulseira de mão, e me deu.

Era o primeiro objeto que eu pegava em meu novo estado fantasmagórico. Parecia absurdamente pesado. Mesmo assim consegui

prender no pulso, onde ficou balançando frouxo, como um bracelete. Ou uma algema de prisão.

— Certo — falei, olhando para aquele buraco acima de mim.

— Vamos lá.

Eu precisava subir, claro. Não me pergunte por que havia pensado nisso. Quero dizer, tinha de estender a mão e segurar as bordas daquele buraco no tempo e no espaço e me puxar para cima. E com um vestidinho justo, imagina só.

Tudo bem. Estava na metade do caminho quando escutei uma voz familiar guinchando meu nome.

O padre Dominic girou. Inclinei-me do buraco — através do qual só podia enxergar névoa, uma névoa cinzenta que umedecia meu rosto — e vi Jack, imagina só, correndo pela igreja em nossa direção, o rosto branco de medo e com alguma coisa se arrastando atrás.

O padre Dominic estendeu a mão e o agarrou logo antes de ele se jogar sobre minha forma inconsciente. Obviamente não viu minhas pernas balançando do enorme rasgo no teto da igreja.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou o padre Dominic, com o rosto quase tão branco quanto o do garoto. — Faz idéia de que horas são? Seus pais sabem que você está aqui? Eles devem estar morrendo de preocupação...

— Eles... eles estão dormindo — ofegou Jack. — Por favor, Suze esqueceu... ela esqueceu a corda. — Jack estendeu o comprido objeto branco que se arrastava atrás dele enquanto corria entre os bancos. Era minha corda, da primeira tentativa de me exorcizar. — Como ela vai encontrar o caminho de volta sem a corda?

O padre Dominic pegou a corda com Jack, sem agradecer.

— Foi muito errado vir aqui, Jack — falou desaprovando. — O que você pensou? Eu lhe disse que ia ser muito perigoso.

— Mas... — Jack continuou olhando para minha metade inconsciente. — A corda. Ela esqueceu a corda.

— Aqui — gritei do meu buraco celestial. — Joga aqui.

Jack me olhou, e a ansiedade abandonou seu rosto.

— Suze! — gritou deliciado. — Você é um fantasma!

— Shh! — O padre Dominic pareceu sentir dor. — Olhe, rapazinho, você deve falar baixo.

— Oi, Jack — respondi do meu buraco. — Obrigado por trazer a corda. Mas como chegou aqui?

— No ônibus do hotel — disse Jack com orgulho. — Me escondi dentro. Ele vinha pegar um bocado de gente bêbada. Quando parou perto da Missão, eu saí.

Eu não poderia ter sentido mais orgulho se ele dissesse que era meu filho.

— Bem pensado — falei.

— Esta é a última coisa de que precisamos agora — gemeu o padre Dominic. — Aqui, Suzannah, pegue a corda e, pelo amor de Deus, vá depressa.

Inclinei-me para baixo e peguei a ponta da corda, depois amarrei firme na cintura.

— Certo. Se eu não voltar em meia hora, comecem a puxar.

— Vinte e cinco minutos — corrigiu o padre Dominic. — Nós perdemos tempo, graças a interrupção deste jovem. Agora vá, Suzannah.

— Certo. Tudo bem. Já volto.

E então puxei as pernas para dentro do buraco. Quando olhei para baixo, pude ver o padre Dominic e Jack ali parados, me espiando. E também podia me ver, dormindo como Branca de Neve, num círculo de velas com as chamas dançando. Mas duvido de que Branca de Neve usasse Prada.

Levantei-me e olhei ao redor. Nadinha.

Sério. Não havia nada ali. Só aquele céu preto, através do qual algumas estrelas queimavam frias. E a névoa. Densa, sempre em movimento, fria. “Eu deveria ter posto um suéter”, pensei com um tremor. A névoa parecia tornar pesado o ar que eu sugava para os pulmões. E também parecia servir como abafador. Não dava para ouvir nenhum som, nem mesmo meus passos.

Ah, bem. Vinte e cinco minutos não era muito tempo.

Enchi o peito com o ar úmido e gritei:

— Jesse!

Foi um gesto altamente eficaz. Não que Jesse tenha aparecido. Ah, não. Mas um cara mais velho.

Vestido de gladiador, nada mais nada menos.

Não estou brincando. Parecia o cara do cartão American Express da minha mãe (que freqüentemente eu pego emprestado — com permissão

dela, claro). Você sabe, com a vassoura se projetando do elmo, a minissaia de couro, a espada enorme. Não dava para ver os pés por causa da névoa, mas presumi que, se pudesse, ele estaria usando sandálias amarradas (que ficam péssimas em gente com joelhos gordos).

— Você não é daqui — disse ele em voz profunda e objetiva. Veja bem. Eu sabia que o vestidinho preto era um erro.

Mas quem iria imaginar que o purgatório tinha código de vestimenta?

— Sei disso — falei, dando meu melhor sorriso.

Talvez o padre D. estivesse certo. Talvez eu tenha mesmo uma tendência para usar minha sexualidade com o intuito de conseguir o que quero. Certamente eu estava dando uma de mulherzinha para o sujeito tipo Russell Crowe que estava diante de mim.

— O negócio — falei segurando a corda — é que estou procurando um amigo. Talvez você o conheça. Jesse de Silva. Ele veio para cá ontem à noite, acho. Tem uns vinte anos, um metro e oitenta e poucos, cabelo preto, olhos escuros...

Músculos abdominais de matar?

Russel Crowe não devia estar escutando direito, porque só falou de novo:

— Você não é daqui.

Certo, o vestidinho preto tinha sido definitivamente um erro. Porque, como é que eu ia chutar esse cara fora do caminho sem rasgar a saia?

— Olha, moço — falei, indo até ele e tentando não notar que seus peitorais eram tão pronunciados a ponto de tornar seus peitos maiores do que os meus. Muito maiores. — Eu já disse, estou procurando alguém. Agora: ou você me diz se o viu ou saia da minha frente, certo? Eu sou mediadora, entendeu? Tenho tanto direito de estar aqui quanto você.

Claro que eu não sabia se isso era verdade, mas ora, eu sou mediadora a vida inteira, e não ganhei xongas por isso. Para mim, alguém me devia, e muito.

O gladiador pareceu concordar. E falou num tom totalmente diferente:

— Mediadora? — E me olhou como se eu fosse um macaco que de repente tivesse começado a recitar o juramento a bandeira.

Mesmo assim devo ter feito alguma coisa certa, porque ele disse lentamente:

— Sei de quem você fala.

Então pareceu tomar uma decisão. Ficando de lado, disse em voz autoritária:

— Vá agora. Não abra nenhuma porta. Ele virá.

Encarei-o. Uau.

— Você está... está falando sério?

Pela primeira vez o sujeito demonstrou alguma personalidade.

— Pareço estar brincando?

— Ah... não.

— Porque eu sou o porteiro. Não brinco. Vá agora. — E apontou.
— Você não tem muito tempo.

À distância, na direção em que ele estava apontando, vi alguma coisa. Não sei o que era, mas não era névoa. Senti vontade de abraçar meu amigo gladiador, mas me contive. Ele não parecia do tipo que aprova demonstrações de afeto.

— Obrigada. Muito obrigada.

— Depressa — respondeu o porteiro. — E lembre-se, independentemente de qualquer coisa, não vá para a luz.

Eu tinha dado uma puxada na corda, para o padre D. afrouxá-la. Agora simplesmente fiquei ali parada, segurando-a, olhando o gladiador.

— Não vá para a luz? — ecoei. — Você não está falando sério.

Juro que ele ficou indignado.

— Já lhe disse, eu não brinco. Por que acha que eu diria algo que não fosse a sério?

Queria dizer que o negócio de “não vá para a luz” estava meio batido. Quero dizer, Poltergeist um, dois e três tinham deixado essa fala bem explícita.

Mas quem sabia? Talvez o cara que escreveu aqueles filmes fosse mediador. Talvez ele e o porteiro fossem colegas, ou sei lá o que.

— Certo — falei passando por ele. — Saquei. Não ir para a luz.

— Nem abra nenhuma porta — lembrou o porteiro.

— Nenhuma porta — respondi apontando para ele e piscando. — Falou e disse.

Então me virei e a névoa sumiu.

Bem, não sumiu totalmente. Quero dizer, ela ainda estava ali, lambendo meus calcanhares. Mas a maior parte havia desaparecido, de modo que eu podia ver que estava num corredor repleto de portas. Não havia teto, só aquelas estrelas piscando frias e o céu totalmente preto. Mesmo assim, o longo corredor de portas fechadas parecia se estender para sempre, diante de mim.

E eu não deveria abrir nenhuma daquelas portas. Nem ir para a luz.

Bem, a segunda parte era fácil. Não vi nenhuma luz para onde ir. Mas por que eu não deveria abrir uma daquelas portas? Quero dizer, verdade. O que acontecia atrás delas? O que eu encontraria se abrisse uma, só uma fresta, e espiasse para dentro? Outro universo? O planeta Vulcano? Talvez um mundo onde Suze Simon era uma garota normal, e não uma mediadora? Talvez um mundo onde Suze Simon era rainha da festa de boas-vindas e a pessoa mais popular de toda a escola, e Jesse não era um fantasma e podia levá-la as festas, tinha seu próprio carro e não morava no quarto dela?

Então parei, imaginando o que haveria atrás de todas aquelas portas. Isso porque, vindo pelo corredor, na minha direção — como se tivesse acabado de se materializar ali, a partir do nada —, estava Jesse.

Pareceu bastante surpreso ao me ver. Não sei se era o fato de eu estar ali parada no que, imagino, era a sala de espera do céu, ou se era o belo pedaço de corda amarrado na minha cintura que, tenho de admitir, não combinava nada com o restante da roupa.

O que quer que fosse, ele ficou bem chocado.

— Ah — falei, levantando a mão para garantir que a franja cobrisse o hematoma feio. — Oi.

Jesse se imobilizou e só ficou me encarando. Era como se não pudesse acreditar no que via. Não estava diferente da última vez em que o vi. Quero dizer, na última vez em que vi seu fantasma. A última vez em que eu o vi, claro, foi um vislumbre de seu cadáver podre, e, claro, isso me fez pôr para fora o jantar.

Mas este Jesse era muito mais fácil de olhar.

Mesmo assim, se eu esperava algum tipo de encontro alegre — um abraço ou, que Deus não permita, um beijo—, ia me desapontar. Ele só ficou ali parado, me olhando como se houvesse brotado uma cabeça a mais no meu pescoço desde que nos vimos pela última vez.

— Suzannah — ofegou ele. — O que está fazendo aqui? Você está... você não está...

Captei o sentido imediatamente e falei com um riso nervoso:

— Morta? Eu? Não, não, não. Eu só, é... vim aqui porque queria... é... você sabe, ver se você estava bem...

Certo, será que dava para ser mais patética? Puxa, sério.

Eu tinha visualizado esse momento mil vezes desde que havia decidido que ia procurá-lo, e em todas as minhas fantasias nenhuma explicação era necessária. Jesse simplesmente me abraçava e começava a me beijar. Na boca.

Mas isso... Isso era incômodo de montão. Gostaria de ter preparado um discurso.

— É ... — falei. O que eu realmente queria era parar de dizer é. — Veja bem, o negócio é que eu precisava me certificar de que você estava aqui porque queria. Porque, se não quiser, bem, o padre Dom e eu achamos que talvez seria possível você voltar. Para... é... terminar o que, você sabe, estava segurando você lá embaixo. Quero dizer, no meu mundo. No nosso mundo — me corriji depressa, lembrando-me do alerta do padre Dominic. — Quero dizer, no nosso mundo.

Jesse continuou só me encarando.

— Suzannah. — A voz dele estava estranha. Deduzi o motivo um segundo depois, quando ele perguntou: — Não foi você que me mandou para cá?

Encarei-o boquiaberta.

— O quê? O que você está falando?

Agora eu sabia o que havia de tão estranho em sua voz.

Estava cheia de mágoa.

— Você não me exorcizou? — perguntou ele.

— Eu? — Minha voz disparou subindo umas dez oitavas. — Eu? Jesse, claro que não. Eu jamais faria isso. Quero dizer, você sabe que eu nunca faria algo assim. Aquele garoto, o Jack, é que fez. Sua namorada Maria mandou que ele fizesse. Ela estava tentando se livrar de você. Disse ao Jack que você estava me incomodando, e ele não sabia de nada, por isso exorcizou você, e então Felix Diego me jogou do telhado da varanda, e, Jesse, eles acharam o seu corpo, quero dizer, os seus ossos, e eu vi e vomitei na lateral da casa, e o Spike está sentindo muita falta sua e eu fiquei

pensando, sabe, que se você quisesse voltar, poderia, porque é por isso que eu tenho esta corda, para a gente achar o caminho de volta.

Eu estava falando sem parar. Tenho tendência de fazer isso até mesmo quando não estou no purgatório. Mas não pude evitar. A coisa toda meio se derramava de mim. Bem, não toda. Quero dizer, de jeito nenhum eu iria dizer por que queria que ele voltasse. Não ia falar a palavra que começa com “a”, nem nada. E também não era por causa do aviso do padre D.

— Isto é — continuei —, se você quiser voltar. Dá para ver por que você gostaria de ficar aqui. Quero dizer, depois de 150 anos e coisa e tal, provavelmente é um alívio. Imagino que vão transportar você logo, e você terá uma vida nova, ou vai para o céu, ou sei lá o que. Mas fiquei pensando, sabe, que não foi justo Maria ter feito o que fez com você. Duas vezes. E que se você quiser voltar e deduzir o que estava fazendo lá embaixo na Terra durante tanto tempo, bem, eu daria uma mão, se pudesse.

Olhei o relógio do padre D. Era mais fácil do que olhar o rosto de Jesse e ver que ele ainda tinha aquela expressão inescrutável, como se não pudesse acreditar no que via. E ouvia.

— A única coisa — falei — é que só posso ficar fora do corpo por meia hora antes de me separar definitivamente, e nós só temos quinze minutos. De modo que você precisa decidir depressa. O que vai ser?

“Será que isso foi suficientemente não-feminino para o padre Dom?”, pensei. Não estava nem um pouco forçando a barra. Ninguém poderia me acusar nem mesmo de sorrir. Eu era a própria imagem da mediadora profissional.

Só não sabia por quanto tempo conseguiria manter o tom profissional. Especialmente quando Jesse estendeu uma das mãos e a pousou no meu braço.

— Suzannah — disse ele, e sua voz não estava nem um pouco cheia de mágoa, mas sim de uma coisa que, se eu não me enganei, parecia muito com raiva. — Você está dizendo que morreu por mim?

— É... — falei, imaginando se contaria com o uso dos meus ardis femininos caso ele é que me tocasse. — Bem, não tecnicamente. Ainda. Mas se demormos aqui por muito mais tempo...

A mão no meu braço se apertou.

— Vamos — disse ele.

Não sei se Jesse realmente entendeu a situação.

— Jesse. Eu posso achar o caminho de volta, certo? Eu sou assim com o porteiro. — E levantei os dedos cruzados. — Se você quer ir comigo porque quer voltar, tudo bem, mas se só quer me levar de volta ao buraco, acredite: posso chegar lá sozinha.

Jesse apenas falou:

— Suzannah, cale a boca.

E então, ainda com uma das mãos no meu braço, segurou a corda e começou a segui-la de volta na direção de onde eu tinha vindo.

Ah, pensei enquanto ele me empurrava. “Certo. Fantástico. Agora está com raiva de mim. Eu arrisco a vida — porque, vamos encarar os fatos, era isso que estava fazendo — e ele fica com raiva de mim por causa disso.” Eu deveria ter pensado. Quer dizer, arriscar a vida por um cara é praticamente como usar a palavra que começa com “a”. Pior até. Como é que eu ia sair dessa?

— Jesse, não fique lisonjeado porque fiz isso por você. Quero dizer, ter você como colega de quarto tem sido um tremendo pé no saco. Acha que eu gosto de ter de chegar da escola ou do trabalho e ter de explicar coisas como a baía dos Porcos? Acredite, a vida com você não é um piquenique.

Ele não disse nada. Só continuou me puxando.

— Ou o negócio do Tad? — falei, puxando um assunto que eu sabia que era incômodo. — Quero dizer, você acha que eu gosto de arrastá-lo para os meus encontros? Ter você fora da minha vida vai tornar as coisas muito mais simples, portanto, não pense, você sabe, que fiz isso por você. Só fiz porque aquele seu gato estúpido anda chorando feito maluco. E também porque qualquer coisa que eu possa fazer para enlouquecer sua namorada idiota, vou fazer.

— Nombre de Dios, Suzannah — murmurou Jesse. — Maria não é minha namorada.

— Bem, certamente já foi. E que negócio é esse, afinal? Aquela garota é uma tremenda vagabunda, Jesse. Não acredito que você tenha concordado em se casar com ela. Quero dizer, o que você estava pensando? Não dava para ver como ela era por baixo de toda aquela renda?

— Na época as coisas eram diferentes, Suzannah — disse Jesse com os dentes trincados.

— Ah, é? Tão diferentes que você não podia dizer que a garota com quem você ia se casar era uma grandessíssima...

— Eu mal a conhecia — respondeu Jesse fazendo-me parar e me encarando furioso. — Certo?

— Bela tentativa. Vocês eram primos. Outra coisa que, se você realmente quer saber, me deixa enojada...

— Sim, éramos primos — interrompeu Jesse, sacudindo meu braço. — Mas, como falei antes, na época as coisas eram diferentes, Suzannah. Se tivéssemos mais tempo eu lhe diria ...

— Ah, não, nem vem com essa. Nós ainda temos... — olhei o relógio do padre D. — ...doze minutos. Diga agora.

— Suzannah...

— Fale agora, Jesse, ou juro que não vou me mexer.

Ele gemeu de frustração e disse o que eu acho que devia ser uma palavra muito feia, só que não tive certeza, porque foi em espanhol. Na escola não ensinam palavrões em espanhol.

— Ótimo — respondeu ele, largando meu braço. — Quer saber? Quer saber como era na época? Era diferente, certo? A Califórnia era diferente. Completamente diferente. Não havia esta mistura dos sexos. Garotos e garotas não brincavam juntos, não se sentavam lado a lado na sala de aula. Eu só ficava na mesma sala com Maria durante as refeições, ou algumas vezes em bailes. E ficávamos rodeados de pessoas. Duvido que eu tenha ao menos ouvido Maria falar mais do que algumas palavras...

— Bem, evidentemente eram palavras bem impressionantes, porque você concordou em se casar com ela.

Jesse passou a mão pelo cabelo e exclamou outra vez em espanhol.

— Claro que concordei em me casar com ela. Meu pai queria, o pai dela queria. Como eu poderia dizer não? Não queria dizer não. Não sabia o que ela era, pelo menos na época. Só mais tarde, quando recebi as cartas, percebi...

— Que ela não sabe escrever?

Ele me ignorou.

— ...que nós dois não tínhamos nada em comum, e jamais teríamos. Mas mesmo assim não teria desgraçado minha família rompendo o compromisso com ela. Não por isso.

— Mas quando ouviu dizer que ela não era pura como a neve? — Cruzei os braços diante do peito e encarei furiosa aquele produto machista

do século XIX. — Foi então que você decidiu que ela não servia para ser esposa?

— Quando ouvi boatos sobre Maria e Felix Diego fiquei infeliz — disse ele, impaciente. — Eu conhecia Diego. Ele não era um bom homem. Era cruel e... Bem, sempre procurava meios de ganhar dinheiro. E Maria tinha muito dinheiro. Dá para adivinhar por que ele queria se casar com ela. Por isso, quando descobri, decidi que seria melhor terminar, sim ...

— Mas Diego foi conhecer você primeiro — falei com a voz embargada.

— Suzannah. — Ele me encarou. — Eu tive um século e meio para me acostumar com a morte. Não me importa mais quem me matou, ou por quê. O importante agora é garantir que você não termine do mesmo modo. Agora vai se mexer ou terei de carregá-la?

— Certo — respondi permitindo que ele me puxasse de novo. — Mas só quero deixar uma coisa clara. Eu não fiz tudo isso... você sabe, ser exorcizada, vir aqui e coisa e tal, porque estou apaixonada por você nem nada disso.

— Eu não iria me sentir lisonjeado como você diz — respondeu ele, sério.

— Isso mesmo. — Imaginei se ainda estava sendo suficientemente não-feminina. Na verdade, estava começando a me achar um pouco não-feminina demais. Até mesmo hostil. — Porque não estou. Vim pelo gato. O gato sente muita falta de você.

— Você não deveria ter vindo por nada — respondeu Jesse baixinho. Mesmo assim ouvi. Não era como se houvesse mais um monte de ruídos aqui em cima. Vi que tínhamos saído do corredor, que havia desaparecido no minuto em que demos as costas para ele, e estávamos de volta na névoa, seguindo a corda que, felizmente, Jack havia se lembrado de trazer. — Não acredito que o padre Dominic permitiu isso.

— Ei, deixe o padre D. fora disso. É tudo nossa culpa, você sabe. Nada disso teria acontecido se você simplesmente fosse honesto e se aberto comigo desde o início, sobre como morreu. Então eu poderia pelo menos ter dito ao Andy para cavar em outro lugar. E estaria preparada para enfrentar Maria e seu marido imprestável. Não sei por que ficaram tão abalados com a idéia de as pessoas descobrirem que eles são dois assassinos, mas estão muito decididos a manter como um mistério o que aconteceu com você ...

— Isso é porque, para eles, não se passou tempo algum desde a morte. Eles estavam descansando até que se tornou evidente que meu corpo seria encontrado, o que inevitavelmente abriria especulações sobre a causa de meu desaparecimento. Eles não entendem que se passou mais de um século. Estão tentando preservar seu lugar na comunidade, como os cidadãos importantes que já foram.

— Nem diga! — falei, passando a mão no machucado. — Os dois acham que ainda é 1850 e têm medo de os vizinhos descobrirem que eles apagaram você. Bem, dentro de um ou dois dias a coisa vai estourar na cara deles. A verdade está sendo revelada, por cortesia do Pinhão de Carmel...

Jesse girou para me encarar. Estava mais furioso do que nunca.

— Suzannah. O que você está falando?

— Conte a história toda a Cee Cee — expliquei, incapaz de impedir que o tom de orgulho se esgueirasse na voz. — Ela está fazendo estágio no jornal. Disse que vão publicar a história, a história real do que aconteceu com você, no domingo.

Ao ver sua expressão ficando, no mínimo, mais sombria, acrescentei:

— Jesse, eu tinha de fazer isso. Maria matou o cara da sociedade histórica, de quem ela roubou sua pintura para fazer o exorcismo. Tenho certeza de que matou o avô dele também. Maria e o marido mataram todo mundo que já tentou contar a verdade sobre o que aconteceu com você naquela noite. Mas não vão poder mais fazer isso. A história vai chegar a trinta e cinco mil pessoas. Talvez mais, porque vão colocar no site do jornal. Maria não poderá matar todo mundo que ler.

Jesse balançou a cabeça.

— Não, Suzannah. Ela vai se contentar em matar você.

— Jesse, ela não pode me matar. Já tentou. Tenho uma novidade: eu sou realmente dura de matar.

— Talvez não.

Jesse estava segurando uma coisa, e eu olhei. Para minha surpresa, vi que era a corda que estivéramos seguindo.

Só que, em vez de ver a ponta desaparecendo no buraco por onde eu tinha subido, ela estava esgarçada na mão de Jesse. Como se tivesse sido cortada.

Com uma faca.

Capítulo 16

Olhei horrorizada para a ponta da corda.

Engraçado. Sabe qual foi a primeira coisa que me passou pela cabeça?

— Mas o padre Dom disse que Maria e Felix eram bons católicos — gritei — Então o que estão fazendo lá embaixo naquela igreja?

Jesse teve um pouco mais de presença de espírito do que eu. Pegou meu pulso e o torceu para ver o mostrador do relógio do padre Dominic.

— Quanto tempo a mais você tem? — perguntou ele. — Quantos minutos?

Engoli em seco.

— Oito. Mas o motivo para o padre Dom ter abençoado minha casa foi para que eles não tentassem entrar, e então olha só o que eles fizeram. Entraram numa igreja...

Jesse olhou em volta.

— Vamos achar a saída — falou. — Não se preocupe, Suzannah. Tem de estar por aqui. Vamos achar.

Mas não íamos. Eu sabia. Não havia sentido sequer em olhar. Com a névoa cobrindo o chão tão densa, não havia chance de encontrarmos o buraco pelo qual eu tinha subido.

Não. Suzannah Simon, que fora tão dura de matar, de fato já estava morta.

Comecei a desamarrar a corda da cintura. Se ia encontrar meu criador, pelo menos queria estar com boa aparência.

— Deve estar por aqui — dizia Jesse enquanto balançava a mão na névoa, tentando afastá-la para ver por baixo. — Deve estar, Suzannah.

Pensei no padre Dominic. E em Jack. Pobre Jack. Se aquela corda tinha sido cortada, só podia ser porque alguma coisa catastrófica aconteceu lá embaixo naquela igreja. Maria de Silva, aquela católica praticante que o padre D. tivera tanta convicção de que jamais ousaria atacar um terreno consagrado, não se apavorava tanto com a possibilidade de ofender o Senhor quanto o padre Dominic havia presumido. Eu esperava que ele e Jack estivessem bem. O problema dela era comigo, e não com eles.

— Suzannah. — Jesse estava me espiando. — Suzannah, por que você não procura? Não pode desistir, Suzannah. Vamos encontrar. Sei que vamos encontrar.

Só olhei para ele. Nem o estava vendo, realmente. Estava pensando na minha mãe. Como é que o padre Dominic iria explicar? Quero dizer, se é que ele também já não estava morto. Mamãe iria suspeitar muito, muito mesmo, se meu corpo fosse encontrado na basílica. Quero dizer, eu nem freqüentava a igreja aos domingos. Por que estaria lá numa noite de sexta-feira?

— Suzannah! — Jesse me segurou pelos dois ombros. Agora me deu uma sacudida com força suficiente para fazer meu cabelo voar. — Suzannah, está ouvindo? Só temos mais cinco minutos. Precisamos achar uma saída. Chame-o.

Pisquei para ele, afastando confusa o cabelo dos olhos.

Isso pelo menos era uma coisa boa. Eu nunca teria de me preocupar em achar o tom perfeito para cobrir as grisalhos. Agora nunca ficaria grisalha.

— Chamar quem? — perguntei atordoada.

— O porteiro — respondeu Jesse com os dentes trincados. — Você disse que ele era seu amigo. Talvez nos mostre o caminho.

Olhei nos olhos de Jesse. Vi neles uma coisa que nunca havia notado. Percebi, num jorro, o que era essa coisa.

Medo. Jesse estava com medo.

E de repente fiquei com medo também. Antes estivera chocada. Agora estava apavorada. Porque, se Jesse estava com medo, bem, isso significava que uma coisa muito, muito ruim ia acontecer. Porque Jesse não se apavora com facilidade.

— Chame-o — insistiu ele.

Afastei meu olhar do dele e espiei ao redor. Em toda parte — toda parte para onde olhava — só via nevoa, céu noturno e mais névoa. Nada do porteiro. Nenhum buraco para voltar a igreja da Missão Junipero Serra. Nenhum corredor cheio de portas. Nada.

E então, de repente, havia uma coisa. Uma figura vindo na nossa direção. Fiquei cheia de alívio. O porteiro, finalmente. Ele me ajudaria. Eu sabia que sim...

Só que, quando chegou mais perto, vi que não era o porteiro. O cara não tinha nada na cabeça além de cabelos. Cabelos castanhos encaracolados. Exatamente como...

— Paul? — falei incrédula.

Não podia acreditar. Era o Paul. Paul Slater. Paul Slater estava vindo para nós. Mas como...

— Suze — disse ele em tom casual enquanto se aproximava.

Suas mãos estavam nos bolsos, com a camisa Brooks Brothers para fora da calça. Parecia que tinha acabado de chegar de um longo dia no campo de golfe.

Paul Slater. Paul Slater.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei. — Você está... está morto?

— Eu ia lhe fazer a mesma pergunta. — Paul olhou para Jesse, que continuava segurando meus ombros. — Quem é o seu amigo? Presumo que seja amigo, não é?

— Eu... — Olhei de Jesse para Paul e de volta. — Vim aqui pegá-lo. Ele é meu amigo. Meu amigo Jesse. Jack o exorcizou por acidente e...

— Ah — disse Paul, balançando para trás e para a frente nos calcanhares. — É. Eu lhe disse que deveria ter deixado o Jack em paz. Ele nunca será um de nós, você sabe.

Só o encarei. Não podia deduzir o que estava acontecendo. Paul Slater, aqui? Não fazia nenhum sentido. A não ser que estivesse morto.

— Um de... de quê?

— Um de nós — repetiu Paul. — Eu lhe disse, Suze. Todo esse absurdo de fazer o bem, de ser mediador. Não acredito que você tenha caído nessa. — Ele balançou a cabeça, rindo um pouquinho. — Achei que era mais inteligente do que isso. Quero dizer, o velho, dá para entender. Ele é de um mundo totalmente diferente, de outra geração. E Jack, claro, é... bem, claramente inadequado para esse tipo de coisa. Mas você, Suze. Eu esperaria mais de você.

Jesse soltou meus ombros, mas ficou com uma das mãos firme num dos meus pulsos... o pulso que estava com o relógio do padre Dominic.

— Imagino que este não seja o porteiro — disse ele.

— Não — falei. — Este é o irmão de Jack, Paul. Paul? — Olhei-o. — Como chegou aqui? Você está morto?

Paul revirou os olhos.

— Não. Por favor. E você não precisa passar por toda aquela baboseira para vir aqui, também. Como eu, você pode vir e ir embora quando quiser, Suze. Simplesmente passou tanto tempo “ajudando” — ele fez as aspas no ar com os dedos — almas perdidas como esta — e balançou a cabeça na direção de Jesse — que não teve chance de se concentrar em descobrir seu verdadeiro potencial.

Encarei-o.

— Você disse... você me disse que não acreditava em fantasmas.

Ele sorriu como uma criança com a mão presa no vidro de biscoitos.

— Deveria ter sido mais específico. Não acredito é, deixá-los pegar no meu pé, como você claramente deixa. — Seu olhar foi até Jesse, cheio de desprezo.

Eu continuava com problemas para processar o que estava vendo... e ouvindo.

— Mas... mas não é isso que os mediadores devem fazer? — gaguejei. — Ajudar almas perdidas?

Paul conteve um tremor, como se a névoa girando ao nosso redor subitamente tivesse ficado mais fria.

— De jeito nenhum. Bem, talvez o velho. E o garoto. Mas eu, não. E você, certamente, não, Suzannah. E se tivesse se incomodado em me dar um tempo, em vez de ficar tão envolvida em resgatar esse aí — ele deu um riso de desprezo na direção de Jesse —, talvez eu pudesse lhe mostrar exatamente do que é capaz. Que é muito mais do que você pode começar a imaginar.

Um olhar para Jesse me mostrou que era melhor eu cortar essa conversinha se não quisesse mais derramamento de sangue. Pude ver um músculo, que nunca tinha notado antes, saltando no maxilar de Jesse.

— Paul — falei. — Quero que saiba que realmente significa muito para mim o fato de que você, aparentemente, tem todo o controle do mundo místico. Mas neste momento, se eu não voltar a Terra, vou acordar morta. Para não mencionar que, se não estou enganada, seu irmãozinho pode estar passando o maior perrengue lá embaixo com um cara chamado Diego e uma garota de saia-balão.

Paul assentiu.

— É. Graças a você e sua recusa em reconhecer seu verdadeiro talento, a vida de Jack está em perigo, bem como a do padre, por sinal.

Jesse fez um movimento súbito na direção de Paul, que eu interrompi segurando sua mão.

— Então que tal nos ajudar um pouquinho, hein, Paul, já que sabe tanto? — perguntei. Não era brincadeira conter o Jesse. Ele parecia pronto para arrancar a cabeça do cara. — Como podemos sair daqui?

Paul deu de ombros.

— Ah, é só isso que você quer saber? É fácil. Basta ir para a luz.

— Ir para a... — parei, furiosa. — Paul!

Ele deu um risinho.

— Desculpe. Só quis saber se você tinha visto o filme. Mas não estava rindo uma fração de segundo depois, quando Jesse de repente se lançou contra ele.

Sério. Foi que nem um documentário do mundo animal.

Num instante Paul estava ali parado, dando um risinho, e no outro o punho de Jesse estava afundando em seu rosto bronzeado e bonito.

Bem, eu tentei impedi-lo. Afinal de contas Paul provavelmente era minha única saída dali. Mas não posso dizer que realmente me importei ao ouvir o som de cartilagem nasal se rompendo.

Paul foi uma gracinha. Começou a xingar e dizer coisas como:

— Você quebrou meu nariz! Não acredito que você quebrou meu nariz!

— Vou quebrar mais do que o nariz — declarou Jesse, agarrando Paul pelo colarinho e balançando o punho sujo de sangue na frente dos olhos dele — se não disser como sair daqui agora.

Jamais descobri como Paul poderia ter respondido a esta interessante ameaça. Porque escutei uma voz docemente familiar chamando meu nome. Girei, e ali, correndo para mim através da névoa, estava Jack.

Em volta de sua cintura havia uma corda.

— Suze — gritou ele. — Venha depressa! Aquela fantasma ruim, contra quem você me avisou, cortou sua corda. E agora ela e aquele outro estão batendo no padre Dominic! — Então ele parou de correr, viu Jesse ainda segurando Paul ensangüentado e disse, curioso: — Paul? O que você está fazendo aqui?

Um instante se passou. Na verdade foi o tempo de uma batida de coração, se eu tivesse coração, coisa que, claro, não tinha. Ninguém se mexeu. Ninguém respirou. Ninguém piscou.

Então Paul olhou para Jesse.

— Você vai se arrepender disso — falou. — Entende? Vou fazer você lamentar.

Jesse apenas riu, sem o mínimo traço de humor. — Esteja à vontade para tentar.

Então empurrou Paul, como se ele fosse um lenço de papel usado, adiantou-se, segurou meu pulso e me arrastou até Jack.

— Então nos leve — disse ao menino.

E Jack, enfiando a mão na minha, fez isso sem olhar para o irmão. Nem mesmo uma vez.

O que me revelou praticamente tudo, percebi. Menos o que realmente queria saber.

Exatamente quem — ou, mais corretamente, o que — era Paul Slater.

Mas não tive tempo para ficar e descobrir. O relógio do padre Dominic me dava um minuto para voltar ao corpo ou ser posta na difícil situação de não ter um corpo... o que tornaria um verdadeiro problema começar o último ano do segundo grau.

Felizmente o buraco não ficava longe de onde estivemos.

Quando chegamos lá e olhei para baixo, não pude ver o padre Dominic em lugar nenhum. Mas podia ouvir os sons de uma luta — vidro se partindo, objetos pesados batendo no chão, madeira sendo lascada.

E pude ver meu corpo estendido abaixo, como se eu estivesse dormindo, e dormindo tão profundamente que não reagia ao som de toda aquela balburdia. Nem mesmo um tremor.

De algum modo a descida parecia muito mais longa do que tinha sido a subida.

Virei-me e olhei para Jack.

— Você deve ir primeiro. Vamos baixá-lo pela corda. Mas ele e Jesse gritaram ao mesmo tempo:

— Não!

E a próxima coisa que eu soube era que estava caindo.

Verdade. Despenquei e despenquei, e apesar de não poder ver grande coisa enquanto caía, pude ver onde iria bater. E, vou lhe contar, não estava achando legal esmagar meu próprio...

Mas não. Exatamente como nos sonhos de queda, abri os olhos no momento do impacto e me vi piscando para o rosto de Jesse e Jack, que me espiavam da borda do buraco que o padre Dom havia criado com seu cântico.

Estava dentro de mim mesma outra vez. E inteira. Dava para ver, quando estendi as mãos para verificar se as pernas continuavam no lugar. Continuavam. Tudo funcionava. Até o hematoma na testa doía de novo.

E quando, um segundo depois, uma estátua da Virgem Maria — a que, segundo Adam, chorava sangue — caiu sobre minha barriga, bem, isso também doeu de verdade.

— Aí está ela — gritou Maria de Silva. — Pegue-a!

Vou lhe contar, estou realmente ficando cansada de pessoas — principalmente pessoas mortas — tentando me matar. Paul está certo: eu sou boazinha. Não faço nada além de tentar ajudar as pessoas, e o que recebo em troca? Estátuas da Virgem Maria na barriga. Não é justo.

Para mostrar como achava tudo isso injusto, empurrei a estátua para o lado, fiquei de pé e agarrei Maria pela parte de trás da saia. Aparentemente, lembrando-se do último incidente comigo, ela decidiu fugir. Mas era tarde demais.

— Sabe, Maria — falei em tom ameno enquanto a puxava pelas fitas, como um pescador recolhendo uma truta realmente grande. — Garotas como você me irritam mesmo. Quero dizer, não só porque mandam os caras fazerem seu serviço sujo em vez de o fazerem sozinhas. É todo esse negócio de “sou muito melhor do que você porque sou uma de Silva” que me incomoda de verdade. Porque isso aqui são os Estados Unidos. — Estendi a mão e peguei um punhado de seus cabelos pretos brilhantes e encaracolados. — E nos Estados Unidos todos somos criados iguais, quer o sobrenome seja de Silva ou Simon.

— É? — gritou Maria, brandindo a faca. Aparentemente a havia conseguido de volta. — Bem, quer saber o que me irrita em você? Acha que só porque é uma mediadora é melhor do que eu.

Tenho de dizer que isso me deixou louca.

— Isso não é verdade — falei, inclinando-me enquanto ela girava a lâmina. — Não acho que sou melhor do que você porque sou mediadora,

Maria. Acho que sou melhor do que você porque não ando por aí concordando em me casar com caras que não amo.

Num átimo prendi a mão dela as costas de novo. A faca tombou no chão com ruído.

— E mesmo que concordasse — continuei —, não mandaria assassiná-los para poder me casar com outro. Porque — segurando seu cabelo firme com a outra mão, guiei-a até a balaustrada do altar — acredito que a chave para um relacionamento bem-sucedido é a comunicação. Se você simplesmente tivesse se comunicado melhor com Jesse, nada disso estaria acontecendo agora. Quero dizer, este é o seu problema verdadeiro, Maria. A comunicação acontece nos dois sentidos. Alguém tem de falar. E alguém tem de ouvir.

Vendo o que eu ia fazer, Maria guinchou:

— Diego!

Mas era tarde demais. Eu já havia batido seu rosto, com força, contra o corrimão do altar.

— O negócio — expliquei enquanto afastava sua cabeça do corrimão para examinar a extensão dos danos — é que você não ouve, não é? Quero dizer, eu lhe disse para não mexer comigo. E — inclinei-me para a frente e sussurrei em seu ouvido: — acho que eu especifiquei para você não mexer com meu namorado também. Mas você ouviu? Não... você... não... ouviu.

Acompanhei cada uma dessas quatro palavras com um golpe na cara de Maria. É cruel, sei, mas vamos encarar os fatos: ela merecia totalmente. A vaca tinha tentado me matar não uma vez, mas duas.

Não que eu esteja contando nem nada.

Esse é o negócio com as garotas que cresceram no século XIX: são furtivas. Isso eu admito. Tem muito bem resolvido todo o negócio de esfaquear pelas costas e atacar pessoas adormecidas.

Mas e quanto ao combate corpo a corpo? É, nisso não são muito boas. Quebrei seu pescoço facilmente, pisando em cima. Com sapatos Prada!

Uma pena que o pescoço não fosse permanecer quebrado por muito tempo.

Mas enquanto eu estava com ela muito bem dominada, olhei em volta para ver se Jack tinha descido em segurança.

E a coisa não era boa. Ah, Jack estava bem. Só que curvado sobre o padre Dominic, que não parecia nem um pouco bem. Estava caído embotado num dos lados do altar, com aparência péssima. Pulei por cima da balaustrada e fui até ele.

— Ah, Suze — gemeu Jack. — Não consigo acordar ele! Acho que...

Mas, enquanto ele falava, o padre Dom, com os óculos bifocais tortos no rosto, soltou um gemido.

— Padre D.? — Levantei sua cabeça e pousei-a gentilmente no colo. — Padre D., sou eu, Suze. Consegue me ouvir?

O padre D. só gemeu mais um pouco. Mas suas pálpebras tremularam, o que eu sabia que era bom sinal.

— Jack — falei — Corra até aquela caixa dourada atrás do crucifixo, está vendo? E pegue a garrafa de vinho que está lá dentro.

Jack correu para fazer o que eu tinha pedido. Pus o rosto perto do ouvido do padre Dominic e sussurrei:

— O senhor vai ficar bem. Fique firme, padre D. Agüente as pontas.

Um estalo muito alto me distraiu. Olhei para o resto da igreja com um súbito sentimento de frustração. Diego. Ele estava em algum lugar por ali. Tinha me esquecido dele...

Mas Jesse, não.

Não sei por que, mas eu havia simplesmente presumido que Jesse teria ficado naquela arrepiante terra de sombras. Não. Tinha voltado para este mundo — o mundo real — aparentemente sem pensar muito nas coisas das quais poderia estar abrindo mão.

Por outro lado, aqui embaixo ele podia dar um tremendo cacete no cara que o havia matado, de modo que talvez não estivesse abrindo mão de grande coisa. De fato, ele parecia bem disposto a devolver o favor — você sabe, matando o sujeito que o havia matado —, só que, claro, não podia fazer isso, porque Diego já estava morto.

Mesmo assim eu nunca tinha visto ninguém partir para cima de alguém com um objetivo tão claro. Fiquei convencida de que Jesse não iria se satisfazer meramente quebrando o pescoço de Felix Diego. Não, acho que ele queria arrancar a coluna vertebral do sujeito.

E estava se saindo muito bem. Diego era maior do que Jesse, mas também era mais velho, e não tinha pés tão rápidos. Além disso acho que

Jesse simplesmente queria mais. Quero dizer, ver seu oponente decapitado. Pelo menos se a energia com que ele estava brandindo um pedaço de banco de igreja contra a cabeça de Felix Diego servisse como alguma indicação.

— Aqui — disse Jack ofegante quando trouxe o vinho na garrafa de cristal.

— Born — falei. Não era uísque (não é isso que a gente deveria dar as pessoas inconscientes, para acordá-las?), mas tinha álcool. — Padre D. — falei, erguendo sua cabeça e encostando a garrafa em seus lábios. — Beba um pouco disso.

Só que não deu certo. O vinho simplesmente escorreu pelo queixo e pingou no peito.

Enquanto isso Maria tinha começado a gemer. O pescoço quebrado já estava começando a se encaixar de volta.

Esse é o problema dos fantasmas. Eles voltam. E rápido demais.

Jack a olhou arregalado enquanto ela tentava se levantar.

— Uma pena a gente não poder exorcizar ela — disse ele. Encarei-o.

— Por que não?

Jack levantou as sobrancelhas.

— Não sei. Não temos mais sangue de galinha.

— Não precisamos de sangue de galinha. Temos isso. — Assenti para o círculo de velas. Milagrosamente, apesar de toda a luta, elas haviam permanecido de pé.

— Mas não temos um retrato dela. Não precisamos de um retrato dela?

— Não, porque não precisamos invocá-la — falei, colocando gentilmente a cabeça do padre D. de volta no chão. — Ela está aqui mesmo. Venha me ajudar a arrastá-la.

Jack pegou os pés. Eu segurei o tronco. Ela gemeu e lutou o tempo todo, mas quando a colocamos sobre os mantos do coro Maria deve ter sentido — como eu senti — que aquilo era confortável de montão, porque parou de lutar e só ficou ali deitada. O círculo aberto pelo padre Dom acima de sua cabeça continuava lá, com a fumaça — ou névoa, como eu agora sabia — descendo das bordas em redemoinhos turvos.

— Como vamos fazer o buraco sugar ela? — perguntou Jack.

— Não sei. — Olhei para Jesse e Diego. Ainda estavam envolvidos no que parecia um combate mortal. Se eu tivesse achado que Jesse não estava em vantagem, teria ido ajudar, mas aparentemente ele ia se dando bem.

Além disso, o cara o havia matado. Achei que era hora de cobrar a dívida, e para isso Jesse não precisava de minha ajuda.

— O livro! — falei me animando. — O padre Dom leu um livro. Olhe em volta. Está vendo?

Jack achou o pequeno volume encadernado em couro preto embaixo do primeiro banco. Mas quando folheou as páginas ficou arrasado.

— Suze — disse ele. — Isso nem é em inglês.

— Tudo bem — falei. Em seguida peguei o livro e abri na página marcada pelo padre Dominic. — Aqui está.

E comecei a ler.

Não vou fingir que sei latim. Não sei. Não tinha a menor idéia do que estava lendo.

Mas acho que a pronuncia não conta quando a gente esta invocando as forças das trevas, já que, enquanto eu falava, aqueles redemoinhos nevoentos começaram a ficar cada vez mais compridos, até que finalmente se derramaram no chão e começaram a se enrolar em volta dos membros de Maria.

Ela nem pareceu se importar. Era como se estivesse gostando da sensação deles em volta dos pulsos e dos tornozelos.

Bem, a garota parecia meio chegada a um sadomasoquismo, se é que você me entende.

Nem lutou quando, enquanto eu continuava lendo, os redemoinhos se apertaram e começaram a erguê-la devagar.

— Ei — disse Jack em voz indignada. — Por que eles não fizeram isso com você? Por que você teve de subir até o buraco?

Mas fiquei com medo de responder. Quem sabia o que poderia acontecer se interrompesse a leitura?

Por isso continuei. E Maria foi subindo cada vez mais, até que ...

Com um grito estrangulado, Diego se separou de Jesse e veio correndo para nós.

— Sua vaca! — gritou ele para mim, olhando horrorizado o corpo de sua mulher pendurado no ar, acima de nós. Traga-a de volta!

Ofegando, com a camisa rasgada no meio e um pequeno fiapo de sangue escorrendo pelo lado do rosto, de um corte na testa, Jesse veio por trás de Diego e falou:

— Se quer tanto sua mulher, por que não vai até ela?

E empurrou Felix Diego para o centro do círculo de velas. Um segundo depois, redemoinhos de fumaça partiram para se enrolar nele também.

Diego não recebeu o exorcismo com tanta facilidade quanto a mulher. Não parecia estar se divertindo nem um pouco. Chutava, gritava e disse um bocado de coisas em espanhol que eu não entendi, mas que sem dúvida Jesse entendeu.

Mesmo assim, a expressão de Jesse não mudou nenhuma vez. De vez em quando eu erguia o olhar do que estava lendo e verificava. Ele ficou observando os dois amantes — o que o havia matado e a que tinha ordenado sua morte — desaparecerem no mesmo buraco de onde havíamos descido.

Até que, finalmente, quando pronunciei o ultimo “amém”, eles desapareceram.

Quando o último eco dos gritos vingativos de Diego morreu, o silêncio preencheu a igreja. Era um silêncio tão penetrante que chegava a ser um pouco esmagador. Eu mesma estava relutante em rompê-lo. Mas achei que era preciso.

— Jesse — falei em voz baixa.

Mas não o suficiente. Meu sussurro, no silêncio da igreja depois de toda aquela violência, pareceu um grito.

Jesse afastou o olhar do buraco por onde Maria e Diego tinham desaparecido e me olhou de modo interrogativo.

Assenti para o buraco.

— Se quer voltar — falei, ainda que cada palavra, eu tinha certeza, tivesse um gosto parecido com aqueles besouros que Dunga acidentalmente havia derramado na boca —, a hora é agora, antes que ele se feche outra vez.

Jesse olhou para o buraco, depois para mim, em seguida de novo para o buraco.

E de novo para mim.

— Não, obrigado, mi hermosa — disse em tom casual. — Acho que quero ficar e ver como tudo isso termina.

Capítulo 17

O modo como tudo terminou naquele dia foi com Jack, Jesse e eu ajudando o padre Dominic, quando ele finalmente voltou a si, a ir até um telefone, ligar para a polícia e informar que havia encontrado dois ladrões saqueando a igreja.

Era mentira, sim. Mas de que outro modo iria explicar os danos que Maria e Diego tinham causado? Para não mencionar o galo no cocuruto?

Então, assim que tivemos certeza de que a polícia e uma ambulância estavam a caminho, Jesse e eu deixamos o padre Dominic e esperamos com Jack o táxi que havíamos chamado, cuidando para não falar na única coisa que tenho certeza de que todos estávamos pensando: Paul.

Não que eu não tentasse fazer Jack me contar o que havia com o irmão. Basicamente a conversa foi assim:

Eu: — E aí, Jack. Qual é a do seu irmão?

Jack: (com uma careta) — Não quero falar nisso.

Eu: — Dá para entender. Mas ele parece ser capaz de se mover livremente entre o reino dos vivos e o dos mortos, e acho isso alarmante. Acha possível que ele seja o filho de Satã?

Jesse: — Suzannah!

Eu: — Quero dizer, no melhor sentido possível.

Jack: — Não quero falar nisso.

Eu: — O que é perfeitamente compreensível. Mas você já sabia que Paul era mediador também? Ou ficou tão surpreso quanto nós? Porque não pareceu muito surpreso quando se encontrou com ele, você sabe, lá em cima.

Jack: — Realmente não quero falar disso agora.

Jesse: — Ele não quer falar disso, Suzannah. Deixe o garoto em paz.

O que era fácil para o Jesse. Jesse não sabia o que eu sabia. Que Paul, Maria e Diego... estavam de conluio. Eu tinha demorado um tempo para perceber, mas agora que tinha percebido, era capaz de chutar a mim mesma por não ter notado antes: Paul me mantivera ocupada no Friday's

enquanto Maria e Jack faziam o exorcismo de Jesse. A observação de Paul: “É mais fácil pegar moscas com mel do que com vinagre.” Maria não tinha me dito exatamente a mesma coisa, apenas algumas horas antes?

Os três — Paul, Maria e Diego — haviam formado uma trindade profana, aparentemente ligados pelo ódio contra uma pessoa: Jesse.

Mas que motivo Paul, que só conheceu Jesse naquele momento no purgatório, teria para odiá-lo? Agora, claro, sua aversão era compreensível: Jesse havia lhe causado um tremendo ferimento, algo de que Paul jurou se vingar na próxima vez em que o visse. Tenho certeza de que Jesse não estava levando isso muito a sério, mas fiquei preocupada. Quero dizer, tinha passado por uma tremenda encrenca para tirar Jesse de uma situação difícil. Não me sentia muito entusiasmada para vê-lo mergulhar direto em outra.

Mas não adiantava. Jack não queria falar. O garoto estava traumatizado. Bem, mais ou menos. Na verdade parecia estar se divertindo um bocado. Só não queria falar sobre o irmão.

O que me incomodou. Porque tinha um monte de perguntas. Por exemplo, se Paul era mediador — e devia ser; de que outro modo poderia estar andando lá por cima? —, por que não tinha ajudado o irmão com o negócio de “eu vejo gente morta”, por que não disse umas palavras de encorajamento e garantido que o pobre coitado não era maluco?

Mas se eu esperava conseguir alguma resposta de Jack, fiquei tremendamente desapontada.

Acho que, se tivesse um irmão como Paul, provavelmente também não iria querer falar sobre isso.

Assim que Jack foi deixado em segurança no hotel, Jesse e eu começamos a longa volta para casa (eu não tinha mais dinheiro para um táxi do hotel para casa).

Você pode se perguntar o que conversamos naquela caminhada de cinco quilômetros. Muita coisa, sem dúvida, poderia ter sido discutida.

No entanto, para dizer a verdade, não lembro. Não acho que tenhamos realmente falado de coisas importantes.

O que havia para ser dito?

Entreí em casa com o mesmo sucesso com que havia saído. Ninguém acordou, a não ser o cachorro, e assim que viu que era eu, voltou a dormir. Ninguém tinha percebido minha ausência.

Ninguém nunca percebe.

Spike era o único, além de mim, que tinha notado o sumiço de Jesse, e sua alegria ao vê-lo foi um embaraço para todos os felinos. Dava para ouvir o gato idiota ronronando do outro lado do quarto ...

Mas não ouvi por muito tempo. Porque o que aconteceu foi que entrei, puxei as cobertas, tirei os sapatos e subi na cama. Nem lavei a cara. Subi na cama, olhei uma última vez para Jesse, como se para garantir que ele realmente estava de volta, e dormi.

E fiquei dormindo até o domingo.

Mamãe se convenceu de que eu havia contraído mononucleose. Pelo menos até ver o hematoma na testa. Então decidi que eu estava sofrendo de aneurisma. Por mais que tentasse convencê-la de que nada disso era verdade — que eu só estava muito, muito cansada —, ela não acreditou, e tenho certeza de que me arrastaria ao hospital na manhã de domingo para uma tomografia — e, eu tinha dormido por quase dois dias —, só que ela e Andy precisavam ir a colônia de férias, pegar o Mestre.

O negócio é que acho que morrer — mesmo que por meia hora — pode ser muito exaustivo.

Acordei morrendo de fome. Depois de mamãe e Andy terem saído — após arrancar a promessa de que eu não sairia de casa o dia inteiro e esperaria humildemente por eles, para que pudessem reavaliar meu estado de saúde —, comi dois pãezinhos e uma tigela de cereal antes que Soneca e Dunga ao menos aparecessem a mesa, desgrenhados e amarfanhados. De minha parte, eu já havia tomado banho e trocado de roupa, e estava pronta para enfrentar o dia ... ou pelo menos o desemprego, já que não tinha certeza se o Pebble Beach Hotel and Golf Resort estenderia meu contrato por ter perdido dois dias de trabalho seguidos.

Mas Soneca me tranquilizou.

— Não, tudo bem — falou enquanto enfiava Cherrios na boca. — Falei com Caitlin. Conteí que você estava passando, sabe, por uma coisa. Por causa do defunto no quintal. Ela disse que tudo bem.

— Verdade? — Eu não estava escutando Soneca. Em vez disso olhava Dunga comer, sempre uma visão que provoca espanto. Desejei ter uma câmera para gravar o acontecimento para a posteridade. Ou pelo menos provar a próxima garota que declarasse que meu meio-irmão era um gato como ela estava errada. Fiquei olhando enquanto, sem erguer o olhar do jornal aberto a sua frente, Dunga enfiava a outra metade do pãozinho na boca e, de novo sem mastigar, o ingeria como as cobras devoram ratos.

Era a coisa mais nojenta que eu tinha visto na vida. Bem, fora os besouros na caixa de suco de laranja.

— Ah. — Soneca se inclinou para trás na cadeira e pegou uma coisa no balcão atrás dele. — Caitlin disse para dar isso a você. É dos Slater. Eles foram embora ontem.

Peguei o envelope que ele jogou. Era gordo. Havia algo duro dentro. Do lado de fora estava escrito SUZAN.

— Eles só iam embora hoje — falei rasgando o envelope.

— Bem. — Soneca deu de ombros. — Saíram mais cedo. Não sei por que.

Li a primeira carta que estava no envelope. Era da sra. Slater. Dizia:

“Cara Suzan,

O que posso dizer? Você fez maravilhas pelo nosso Jack.

Ele parece um menino diferente. As coisas sempre foram mais difíceis para o Jack do que para o Paul. Jack simplesmente não tem a inteligência do Paul, acho. De qualquer modo, lamentamos muito não podermos nos despedir, mas tivemos de partir antes da hora programada. Por favor, aceite este pequeno sinal de nosso agradecimento, e saiba que Rick e eu estaremos lhe devendo para sempre.

Nancy Slater”

Dobrado neste bilhete havia um cheque de duzentos dólares.

Não estou brincando. E não era o pagamento da semana.

Era a gorjeta.

Pus o cheque e a carta ao lado da tigela de cereal e peguei o próximo bilhete no envelope. Era do Jack.

“Querida Suze,

Você salvou minha vida. Sei que não acredita, mas salvou. Se não tivesse feito o que fez, eu ainda estaria com medo. Acho que nunca mais vou ter medo. Obrigado, e espero que sua cabeça esteja melhor. Escreva se puder.

Com amor, Jack

P.S. Por favor, não me pergunte mais sobre o Paul. Sinto muito o que ele fez. Tenho certeza de que não foi de propósito. Ele não é tão mau.”

“Ah, certo”, pensei cinicamente. “Não é tão mau?” O cara era arrepiante! Podia andar livremente na terra dos mortos, no entanto, quando o irmão vivia morrendo de pavor porque podia ver gente morta, nem levantou um dedo para explicar. O cara era muito mau. Sinceramente esperava nunca mais vê-lo de novo.

Havia um segundo pós-escrito no bilhete de Jack.

“P.P.S. Achei que talvez você quisesse ficar com isso. Não sei o que fazer com ele.”

Inclinei o envelope e, para minha grande surpresa, caiu a miniatura de Jesse que eu tinha visto na mesa de Clive Clemmings, na sociedade histórica. Olhei para ela, pasma.

Teria de devolver. Foi meu primeiro pensamento. Tinha de devolver. Quero dizer, não tinha? A gente não pode ficar com coisas assim. Seria como roubar.

Só que, de algum modo, não acho que Clive se importaria.

Especialmente depois que Dunga levantou a cabeça sobre o jornal e disse:

— Ei, a gente saiu aqui.

Soneca ergueu os olhos da seção de automóveis onde, como sempre, estivera procurando um Camaro 67 preto com menos de 80.000 quilômetros.

— Corta essa — disse ele em voz entediada.

— Não, sério — insistiu Dunga. — Olha.

Ele virou o jornal, e ali estava uma foto da nossa casa.

Ao lado havia uma foto de Clive Clemmings e uma reprodução do retrato de Maria.

Arranquei o jornal da mão de Dunga.

— Ei — gritou ele. — Eu estava lendo isso!

— Deixe alguém que consegue pronunciar todas as palavras grandes tentar — respondi.

E então li em voz alta para os dois o artigo de Cee Cee. Ela havia escrito, basicamente, a mesma história que eu tinha contado, começando com a descoberta do corpo de Jesse — só que o chamou de Hector, e não Jesse, de Silva e chegando à teoria do avô de Clive sobre o assassinato. Bateu em todos os pontos certos, enfatizando a traição de Maria e a perversidade geral de Diego. E, sem dizer explicitamente, conseguiu indicar que ninguém da prole do casal tinha dado em grande coisa.

É isso aí, Cee Cee.

Cee Cee deu o crédito de todas as informações ao falecido dr. Clive Clemmings, Ph.D., que, segundo ela, estava decifrando o mistério quando morreu, há alguns dias. Tive a sensação de que Clive, onde quer que estivesse, ia ficar satisfeito. Não somente porque ficou parecendo um herói por ter resolvido um assassinato de 150 anos, mas porque eles conseguiram achar uma foto sua em que ainda tinha a maior parte dos cabelos.

— Ei — disse Dunga quando terminei a leitura. — Por que não falaram de mim? Fui eu que achei o esqueleto.

— Ah, é — respondeu Soneca, enojado. — Seu papel foi mesmo crucial. Afinal de contas, se não fosse você, o crânio do cara ainda podia estar intacto.

Dunga se lançou contra o irmão mais velho. Enquanto os dois rolavam pelo chão, fazendo um barulho estrondoso que o pai jamais teria admitido se estivesse em casa, pus o jornal de lado e voltei ao envelope dos Slater. Ainda havia um pedaço de papel dentro.

“Suze”, diziam as letras fortes e inclinadas. Aparentemente não era para ser... por enquanto.

Paul. Não dava para acreditar. O bilhete era do Paul.

“Sei que você tem perguntas. Também sei que tem coragem. O que me pergunto é se tem a coragem para fazer a pergunta mais difícil para alguém da nossa... facção.

Enquanto isso, lembre-se: se você der um peixe a um homem, ele comerá por um dia. Mas se ensiná-lo a pescar ele comerá todo o peixe que você poderia ter apanhado para si mesma.

É só uma coisinha para ter em mente, Suze.

Paul”

Nossal, pensei. Que encantador. Não é de espantar que nunca tenhamos combinado.

A pergunta mais difícil? O que era isso? E de que facção nós éramos, exatamente? O que esse cara sabia que eu não sabia? Aparentemente, muita coisa.

Mas uma coisa eu sabia. Independentemente do que Paul fosse — e não estava totalmente convencida de que ele fosse um mediador —, ele era um sacana. Quero dizer, Paul tinha deixado Jack na mão não apenas uma vez, mas duas, primeiro não se incomodando em dizer: “Ei, não se preocupe, garoto, para pessoas como você e eu é normal ver gente morta em tudo que é canto”, e na segunda vez deixando-o sozinho naquela igreja enquanto os dois psicopatas arrebentavam o lugar.

Para não mencionar o que, eu estava convencida, ele tinha feito ao Jesse, um cara que ele nem conhecia.

E por isso nunca iria perdoá-lo.

E certamente não iria confiar nele. Nem em suas opiniões sobre pesca.

Mas, por mais enojada que estivesse, não joguei o bilhete fora. Decidi que ele teria de ser mostrado ao padre Dom que, segundo me garantiram por telefone, estava bem — só um pouco dolorido.

Enquanto Soneca e Dunga rolavam — Dunga gritando “Sai de cima de mim, sua bicha” —, peguei meus ganhos e voltei para cima. Ora, era meu dia de folga. Não iria passá-lo dentro de casa, apesar das ordens de mamãe. Decidi ligar para Cee Cee e ver o que ela estava a fim de fazer. Talvez a gente pudesse ir à praia. Eu merecia um pouquinho de descanso e gandaia.

Quando cheguei ao quarto, vi que Jesse já estava de pé.

Em geral ele não faz visitas matinais. Por outro lado, normalmente eu não durmo durante trinta e seis horas direto, por isso acho que nenhum de nós estava seguindo rigidamente a programação.

De qualquer modo, eu não esperava encontrá-lo ali, por isso pulei mais de meio metro e escondi às costas a mão que segurava sua miniatura.

Puxa, qual é! Não quero que ele ache que eu gosto dele nem nada.

— Você acordou — disse ele do banco da janela, onde estava sentado com Spike e um exemplar de *Steal This Book*, de Abbie Hoffman, que eu tinha roubado da estante de minha mãe lá embaixo.

— É... — falei, deslizando até a cama. Talvez, se fosse suficientemente rápida, poderia enfiar a pintura embaixo do travesseiro antes que ele notasse. — Acordei sim.

— Como está se sentindo?

— Eu? — perguntei como se houvesse mais alguém no quarto com quem ele pudesse estar falando.

Jesse pousou o livro e me olhou com outra daquelas expressões. Você sabe, do tipo que eu nunca consigo decifrar.

— Estou ótima.

— Bom. Precisamos conversar.

De repente não me sentia mais relaxada. De fato, saltei de pé. Não sei por quê, mas meu coração começou a bater muito depressa.

Conversar. Sobre o que ele quer conversar? Minha mente ia a duzentos por hora. Acho que deveríamos conversar sobre a que tinha acontecido. Quero dizer, foi bem apavorante e coisa e tal, quase morri, e, como Paul disse, tenho um monte de perguntas.

Mas e se fosse sobre isso que Jesse queria falar? Quero dizer, sobre a parte em que quase morri?

Eu não queria falar disso. Porque o fato é que toda essa parte, a parte em que quase morri, bem, quase morri tentando salvá-lo. Sério. Esperava que ele não tivesse notado, mas pela sua cara dava para ver que tinha, totalmente. Quero dizer, notado.

E agora queria falar sobre isso. Mas como é que eu poderia falar sobre isso? Sem deixar escapar. Quero dizer, a palavra que começa com “a”.

— Sabe de uma coisa? — falei bem depressa. — Não quero conversar. Tudo bem? Realmente, realmente não quero conversar. Estou cheia de conversas.

Jesse tirou Spike do colo e o pousou no chão. Depois se levantou.

O que ele estava fazendo? O que ele estava fazendo? Respirei fundo e continuei falando sobre não falar.

— Só estou ... olha — falei enquanto ele dava um passo na minha direção. — Só vou ligar para Cee Cee e talvez a gente vá à praia ou algo assim. Porque realmente ... preciso de uma folga.

Outro passo na minha direção. Agora ele estava bem na minha frente.

— Principalmente de conversas — falei de modo significativo, olhando para ele. — É disso que eu preciso especialmente de uma folga. De conversas.

— Ótimo – respondeu Jesse. Em seguida estendeu as mãos e segurou meu rosto. — Não precisamos conversar.

E foi então que ele me beijou. Na boca.

A Série continua em: 'A Mediadora – 5 – Assombrado'

Disponibilizado por:

[HTTP://WWW.TOCADACORUJA.NET/](http://www.tocadacoruja.net/)

Revisado e reformatado por:

FabyTS

[HTTP://WWW.4SHARED.COM/U/PPVMZPTQ/95B9C46F/FABYTS](http://www.4shared.com/u/ppvmzptq/95b9c46f/fabyts)

Sobre a digitalização deste livro

Este livro foi digitalizado para proporcionar, gratuitamente, o prazer de sua leitura àqueles que não podem comprá-lo. Dessa forma, a venda deste e-book é totalmente proibida.

Portanto: **Distribua este livro gratuitamente!**

Se você gostar desta obra, considere a possibilidade de adquirir o original.

Onde encontrar E-books:

[HTTP://WWW.TOCADACORUJA.NET/](http://www.tocadacoruja.net/)

[HTTP://WWW.4SHARED.COM/NETWORK/SEARCH.JSP](http://www.4shared.com/network/search.jsp)

[HTTP://WWW.ESNIPS.COM](http://www.esnips.com)

[HTTP://EBOOKSGRATIS.COM.BR](http://ebooksggratis.com.br)

[HTTP://WWW.PORTALDETONANDO.COM.BR](http://www.portaldetonando.com.br)

[HTTP://WWW.LIVROSPARATODOS.NET](http://www.livrosparatodos.net)

Comunidade Tradução de Livros

[HTTP://WWW.ORKUT.COM.BR/MAIN#COMMUNITY.ASPX?CMM=25399156](http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?CMM=25399156)

Comunidade Digitalizações de Livros

[HTTP://WWW.ORKUT.COM.BR/MAIN#COMMUNITY.ASPX?CMM=34725232](http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?CMM=34725232)

Participe da Comunidade: A Mediadora

[HTTP://WWW.ORKUT.COM.BR/MAIN#COMMUNITY.ASPX?CMM=1043373](http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?CMM=1043373)